ANNO XXX. N. 297.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

QUINTA FEIRA 28 DE DEZEMBRO DE 1854.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O.

Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.

Sobre Londres, a 28 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas . . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas. .	16$000
» de 6$400 novas. .	16$000
» de 4$000. . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .	1$940
Pesos columnarios, . . .	1$940
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira ás 11 horas e 42 minutos da manhãa.
Segunda ás 12 horas e 6 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.

Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.

Dezbr. 4 Lua cheia ao 44 minutos e 48 segundos da tarde.
» 12 Quarto minguante ás 3 horas, 43 minutos e 48 segundos da tarde.
» 19 Lua nova as 7 horas, 48 minutos e 48 segundos da tarde.
» 26 Quarto crescente a 1 hora, 21 minutos e 48 segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

25 Segunda. ✠ Nascimento de N. S. J. C.
26 Terça. S. 1.ª oitava. S. Estevão protomartyr.
27 Quarta. 2.ª oitava. S. João apostolo e evang.
28 Quinta. 3.ª oitava. Ss Innocentes mm.
29 Sexta. S. Thomaz de Cantuaria arc. m.
30 Sabbado. S. Sabino b. m.; S. Venustianno.
31 Domingo. (Vago) S. Silvestre p.; Ss. Nominanda, Donata e Minervina mm.

EXTERIOR.

QUESTA'O DO ORIENTE.

O Sr. de Lamartine acaba de publicar os dous primeiros volumes da historia da Turquia. Desde as suas primeiras viagens ao Oriente occupa-se o grande escriptor deste trabalho importante.

A guerra, porem, em que se acham empenhadas as grandes potencias européas, dá a este livro um grande cunho de actualidade; e tanto assim o comprehendeu o proprio autor que fez preceder a uma narrativa de um magnifico prefacio, no qual explica, com as qulidades de estylo e de intelligencia que lhes são proprias, o passado e presente da questão, cuja resolução a maior parte dos publicistas europeus julga dever ser vital para a humanidade.

He esse prefacio que abaixo transcreveremos:

I.

Nunca se escreveu a historia de um povo em tão supremas circumstancias para esse mesmo povo. He quando a desgraça e a iniquidade opprimem uma nação, que chega o momento de ser justo, e de commover-se por ella. A posteridade he como a justiça; compraz-se em defender os fracos e vingar os opprimidos. Os povos encontram na historia o seu castigo algumas vezes, algumas vezes sua vingança, sua justificação e sua gloria.

Despertando em sobre-salto de seu longo somno, pelo perigo de sua raça e de seu nome, atacados em plena paz pela invasão de seus mares e de seu territorio, insultados em seus lares, ultrajados na sua independencia, incendiados nos seus portos, submergidos de todos os lados por exercitos desses Moscovitas, que consideram o numero um direito, e o ferro um titulo, os Turcos de pé sobre os restos de suas fronteiras, empunhando as armas do desespero, combatem sem olhar á direita ou a esquerda, para saber se a Turquia ressuscitará em seu sangue, ou para morrer antes do ultimo dia de sua patria.

Se a Europa não se commove, ao menos deve estar alerta. Chegou a hora de dizer-se o que foram outr'ora, o que são hoje, o que podem vir a ser em pouco tempo, esses Ottomanos desfigurados a seus olhos por antipathias religiosas desde a época das cruzadas. De seculo em seculo essas antipathias vão cahindo em face dos interesses da civilisação das raças, e do equilibrio do globo. Já os povos não vão procurar no céo motivos para se odiar e se assassinar na terra. Não perguntam uns aos outros se são boudhistas, hebreus, mussulmanos, christãos, catholicos, scismaticos, romanos de rito, ou gregos supersticiosos; o que elle perguntam, he se vivem, se são justos, tolerantes, bravos, probos, patriotas, capazes de occupar no globo o lugar que os seculos lhes designaram na distribuição providencial dos territorios. Perguntam se podem defender esta zona de terra ou de mar que occupam, da usurpação universal e ameaçadora de uma outra raça. Perguntam se são capazes, se podem constituir um dique ao transbordamento de uma raça conquistadora, que he necessario conter no seu leito, ou á qual será mister abandonar cobardemente, como a um cataclisma sobrenatural, os territorios, os mares, as nacionalidades, as capitaes, as religiões, as civilisações, as liberdades, o commercio do mundo.

A esta questão responde a Turquia pelo seu heroismo, a Europa pela manifestação unanime de sua consciencia.

Não, a Europa não esta reduzida a resignar-se á omnipotencia da Russia, como a um flagello do destino. O Norte enganou-se na hora de fazer erupção. A Turquia não está morta, e o Occidente, previdente e firme, defenderá no Oriente essas distribuições de territorios e essas independencias de raças, que, abandonadas em um só povo, seriam em pouco aniquiladas entre nós mesmos.

O Occidente nem sempre foi tão previdente e tão sabio! Houve um tempo em que dous poetas, Chateaubriand em França e Byron na Inglaterra, pregaram contra os Ottomanos, em nome dos deoses da Fabula, uma daquellas cruzadas de opinião que se pregaram outr'ora na Europa em nome do Deos do Evangelho. As opiniões cream-nas os publicistas, o enthusiasmo os poetas. O enthusiasmo poetico emancipou a Grecia, apezar dos homens de estado. A imaginação folgou com isso; a politica concebeu presentimentos verificados pelo tempo. Nós mesmo, que eramos então moço e inexperiente a respeito dos negocios do Oriente, que não conheciamos ainda nem os lugares nem os homens, fomos injusto para com os Ottomanos pela admiração que tributamos á coragem dos Gregos. Enganamo-nos com o mundo.

Cumpriria talvez ter protegido e federalisado a Grecia sem a ter destacado completamente do centro ottomano, e sem ter desmembrado o imperio que protege o Oriente e Occidente contra a invasão moscovita. O incendio iniquo e atroz de Navarino foi as luminarias da Russia: predizia o incendio de Sinope.

O sultão Mahmoud, que reinava então, e que se esforçava para regenerar seu imperio por meio da tolerancia e da civilisação européa, derramou lagrimas quando soube daquelle contrasenso e daquelle suicidio das potencias. « Vêde, dizia elle a um diplomata que se disculpava da participação que seu paiz tivera naquelle assassinato frio de Navarino, vêde! a Europa que eu sosinho defendo contra a irrupção dos Moscovitas, junta-se a elles para me aniquilar! a Europa quer sem duvida ser inundada e subjugada depois de mim? »

—He verdade, respondeu o diplomata ao sultão; mas não desespereis da Europa. Um dia virá em que ella há de reconhecer tardiamente vossos esforços, e em que virá queimar em vossos mares essas náos russas, com as quaes se incendiaram vossos navios em Navarino.

— *Deos he Deos*,—disse Mahmoud occultando seu rosto nas mãos e pensando talvez em seu filho.— *seja feita a sua vontade.*

Essa vontade vai ser feita.

II.

Não se trata hoje de Ottomanos ou de Christãos, trata-se da independencia e da inviolabilidade de todos os povos. O rebate do perigo da Europa tocou-se em S. Petersburgo. Todos os povos, que querem conservar um lar livre, devem correr ás armas. As potencias, segundo nossa opinião, tardaram muito em ouvir este appello. Ouviram-no emfim: he tempo de fallar.

Nas questões de regimen interior de seu paiz podem-se ter antipathias ou dar preferencias, que são os direitos da consciencia individual. O cidadão póde guardar silencio, com tristeza, e algumas vezes com patriotismo, nos eclypses da liberdade, a respeito dos problemas do governo. Essas cousas contristam o espirito sem alterar o fundo da nacionalidade, porque os governos não são as sociedades, são apenas a sua forma e o seu mecanismo. Quando esse mecanismo se quebra, encontra-se de novo um povo, um territorio, fronteiras, mares, exercitos, colonias, armadas, tudo aquillo emfim que constitue o que se chama patria.

Se essas formas e esse mecanismo variavel dos governos são cousas que passam com os annos, com as circumstancias, com o exaltamento, com o desanimo das nações, ha no fundo dos povos cousas permanentes, vitaes, que formam a propria essencia de sua existencia nacional, e que, uma vez perdidas, nunca mais se encontram.

Essas cousas são os interesses externos da nação, seu lugar no mundo, sua importancia relativa no globo, seu peso especifico no equilibrio das potencias, suas fronteiras, seus mares, suas allianças, em uma palavra, sua geographia. A respeito de interesses de tamanha gravidade cumpre dizer por toda a parte, e sempre, aquillo que se pensar, com independencia e patriotismo; porque essas cousas não são de um dia, são da eternidade do paiz, e excedem, pela grandeza e duração, o tempo e as vicissitudes dos governos, precedem as dynastias ou as republicas, sobrevivem ás dictaduras e aos imperios. Aquelle que vê que esses interesses soffrem ou estão em perigo, e se cala, não trahe sómente a verdade, trahe tambem o seu paiz.

He isto o que nos faz escrever.

III.

Sem entrar aqui na analyse das innumeraveis considerações que fizeram da alliança da França com a Turquia, desde Francisco I, um proverbio da politica tradicional da França, não diremos do imperio Ottomano senão uma unica cousa: este imperio occupa geographica, maritima e politicamente, na Europa e na Asia, um espaço de mais de cem mil leguas quadradas: e esse espaço, se desapparecer o imperio Ottomano, não pode ser occupado senão pela Russia. Se a Europa consentir com effeito nesse assassinato de um povo por um czar, a Europa não terá apparentemente a pretenção de deixar vasias essas cem mil leguas quadradas, do clima mais favorecido do céo, de territorios os mais ferteis, de littoral o mais rico em bahias e portos, de archipelagos os mais commerciantes, de estreitos os mais inatravessaveis a quem não lhes possue a chave, de mares os mais navegaveis, e com a capital mais predestinada pela geographia para ser de novo o que ja foi, a metropole do universo.

A Russia em lugar da Turquia!...

Eis qual he hoje a opção para a França, para a Inglaterra, para a Europa.

Dito isto, he desnecessario accrescentar uma palavra mais a respeito da conservação ou do desapparecimento do imperio ottomano da carta politica do globo. Reflicta-se nisso por um só instante! A opção está escripta, na terra e nos mares, em caracteres de vida e de morte para a Europa e para a França.

Ou o imperio Ottomano ficará no seu lugar, ou a França perderá aquelle que occupa. He isso o que diz a França, a Inglaterra, a Asia, a Africa, a Hespanha e a Italia; o mesmo dirá a propria Austria, que em breve será victima, se ficar immovel, de uma ambição que a affaga para esmaga-la a seu tempo.

IV.

Antes e depois dos tratados de 1815, o imperio Ottomano, consolidado pelo interesse unanime das potencias, entrou como parte integrante no systema do mundo pacificado.

Este imperio passava internamente pelas phases de todos os imperios que decrescem depois de se terem engrandecido desmedidamente. Mas, ao inverso dos imperios que se deterioram em sua decadencia, o imperio Ottomano civilisava-se, *europeanisava-se*, remoçava pelo contacto com a Europa, ao passo que diminuia de extensão. O pai do sultão actual, o intrepido Mahmoud, arriscava tres vezes sua corôa e sua vida para regenerar sua nação. Depois de ter, pelo golpe de estado o mais heroico e o mais legal de toda a historia moderna, exterminado os Janizaros em flagrante delicto de sedição, o sultão Mahmoud proseguia no interior em seus grandes pensamentos de tolerancia, de assimilação do Oriente ao Occidente. Os prejuizos e o fanatismo tinham sido sepultados com os cadaveres dos Janizaros. O imperio Ottomano ia ter o seu Pedro Grande, depois de ter tido os seus Strélitz.

A' Europa commetteu então o erro do desmembramento da Grecia e do incendio da frota turca em proveito dos Russos em 1840, data de uma politica erronea em França, politica que nós combatemos com todos os nossos esforços na tribuna; commetteu o erro, mais imperdoavel ainda, de pôr o peito á bala por um Pachá do Egypto revoltado contra o sultão. O ministerio francez ameaçou a Europa inteira com a guerra, para desmembrar ainda o imperio ja tão enfranquecido e para arrancar-lhe o Egypto, a Arabia, a Syria até o Taurus e as ilhas. Mais teria valido escrever francamente o — fóra da lei—da Turquia e distribuir as provincias deste imperio. Uma confederação europea teria ao menos conservado o lugar e solidarificado o mundo occidental contra o monopolio da Russia. A victoria de Ibrahim-Pacha em Nezib, animada pelos inconsiderados favores do governo francez de 1840, matou Mahmoud e ameaçou entregar o imperio Ottomano a um aventureiro que o teria tornado a vender á Russia. Um grito de indignação partio de todos os pensamentos em França. O ministerio, abandonado pela opinião, foi obrigado a chamar nossas frotas, a reconhecer honrosamente seu erro e a retirar-se. Assignou-se em Londres a reconsolidação do imperio Ottomano pelo tratado de 15 de junho. Um gesto da Europa e alguns milhares de Austriacos desembarcados na Syria bastaram para transformar em derrota a invasão do exercito egypcio de Ibrahim-Pachá, que se reputava invencivel, e que foi repellido nas margens do Nilo.

V.

O sultão Mahmoud morrêra sob o peso de suas desgraças e da falsa politica franceza de 1840; seu filho Abdul-Medjid recebeu o imperio no berço, debaixo dos melhores auspicios. As reformas estavam feitas, os odios que excita sempre um reformador tinham morrido com Mahmoud.

Nunca soberano algum pareceu mais predestinado por seu nascimento, por seu caracter, até por seu proprio exterior, a reparar pacificamente um imperio.

Eis-aqui o retrato verdadeiro que nós traçamos de Abdul-Medjid algum tempo mais tarde, ao sahir de uma larga conversa com elle. Milhares de testemunhas poderão attestar á Europa que este retrato nada tem de favorecido nem de illusorio.

. . . .
. . . .
. . . .

VIII.

Eis o principe innocente, estudioso, pacifico, que a Asia e a Europa admiravam, trabalhando pela civilisação e felicidade de seus povos, sem distincção de raça e de culto, e que formava em torno de si, por seu exemplo, homens dignos delle, quando a Russia, por um sentimento cujo juizo deixamos á consciencia, mandou-lhe mais um pro-consul do que um embaixador, para ultraja-lo em seu palacio, um exercito para apoiar estes ultrajes, e uma frota para incendiar seus navios e seus portos.

Ora, qual era o crime de Abdul-Medjid? Ei-lo aqui: Civilisando o seu povo, elle o fortificava e o fazia entrar, de anno em anno, cada vez mais na alliança dos costumes do Occidente. Preparava-se, de dia em dia, para realisar mais esse sublime progresso, manifestado em seu nome pelos ministros de seu pensamento e de seu coração.

« Tornar as condições politicas, civis e religiosas de tal sorte iguaes entre os mussulmanos e os christãos de todas as communhões do imperio, que não existisse mais sob a lei do sultão senão um só e unico povo de differentes raças e religiões. Em uma palavra nacionalisar todos esses fragmentos de nações que cobrem o solo da Turquia por meio de tanta imparcialidade, doçura, igualdade, tolerancia, que cada uma dessas populações tenha sua honra, sua consciencia, e sua segurança interessadas em concorrer para a manutenção do imperio em uma especie de confederação monarchica debaixo dos auspicios do sultão. » (Palavras de Abdul-Medjid.)

O coração da Europa respondia a estas palavras, assim como por toda a parte, os factos. Visitai Smyrna, Constantinopla, a Syria, o Libano; entrai nos mosteiros, nos hospicios, nos templos, nas casas de educação de ambos os sexos, dirigidas por homens e mulheres de todas as ordens monasticas que se consagram ao allivio das enfermidades humanas ou ao ensino religioso, desde as irmãas da caridade até os lazaritas, e perguntai a esses innumeraveis estabelecimentos pios se houve jamais falta de favores e de protecção para elles da parte do imperio. Responder-vos-hão todas abençoando a benevola imparcialidade dos Ottomanos, e o nome do sultão. Não ha cidade em França, onde as consciencias e suas obras sejam mais inviolaveis e mais favorecidas do que nessas capitaes, nessas cidades, nesses campos ao sul e ao norte do Libano. Não he lá que se devem procurar martyres; todas as liberdades tem os seus; os Europeus bem sabem qual he a liberdade de consciencia que a Russia leva na ponta de suas baionetas ao Oriente e ao Occidente.

IX.

O mundo inteiro interessava-se em que os designios de Abdul-Medjid se cumprissem pacificamente em seus estados. Na reconsolidação do imperio Ottomano, na disciplina e no aguerreamento de seu exercito, o mundo via uma vanguarda e um dique contra a irrupção universal da Russia. Nós mesmos, encarregados um dia, n'uma grande tempestade, de velar pelos interesses externos da França, demos ao seu embaixador em Constantinopla esta instrucção summaria, mas cathegorica, no meio da conflagração da Europa: « Não provoqueis « a guerra entre a Turquia e a Russia; desviai o « governo ottomano de qualquer aggressão aos Russos; mas, se a Russia ousar aproveitar-se do abalo « geral da Europa para atacar ou ameaçar o imperio Ottomano, dizei ao sultão, que a França he « alliada obrigada da Turquia, e que ella pode dispor, para sua defeza, não só das frotas, mas dos « exercitos da França como de seus proprios exercitos. Em caso de guerra, intentada pela Russia ao « imperio Ottomano, a alliança certa, porque he natural, he a alliança triplice da França, da Inglaterra e do imperio Ottomano. »

A Russia ouvio estas palavras; ficou immovel; a Turquia não abusou da declaração da França: não provocou a Russia. A guerra parecia esperar em S. Petersburgo, não sabemos que opportunidade surda que lhe désse o pretexto do phanatismo para o grande assassinato que ella meditava. A França commetteu o erro de despertar fóra de proposito a questão chamada dos *Santos-Lugares*, puerilidade diplomatica que os negociadores sem que fazer divertem-se em revolver de tempos em tempos á instigação de alguns frades italianos ou hespanhoes em guerra perpetua de anterioridade com alguns frades bysantinos.

Não daremos conta dessas questões de hyssope por lugares no atrio ou no portico, por vaidades de sacristia, por horas e por *chaves*. Todo isso he infimo. Uma gotta de sangue do mundo vale mais que esses orgulhos de frades, esses ciumes de perigrinos. A verdade he que os Turcos mantém sós a policia, a imparcialidade, o respeito e a paz em torno desses santuarios; a verdade he que os encarniçados combates dos Gregos e dos Latinos por diversas vezes escaparam de incendiar, saquear e aniquilar os Santos-Lugares que se disputavam. Não fallamos aqui senão daquillo de que somos testemunha.

Vendo levantar aquella questão dos Santos-Lugares, que convém conservar esquecida, prevenimos o que ia succeder.

Era indubitavel que a Russia, vendo a França agitar esta questão em Constatinopla, havia julgar-se obrigada, para conservar e augmentar sua popularidade orthodoxa-grega no Oriente, a tentar por si mesma alguma ruidosa manifestação de protectorado religioso, que fizesse com que os Gregos da Asia dissessem: « Tambem nós temos um patrono em Moscow. » Dahi o que se passou entre o embaixador do czar e o governo do sultão.

X.

Entretanto, he mister reconhecê-lo em abono do governo francez, logo que vio que sua pretenção, mais monacal que politica, ao monopolio dos Santos-Lugares, era um máo exemplo dado á Russia e que pela mão das seitas a guerra podia sahir do sepulcro de um Deos de paz, o governo francez apressou-se em abafar o pretexto da discordia. Retirou suas exageradas exigencias, moderou suas notas, interpretou-as, deu plena satisfação á Russia, e entrou no direito commum das nações, e na igualdade de protecção garantida pelo divan aos estabelecimentos e ás romagens dos Santos-Lugares. Não podemos senão apoiar o governo francez por ter assim vedado que apparecesse qualquer occasião legitima de guerra. Uma prepotencia diplomatica e uma intriga monastica não valem a paz do mundo.

XI.

Mas isto não satisfazia á Russia. Não achando mais na questão dos Santos-Lugares uma faisca em que soprasse para atear o incendio no Oriente, a Russia resolveu pedir ao sultão uma enormidade tal, que a recusa fosse certa, e que esta recusa, traduzida por ella em injuria, lhe fornecesse o pretexto para a invasão da Turquia.

E qual foi esta enormidade? Nada mais, nada menos do que a abdicação da independencia e da soberania do sultão, a partilha no reino, e nesta partilha o quinhão do leão; em uma palavra, pedio que Abdul Medjid reconhecesse o czar (como outr'ora os Cezares aviltados o faziam em Constantinopla) por collega no imperio! Pedio que os doze milhões de subditos gregos, que vivem debaixo das leis e no sólo do sultão, fossem collocados sob a protecção dos imperadores da Russia, de sorte que esses doze milhões de homens tivessem dous senhores no sólo ottomano, um senhor nominal em Constantinopla e um grande tribuno armado e coroado em S. Petersburgo, tribuno para o qual appellariam a proposito de todas as ordens do governo de seu soberano nominal. Esta promiscuidade de governo, assim pedida pela Russia, e limitada na apparencia aos interesses religiosos desses doze milhões de gregos, era tanto mais exorbitante que, sendo na Turquia o codigo religioso e o codigo civil um só e unico codigo, todas as questões civis tornam-se immediatamente questões religiosas á vontade dos appellantes, á protecção russo-grega. Era um papa russo coroado, á frente de sete milhões de homens, promulgando suas bullas soberanas por cima do divan.

Nestas condições o imperio não seria mais o imperio; seria a peior das servidões, porque o sultão, tornando-se vassalo do czar, nem mesmo tiraria lucro de sua degradação. Collocado em Constantinopla entre um collega que lhe imporia suas bullas de S. Petersburgo e subditos emancipados de seus decretos dentro de seus proprios Estados, o sultão teria sido a derisão dos soberanos! Antes abdicar mil vezes e tornar, com seus subditos Ottomanos, para os valles do Iconium ou para as landas da Tartaria. . . . Porém não, havia a fazer-se alguma cousa de melhor: era appellar para a justiça e para a indignação da Europa; correr ás armas, vencer ou morrer defendendo a honra de sua raça, seu nome, seu povo, seus direitos, sua independencia e a dignidade de todos os thronos no seu.

Foi o que ella fez; he o que ella faz ha dez mezes com espanto e admiração do mundo. A Russia pelo excesso do insulto e da iniquidade despertou a nação ottomana. A indignação refez de um povo, que se julgava entorpecido pelo fatalismo, um povo de patriotas e de guerreiros. Esse povo he fatalista, sim: mas fatalista á maneira dos heróes, faz elle mesmo o seu destino.

Todo o mundo tem os olhos fixos nesta guerra, em que uma nação sem tropas regulares, sem finanças, sem administração, sem frota, sem habitos da guerra moderna, quasi sem armas e voluntariamente sem soldo, luta com desespero, e até o presente com milagre nessas Termopylas do Danubio, contra os exercitos inexgotaveis e irresistiveis dos Persas do septentrião. Um imperio defendido por este modo não perece. A Russia julgou sepultar um povo e ressuscitou-o. Por um prodigio, que estava reservado contemplar aos tempos modernos, prodigio explicado pela mansuetude tolerante dos Turcos, e pelo proselytismo perseguidor dos czares, a propria christandade catholica faz votos pelos Ottomanos, o proprio liberalismo quer combater pelo sultão. Por que neste momento os Turcos tomam a Europa ás avessas, segundo a phrase de Napoleão em Santa Helena; combatem na realidade pelo christianismo, e defendem no Danubio a liberdade do universo.

XII.

A França e a Inglaterra, longo tempo detidas por negociações astuciosas, ouviram emfim aquelle grito de angustia. Estas potencias vogam em soccorro dos opprimidos contra os oppressores. He tarde, mas será ainda tempo, se o soccorro não for desigual a gravidade do perigo da Europa. Intrigas gregas nas côrtes allemãs serviram á causa dos Russos, e embaraçaram a Inglaterra até no segredo de seus conselhos. A mão do povo inglez rompeu essas têas de aranha. Daqui em diante não se negociará mais senão com as armas na mão.

Não censuramos nem a Inglaterra, nem a França por terem levado até á mais lamentavel temporisação seus esforços para conservar a paz do mundo. Aborrecemos a guerra de iniquidade, a guerra de ambição, a guerra de systema, a guerra de capricho, mesmo a guerra de precipitação. Mas aqui esta guerra não he a guerra ante Deos, nem ante os homens: esta guerra não he senão a conservação da paz! Ha occasiões em que os principios mais sãos, atacados pela violencia, teem necessidade de se armar e apresentar as bayonetas por ultima razão de humanidade e de paz.

O principio sagrado pelo qual a França, a Inglaterra e a Turquia correm hoje ás armas he este:

« Será permittido á Russia fazer arbitraria e impunemente a guerra a todo o mundo em um seculo que quer paz? » Quem quizer conceder á Russia este direito de guerra arbitraria e universal diga — sim. Quanto a nós, dizemos —não. Dizemos não, com toda a parte moral, civilisada e independente da Europa; e este — não, louvamos á Inglaterra, á França e á Turquia que o sustentam com as armas na mão.

Lastimamos a Austria e a Prussia se dizendo — não, em sua consciencia, não ousam dize-lo em voz alta ante seus amigos e inimigos. Uma palavra destas potencias estancaria o sangue que vai correr. Seu silencio e sua immobilidade serão faltas graves ante a Providencia que julga as neutralidades iniquas como aggressões em reticencia! Serão por ventura estas duas potencias mais amigas do czar do que de seus proprios povos? O sangue de milhares de homens que morrem e que vão morrer pertencer-lhes-ha por ventura, para fazer com elle uma complacencia á Russia? A amisade verdadeira consistia em dizer: « Fazeis uma iniquidade; somos vossos amigos, sim; mas vossos complices, não! » Ora, deixar praticar a iniquidade que se pode prevenir, não he uma complicidade? E, por ser immovel, he mais innocente esta complicidade? Entre uma causa justa e uma causa injusta, a neutralidade he sempre impossivel, porque ha uma consciencia na humanidade.

O que he então essa pretendida neutralidade das duas grandes potencias germanicas? Se he defferencia para com a Russia, essa defferencia he excessiva: se he indifferença entre as duas causas, esta indifferença he impossivel; se he intimidação ante o czar, essa intimidação he já a conquista da Allemanha, porque não ha peior vencido do que aquelle que não ousa combater.

Não, nem a Austria nem a Prussia podem ser indifferentes á preponderancia da Russia, limitrophe de seus estados, preponderancia que em breve será sem contrapeso na Allemanha pela possessão moral ou militar da Turquia. Será então *resignação?* A resignação da Allemanha?.. Seria a vergonha ou o fim dos Allemães.

Será por ventura a Allemanha mais fatalista que a Turquia!

XIII.

A Russia, que se estende desde a Polonia até a Persia e até a China, pesa já infinitamente sobre o globo. Se a este peso se acrescentar o de cem mil leguas quadradas do imperio Ottomano na Asia e na Europa, perde-se o equilibrio das forças no mundo. Será mister escrever n'um hemispherio inteiro e sobre a metade do outro o famoso *finis Poloniæ*, applicado não mais á Sarmacia, mas a Europa inteira.

Deixemos fallar a este respeito um homem que foi, desgraçadamente para a França e para si mesmo, o alliado imprevidente da Russia contra os Turcos.

He sabido que Napoleão gostava muito da conversa e pouco da replica. Elle dizia tudo, mesmo a verdade, nesses monologos historicos lançados de proposito aos échos, e que seus comensaes chamavam *concersas*. O conde de Rambuteau, então camarista, e mais tarde prefeito de Paris, onde deixou os traços do primeiro edil da França, assistia uma noite nas Tulherias a uma dessas expansões de palavras. Assistia-se a essas conversações não só por causa da importancia da pessoa que fallava, como tambem pela prodigiosa corrente de idéas, e de imagens em que era arrastado o espirito naquelle improviso do grande conversador. Era nos primeiros dias de janeiro de 1813, época em que a fortuna tinha desvanecido muitas illusões; o marechal Davoust, o conde de Loban ouviam com respeitoso interesse, assim como M. de Rambuteau, as funebres anecdotas da retirada da Russia; Napoleão interrompeu-se de repente na historia de seus revezes, como se o phantasma do futuro tivesse pela primeira vez surgido ante seus olhos:

— Ah! disse elle, como os planos filhos dos melhores calculos podem ser frustrados pelas circumstancias mais imprevistas! Collocado em 1812 á frente da Europa, dispondo de todas as forças do Occidente, julguei que tinha chegado emfim o momento de invadir a Russia; queria levantar-lhe uma barreira que ella jámais pudesse vencer; esperava ao menos retardar por cem annos esta potencia, e, pelos factos, adiantei-a um seculo. Se algum dia ella se apoderar de Constantinopla, apoiada no Baltico e no Bosphoro, prenderá a Europa e a Asia ao mesmo jugo! Ah! se mais cedo tivesse eu conhecido a importancia do contrapeso turco em Constantinopla!

XIV.

Imagine-se com effeito um czar que recruta já seus exercitos entre sessenta e cinco milhões de homens, homens cujo unico officio he saber, como nos *steppes* de *Attila*, bem morrer por ordem de seu senhor; que se acrescente agora pelo pensamento a este formidavel poder de recrutamento os quarenta milhões de subditos Ottomanos, Turcos, Gregos, Abases, Armenios, Circassianos, Kurdas, Arabes, Drusas e Maronitas, e que se sommem ainda com os vinte e cinco milhões de Persas, que tremem já diante dos postos avançados da Russia. Cento e trinta milhões de homens em uma unica mão despotica, para opprimir cento e vinte milhões de outros!

O que será então o Mar-Negro, esse lago da Europa e d'Asia? Ficará sendo o grande *dock* da Russia, onde suas frotas militares se construirão e se exercerão em silencio, guardadas por uma cadeia estendida d'Asia á Europa, até o dia em que suas velas innumeraveis sahirão pelos Dardanellos ao Mediterraneo, dizendo ao vento como diziam os barbaros: « Sopra para onde quizeres, em toda a parte a que nos levares, a terra he nossa! »

O que será o Danubio, que depois de ter corrido livre durante seiscentas leguas através da Allemanha, terá de ser encadeado em sua embocadura, e achará o bloqueio moscovita em sua juncção com os mares onde ia procurar o sol e as riquezas do Oriente?

O que será o Adriatico, onde a Austria começa a exercer-se na navegação e no commercio por Trieste e por Veneza, e que a Dalmacia, o Epiro e Albania, desde então russas, fecharão como um segundo Mar-Negro ao pavilhão austriaco?

O que será Constantinopla, essa capital hanseatica, assentada sobre dous continentes, á borda de tres mares e de dous estreitos, portas communs cujas chaves devem estar em uma mão neutra ou amiga? Constantinopla tornar-se-ha uma Moscow do Bosphoro, cujo Kremlin, edificado no lugar dos jardins do Serralho, fará passar como escravos os navios da Europa, por debaixo de seus canhões.

O que será o Mediterraneo? Ou um lago russo ou o campo de batalha de um seculo entre as frotas russas e inglezas que trarão o commercio da Europa entre dous fogos.

O que será a França maritima nesse mar onde ella não possuirá nem Malta, nem Gibraltar, nem Corfú? A França maritima tornar-se-ha vassalla subalterna da potencia naval preponderante nesses mares, a Inglaterra, ou então será o alvo dos insultos da Russia até em seus portos. Quando a Russia estiver nos Dardanellos, a fronteira russa he Marselha ou Toulon.

O que será a Allemanha? Dominada ha trinta annos pela diplomacia ou pela intervenção russa, que poderia ser contida emquanto o czar sentisse o contrapeso da Turquia, a Allemanha tornar-se-ha russa. A confederação do Rheno, sonhada por Bonaparte, tornar-se-ha uma verdade depois do aniquilamento de Constantinopla pelo czar; a Allemanha grande e pequena tornar-se-ha uma confederação do Danubio contra a França.

Por este preço a Prussia conservará um retalho da Polonia e das provincias rhenanas; por este preço, a Austria conservará a Italia, e, se a Italia palpitar á voz da França, um novo Souvarow descerá da Illiria ás suas planicies com duzentos mil Russos em soccorro de duzentos mil Allemães. A França continental não poderá fazer mais um só movimento sem encontrar a Allemanha vanguarda da Russia, ou a Russia reserva da Allemanha. Os tratados de 1815 servirão contra nós, com tudo que restar de indomado no Oriente, de independente na Allemanha, e de vivo na Italia.

Não he mais a coalisão passageira de 1815, he a coalisão perpetua de uma unica potencia; a Russia redigirá as clausulas, e dará todas as notas, a senha á Europa.

A Inglaterra ficará só e livre, porque se não encadeam as ondas nem os ventos. Soffrerá o bloqueio continental de Bonaparte, augmentado com o bloqueio do Oriente pela Russia; esperará com anxiedade a época em que uma expedição russa, semelhante a que se accumula no Danubio, venha,

FOLHETIM.

O PARAIZO DAS MULHERES.

Por Paulo Feval

PROLOGO.

O PHAROL.

CAPITULO PRIMEIRO.

O CABO TREHEL.

A gente não nasce em Paris; para ahi vem, e ahi morre. Os medicos pretendem que debalde se procuraria um Parisiense da quarta geração; os da terceira já são muito raros e muito feios. Um dito celebre de Mr. Alexandre Dumas esclareceu o facto scientifico, de que os antepassados dos negros eram orangotangos; penso que os bisnetos dos Parisienses tornam-se macacos. Eis porque se perdem seus vestigios.

Paris he uma fornalha, assim como a vida he um rio, e o ouro uma chimera. Estas verdades elevadas não se demonstram. Que seria de uma fornalha se lhe não lançassem incessantemente lenha? Paris se extinguiria se não viessemos todos consumir-nos em seu foco ardente.

Viemos como essas madeiras que descem ao Sena em jangadas pelo Yone ou pelo Marne: madeiras vivas e tenras. Debalde se cortam os carvalhos de seiva robusta, as faias esveltas, que lançam-se affoutamente para o céo; ellas renascem sempre nas florestas, nas encostas dos oiteiros. Quem cuida em cortar os olmos leprosos de nossos passeios? Elles são tratados, sangrados, levam cataplasmas e emplastros, são amputados e sarjados; tem medicos e boticarios; todavia morrem e não tornam a nascer.

Paris mata as arvores assim como os homens. Convem trazer para Paris arvores e homens já nascidos. A mór parte das arvores deperecem, a mór parte dos homens estiolam-se. Os que resistem entre os homens e as arvores tornam-se grandes.

Esses são os escolhidos. Chegam com sua seiva inculta. Para só fallar dos homens, elles chegam com seu desaso e sua grande ignorancia, aprendem e põem o pé sobre o pescoço dos meninos celebres, que tem ganho todos os premios dos grandes concursos: bestinhas estafadas que servem ás vezes de procuradores de causas, e de empregados subalternos na administração da fazenda.

E as mulheres? Em Paris nascem mais mulheres do que homens, e todavia são contadas; em geral as que brilham e abrazam são madeira de jangada como nós. Vem do norte ou do sul, do oriente ou do occidente; pela mór parte pobres, e sobem tanto mais alto na escada de luz quanto partiram de mais baixo. Esta he a lei.

Assim para respeitar a verosimilhança, somos forçados a collocar em uma provincia a scena anterior do *Paraizo das Mulheres*.

O cabo Trehel projecta-se no mar entre a enseada Maluina e a bahia de Saint Brieue, e he a ultima ponta das costas do norte. He avistado de todas as partes com seu alto rochedo, que parece cortado a pique, e seu pharol, cujo fogo vermelho brilha durante a noite soffrendo a cada minuto um eclipse. As Inglezas errantes vem de quando em quando vizitar o pharol, os aldeões do Plouesnon conhecem bem seus vestidos de quadros cinzentos e azues, seu chapeo de palha que serve o inverno e verão, e seu eterno véo de garça verde. Pondo de parte as Inglezas, esse lugar he mui pouco frequentado; o cabo he o fim do mundo, e sobre o rochedo apenas encontram-se melancolicos empregados da alfandega, grande numero de pegas, muitos bandos de gaios e o *machinista* de Trehel.

O machinista he um pobre industrioso que nutre um cavallo desanimado, o qual serve para conduzir as Inglezas de certa idade, que não podem ganhar a pé o pharol. O machinista he um typo de miseria, o que não prova muito a favor da generosidade das Inglezas idosas.

Entre a aldeia de Plouesnon e Saint Jacut de la Mer, a pobreza do machinista he proverbial, assim como a opulencia promettida ao Pastor do Treguz, e a felicidade que acompanha por toda a parte as orphãas achadas debaixo do grande carvalho de Saint Cast.

A torre do pharol situada na extremidade do cabo he um edificio massiço com porta de arcada. O machinista diz ás Inglezas que data da época romana; as Inglezas escrevem isso no seu canhenho, e talvez seja a verdade. Sobre as velhas ameias ha construcções mais modernas, no cimo das quaes está o pharol.

Durante a noite, ora o fogo brilha do lado do mar para advertir os navios dos perigos dessa costa fertil em naufragios, ora projecta sobre o campo sua grande claridade vermelha, que move a sombra alongada das arvores.

O horisonte que se descobre do alto da torre he immenso. A vista espraia-se por cima da cidade de Matignon até aos bosques de Plancoet, seguindo o curso do Arguenon e até ás montanhas de ambar, que elevam-se adiante de Lamballe; descobrem-se vinte campanarios abrigados humildemente no valle, ou ufanos de coroarem o cume das collinas. Plouesnon primeiramente e depois Pleherel. Plurien, Saint Denoual, Pleboult, Saint Cast, Saint Alban e Pieneuf a mais bella aldeia das costas do norte; Pluduno, Erqui, Saint Lormel; charnecas aridas e rasas como tapetes de feltro, culturas felizes á margem dos riachos, bellos castellos rodeados de tilias e de castanheiros amarellecidos antes do outono pelo vento do mar, moinhos de vento, cujas velas turbulentas riem estrondosamente ao alegre sol.

Ao oeste fica a enseada de Saint Briene, o principio da Baixa Bretanha, Binic o porto dos empregados da alfandega, Etables, Plonha, e quando o tempo está claro, a ilha de Brehat além de Paimpol, onde já se falla a antiga linguagem gaelica.

Ao oriente fica a ilha Hagot, Cesambre, que recebeu o nome de vencedor de Pharsalia, e que da asylo em suas rochas a uma infinidade de coelhos; Conchée na frente de Saint Malo, o qual guarda como sentinella avançada; os dous Bé, um dos quaes serve de tumulo a Chateaubriand, depois a costa dentada atrás da qual Caucale occulta suas pescarias. Emfim ao norte fica o Atlantico, e a Mancha que mina o rochedo duzentos pés abaixo do pharol, e que vai misturar seu horisonte azul no anil do céo.

A um quarto de legua da torre atrás de uma rotura do rochedo, o terreno cobre-se de bosques, os carvalhos torcidos e nodosos estremecem, as sebes sahem do chão e começam a dezenhar o taboleiro cadastral. As searas ainda são escassas, mas já as macieiras de côr cinzenta tirando a verde-mar inclinam seus ramos carregados de musgo; aqui e alli castanheiros gigantes cobrem a sombria relva com suas corôas. Ahi he o Treguz. Ha no Treguz uma meia duzia de casas e uma fazenda pertencente ao castello de Maurepar. O lugar de pastor he ahi muito procurado por causa da tradicção que concede aos pastores do Treguz o dom de enriquecerem certamente.

Elles não ficam muito tempo na fazenda, e quando ouve-se dizer: O pastor do Treguz retirou-se, ninguem estranha isso; porque essa he a regra.

Retirou-se para onde? Não importa. Por toda a parte onde vai o pastor do Treguz, a fortuna o segue. Muitos não voltam, sem duvida porque deleitam-se mais em outra parte, e a esses tem a gente o direito de suppor mais ricos do que Cresus; os que voltam compram pedaços de terra, e alguns tem sido coadjutores.

Nada ha mais conhecido que isso senão a felicidade das filhas do grande carvalho; assim são chamadas as orphãas achadas diante da parochia de Saint Cast debaixo do carvalho que fica no canto do cemiterio. A ventura lhes sorri. Casam com quem querem, embora sejam bastardas; são formosas, tem talento, e desgraçado do marido que quer ser senhor em casa dellas!

A reputação do carvalho de Saint Cast tem uma origem assás curiosa. As raparigas da Bretanha peccam assim como as dos outros lugares; mas sabem castigar-se a si mesmas melhor do que em qualquer outra parte. Sua ignorancia, e a bravura varonil de seu sangue levam-nas ao suicidio, o qual considaram uma expiação. Debalde o parocho lhes repete que o suicidio he o maior e o mais irreparavel de todos os crimes; ellas vão ufanas e sombrias á borda do mar, depõem sobre a praia os sapatos, o lenço, e o que tem de mais precioso, e depois lançam-se resolutamente n'agua.

Deos não nos deve conta de sua severidade nem de suas misericordias; mas no ponto de vista mundano, quem poderá recusar o perdão e a piedade a essas victimas? Em certos cantões da Bretanha, emquanto a peccadora vive, perseguem-na com um desprezo implacavel; mas logo que ella deixa seus despojos sobre a praia, elevam-lhe um pedestal.

Ora, tinham praticado no carvalho de Saint Cast um nicho, onde estava a mãi de Deos. Debaixo desse altar as raparigas mãis depositavam os filhos, quando estavam decididas a morrer. A escolha desse lugar sagrado era uma promessa muda e solemne, á qual nenhuma jamais faltava; assim nenhuma orphãa do Grande Carvalho tinha visto o rosto de sua mãi.

O sacrificio produzia fructo; o mundo tomava debaixo de sua protecção a filha da martyr. Este uso era antigo como o carvalho, e ja começava a cahir em desuso; mas a tradicção que sobrevive aos costumes, lembrava incessantemente a felicidade que acompanhara todas essas orphãas da morte.

Uma particularidade inexplicavel he que não se expunha nenhuma criança do sexo masculino debaixo do grande carvalho de Saint Cast. Os meninos podiam vir a ser pastores do Treguz.

Em 1835 o pastor que reinava no Treguz chamava-se Sulpicio. Era um bello rapazinho de treze annos, que não tinha mãi, e cujo pai navegava ao longe. Os entendidos vendo-o seguir as ovelhas com ar pensativo e cabisbaixo, diziam:

— Oh! esse não ficará muito tempo no lugar.

Em 1835 o machinista de Trehel chamava-se Toto Gicquel, tinha pernas longas e delgadas para sustentar um corpo mui curto, e um rosto descarnado e pallido, sobre o qual cahiam seus grandes cabellos. Era um rapaz de bom genio, que ria incessantemente, posto que não comesse todos os dias.

No mesmo anno havia uma filha do Grande Carvalho, que estava na idade de fazer fortuna, segundo o bom habito de suas companheiras. Tinha um nome singolar para uma menina achada em um cemiterio de campo: chamava-se Astréa. Este nome romantico fôra-lhe dado pela madrinha, a qual era muito velha e marqueza. Os aldeões lhe tinham posto o appellido de *Morgatte*.

O leitor ignora sem duvida o que he *morgatte*. Ha no fundo dos mares animaes mui extraordinarios, e que parecem recuar os limites da phantasia. Entre essas creaturas a *morgatte* he certamente uma das mais extravagantes. Imagine elle uma aranha carnuda, uma estrella viva com seis pernas guarnecidas de apparelhos pneumaticos mui poderosos. A *morgatte* caminha empregando o mesmo processo que o *homem mosca* de Hippodromo quando passeia no forro do tecto.

A *morgatte* lança ao acaso tres pernas, applica um ou muitos de seus chupadores sobre o rochedo, ou qualquer outra cousa que encontra, e alando-se nessa especie de cabo ganha o espaço equivalente ao comprimento das pernas, e lança os outros tres cabos voltando-se sobre si mesma. Relativamente a *morgatte*, a tartaruga he disposta para a carreira.

Dizem que no mar a *morgatte* aferra-se ás vezes ás pernas do nadador; então he tempo de entregar a alma a Deos: pois, quando a *morgatte* agarra-se a uma superficie solida e plana por todas as suas bombas aspirantes, póde ser morta, mas não arrancada.

Morta a *morgatte* e feita a autopsia, acha-se no centro dessa massa gelatinosa no interior do estomago uma cabeça diabolica, a qual ella nunca mostra emquanto viva. Essa cabeça tem olhos mal abertos, e um forte bico retorcido como o dos papagaios.

Os aldeões havjam tido sem duvida alguras razões para darem o nome desse monstro á mais formosa rapariga do cantão.

No começo de 1835, Astréa, a filha do Grande Carvalho, era apenas camarista em casa de sua madrinha Anna Maria de Rostan, marqueza viuva de Maurepar. Os marinheiros dizem que a *morgatte* passa ás vezes em jejum semanas inteiras, sabe esperar; mas, toda a difficuldade está em alcançar a presa com um de seus chupadores. Astréa esperava.

A 6 de março do mesmo anno pelas cinco horas da tarde, o rebanho do Treguz voltava escoltado pelo cão-lobo Randonneau. Esse rebanho era da raça de Jersey: as ovelhas eram altas, côr de sebo bruto, e de pernas finas; os carneiros baixos e quasi todos pretos inclinavam para a terra seus cornos em fórma de espiraes, e tinham os olhos escondidos debaixo da lãa; os cordeiros eram alvos como a neve, mimosos e não fugiam da mão que se estendia para affaga-los; eram bons para a tosquia, melhores para a mesa e davam esses quartos illustres que os conhecedores respeitam debaixo do nome de *presalé*.

O rebanho caminhava pela charneca e formava ao longe como uma nodoa movediça. Suspicio ia atrás tendo um grande livro na mão. Randonneau o tenente commandava o exercito emquanto seu capitão estudava, e Deos sabe quantas evoluções inuteis o zeloso cão impunha aos seus soldados! Galopava com a lingua pendente e vermelha, estimulando os ronceiros, chamando á linha os orgulhosos que pretendiam fazer guarda avançada, e ladrando terrivelmente após os temerarios entretidos por uma monta de relva mais tenra. Não dava repouso. O cão do pastor he o typo mais curioso do subalterno endiabrado.

Sulpicio era um bello rapaz, maior do que sua idade pedia, e seu ar tinha não sei que graça indolente. A cabeça coberta de cabellos annelados pendia-lhe sobre o peito balançando o tufo de sua carapuça de lãa. Em vez de cajado tinha um bastão de azevinho verde e de ponta grossa.

Elle assobiou, e Randonneau acudio.

— Deixa-as pastar um pouquinho, quero consultar meu livro para saber, se a senhora Magdalena terá um filho ou uma filha.

Randonneau não se oppoz a essa phantasia, e deitou-se todo esticado sobre a relva humida. Eis porque os cães velhos são atacados de rheumatismos! Sulpicio assentou-se e o rebanho dispersou-se.

Sulpicio pôz as costas do livro sobre a terra, e com a lamina da faca, que pendia-lhe por um cordel da abotoadura da vestia de algodão, picou a margem do alfarrabio. Este era um velho tomo truncado da *Casa rustica*, no qual Sulpicio aprendia a lêr, como podia.

— Na mais bella lettra! exclamou, á direita para o menino, á esquerda para a menina!

Duas veredas cruzavam-se no lugar em que elle tinha parado, uma que vinha do Treguz, outra que se dirigia ao bosque, atrás do qual se occultava o grande castello de Maurepar. Na primeira vereda appareceu o correio rural com sua blusa azul atada por um cinto de couro, e ao mesmo tempo uma rapariga, que não tinha o trage das camponezas, appareceu na extremidade do bosque.

Sulpicio não vio o correio nem a rapariga. Saltou em pé e deu dous ou tres pulos com alegria e sem respeito ao tomo truncado da *Casa Rustica*, o qual foi cahir entre as mãos de Randonneau.

O cão saltou logo, como o senhor, e os carneiros marraram entre si sem maldade.

— A direita ganha! exclamou Sulpicio; um C contra I.! A senhora Magdalena terá um filho! E como Irene será gentil junto do berço do irmãozinho!

— Holá! pequeno, és o pastor do Treguz?

— Sim, respondeu Sulpicio com distracção.

Sulpicio nunca tinha recebido carta, acabava de avistar a rapariga, que vinha caminhando lentamente, e isso lhe interessava muito mais.

— A senhora Victoria! murmurou elle. Ah! meu Deos! como está mudada depois da festa do Natal!

O correio approximava-se e o cão rosnava.

— Aquieta-te, Randonneau! disse Sulpicio, e accrescentou em voz alta:

— Que quer Vmc. com o pastor do Treguz?

— Quero que o diabo o leve por ter-me feito correr ha uma hora!

O correio podia fazer de valentão, porque Sulpicio era mais manso que seus cordeiros. Todavia em uma noite do inverno antecedente matára um lobo velho, que sahira das matas de Plancoet. Sulpicio tinha doze annos, e tinha ouvido dizer, que apanha-se o lobo mettendo-lhe na bocca a mão direita armada de uma lançadeira aguda. Antes que o lobo possa fechar a bocca levanta-se a lançadeira, e quanto mais esforços elle faz para morder tanto mais crava no paladar e na guela as duas pontas do instrumento.

He essa uma caçada de Titan para a qual não convidamos nossos leitores. Sulpicio passou um serão inteiro preparando uma bôa lançadeira de páo forte e bem pontuda; mas, nada disse a ninguem. De madrugada elle prendeu Randonneau e tomou um carneiro para ir ao lobo, o qual estava do outro lado de Maurepar. O lobo sem duvida lambeu os beiços, quando avistou Sulpicio e o carneiro. Que bello almoço lhe enviava o deos dos lobos! Sulpicio contou depois que o lobo derribou-o do primeiro salto; mas, que elle não teve muito medo, e metteu-lhe a lançadeira na guela. Um instante receiou tê-la feito muito curta, tão larga e profunda era essa guela; mas a lançadeira era de bom comprimento, e Sulpicio poz-se a rir vendo o lobo empalado. O grande Rostan, sobrinho da marqueza viuva de Maurepar, desejou ter o lobo, e Sulpicio lh'o deu sem pezar; porque o grande Rostan era o marido de Magdalena e o pai da pequena Irene.

Nossos leitores verão como Sulpicio amava a pequena Irene, sua mãi Magdalena e sua linda irmãa Victoria, que vinha pela vereda do castello.

O correio lançou-lhe a carta como a um cão. Sulpicio tinha mais um anno do que no dia em que apanhára o velho lobo de Plancoet; mas levantou a carta do chão com o coração sereno, e disse ao correio:

— Muito obrigado, senhor!

O correio teria preferido meia canada de cidra. Passando diante da rapariga, elle tirou seu chapéo encerado, e disse-lhe:

— Entreguei uma carta na *Casa*.

Victoria não cuidou em perguntar se era para si; pois, tambem nunca tinha recebido carta.

Sulpicio correu-lhe ao encontro precedido de Randonneau, e exclamou de longe:

— Consultei meu livro, a senhora Magdalena terá um filho! Hei de dizer-lhe isto quando fôr embalar Irene... Sente-se mais forte hoje, senhora Victoria, pois veio tão longe da *Casa*?

Chamava-se *Casa* por opposição ao Castello a habitação do grande Rostan e de sua familia.

Victoria beijou na fronte o pastorzinho, o qual corara de prazer, e disse-lhe tentando sorrir:

— Tens razão, sinto-me mais forte.

Sulpicio fitou os olhos sobre a carta, e não vio lagrimas nos da rapariga.

— A senhora que sabe lêr, tornou elle, diga-me, he meu nome que esta no sobrescripto?

— O senhor Sulpicio pastor de Treguz, leu Victoria, cujas faces coraram levemente.

— Esta carta he de teu pai, queres que t'a leia? accrescentou ella com voz tremula.

— Elle volta com o joven marquez! exclamou Sulpicio saltando de alegria.

A mão de Victoria apoiou-se sobre o coração. Ella abrio lentamente a carta, a qual era assim concebida:

« Meu charo filho,

« O fim desta he annunciar-te minha chegada, e desejo que ella te ache gozando saude como eu. Estarei no Treguz a 5 ou 6 quando muito. Escrevo ao castello pelo mesmo correio: as noticias não são bôas. Teu pai que te abraça,

á Patrão Sulpicio. »

« Praia de Olonne 1º de março de 1835. »

Victoria estava livida, e deixou cahir a carta.

— Elle não falla do joven marquez Antonio! disse o pastor.

— Não, respondeu machinalmente Victoria.

Sulpicio tinha apanhado a carta e beijava-a, dizendo:

— Já sou homem, pois meu pai escreve-me cartas!... Não sei como os outros amam seu pai; eu que ando sempre sozinho só tenho meu coração com quem conversar. Meu coração falla-me incessantemente daquelles que amo: meu pai primeiramente. Ah! ah! elle he bom e corajoso! Uma vez disse-me: Meu filhinho, eu morreria esquartejado pelo meu joven amo. Quando eu morrer lembra-te de que o sangue dos Sulpicios pertence ao joven marquez Rostan de Maurepar...

Victoria estendeu a mão fria ao menino, o qual levou-a aos labios com religioso amor.

— Espere! exclamou elle gracioso e fagueiro como sua idade; mas tendo já em sua attitude não sei que de coragem varonil, espere... ao joven marquez e ás duas filhas do conde!

Magdalena e Victoria eram as filhas do conde Rostan do Boscq.

— Oh! tornou o pastor, amando-os mais do que a mim mesmo, não faço mais do que obedecer a meu pai.

(Continuar-se-ha.)

MUTILADO

ILEGÍVEL

como a de Alexandre, dar um novo senhor aos duzentos milhões de homens que hoje trabalham nas Indias debaixo de suas leis.

XV.

Eis-aqui, pelo que toca aos territorios e aos mares, as consequencias do abandono da Turquia aos Russos. Quanto a civilisação do mundo, as consequencias estão escriptas em duas palavras: despotismo e superstição; um czar e um pontifice em um só homem; a fé dos povos conquistada com a sua liberdade; a servidão do espirito—com a servidão das raças; um atraso immenso ao genio dos povos modernos; theologos por philosophos, kalmouks por theologos.

Não queremos chamar barbaros aos Russos. Elles são tão policiados, tão civilisados como qualquer das nações de Occidente; sua natureza grego sclava predispoem-nos com facilidade de intelligencia e de costumes aos habitos, as elegancias, e até as graças da civilisação. He uma nação que sahe velha do fundo de seus desertos e de seus setepps. He um improviso da terra, uma aurora boreal do céo do Norte. Dir-se-hia que este povo he o unico que não precisou do tempo.

Unicamente notaremos que a civilisação russa he differente da nossa. Estas duas civilisações emanam de dous principios oppostos conforme as nossas origens diversas. A civilisação russa he a obediencia, a nossa o raciocinio. Elles querem um senhor, nós queremos leis. Elles ennobrecem a servidão e a divinisam no chefe que a impõe, nós adoramos a liberdade subordinando-a a patria. Sua religião he a prostração do espirito sem replica; a nossa he um trabalho da razão levantando-se de seculo em seculo sobre mais idéas e mais sciencia para descobrir de mais alto Deos na liberdade. A civilisação russa he muda como a escravidão; a nossa falla, escreve, raciocina sem cessar, como o dialogo perpetuo de todas com todos. Aos Russos são mister ukases, a nós tribunas.

Elles são os povos do silencio, nós os filhos do ruido. Elles olham para o passado, nós para o futuro. Nossos dous principios, os dous grandes principios que lutam no mundo e que dividem o globo, destroem-se encontrando-se. O dominio universal da Russia daria a victoria ao principio da obediencia passiva sobre o principio da ordem raciocinada. Elle acabaria com esta civilisação da palavra que creou o Oriente, a Grecia, Roma, a Allemanha, a Inglaterra, a America, a França e as grandes realezas, e as grandes republicas, e as grandes cousas, e os grandes homens, e os grandes monumentos, e as grandes tribunas, e as grandes *philosophias*, e as *grandes litteraturas* e as grandes religiões raciocinadas; a arte, a sciencia, a dignidade, a nação, tudo pereceria com o principio da Europa occidental—a liberdade.

Diz-se porém: « Mas vede que vós mesmo abdicais de ordinario esta liberdade; olhai neste momento para o estado das nações do Occidente. » Nós respondemos: « Os eclypses não apagam a luz, interceptam apenas por algum tempo a sua irradiação. O eclypse passa e a luz fica. O estado hoje das nações da Europa não he um principio, he um accidente, um cansaço, uma alta entre dous tempos.

Por mais que pareça o contrario, ha duas civilisações bem distinctas sobre o globo: uma civilisação assentada, como a do Oriente; uma civilisação de pé, como a do Occidente. Neste momento ellas se assemelham na apparencia.

He verdade; mas o Occidente ha de levantar-se de novo e tomar caminho. Se se deixar a Russia estrangular o Occidente durante o seu repouso, o Occidente não se levantará mais, ou se levantará encadeado; quebrará depois suas cadeias, nós o sabemos, mas fa-lo-ha n'uma dessas convulsões revolucionarias que não fazem da guerra, como hoje, uma campanha militar, mas um terremoto em que perecem vencedores e vencidos.

Marchemos pois com confiança em nosso proprio soccorro ao Danubio. A Turquia he a vanguarda da liberdade da Europa. Felicitemo-nos por ter encontrado em um povo, que julgavamos morto, um povo vivo, e escrevamos a sua historia, ou como o augurio da sua regeneração, ou como o epithaphio da nossa sepultura.

(*Correio Mercantil* do Rio.)

PERNAMBUCO.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 26 de dezembro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Ex. que das differentes participações recebidas nesta repartição desde o dia 24 do corrente até hoje, consta que foram presos:

Pela delegacia do primeiro districto deste termo o hespanhol Francisco Fernandes Dias, para averiguações policiaes, José Rodrigues, por ser criminoso na villa do Pilar da provincia da Parahiba, e Manoel Henriques dos Reis, para recruta.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, o pardo José Francisco de Araujo, Antonio José Isidro, Francisco Xavier de Amorim, Filippe Ribeiro Servo, e a preta Maria, todos por desordem, os pretos escravos, Francisco e Feliciano, por terem sido encontrados armados, Francisco Quirino Nunes, o portuguez Bernardino de Souza Pinto e o preto escravo Izidoro para averiguações policiaes.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, o preto escravo Sabino, a requerimento de seu senhor, a preta Luiza escrava, por andar fugida, Francisco Luiz da Costa, para averiguações policiaes, o preto escravo José por furto.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, a preta escrava Josepha a requerimento de sua senhora, o portuguez Joaquim Mendes de Souza, por ebrio, o preto escravo Benedicto por espancamento.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa Vista, os pretos Caetano, e José por briga, Tito Francisco da Costa, para recruta, os pretos escravos Fernando e Manoel, este para correcção, e aquelle por desordem.

Deos guarde a V. Ex. Secretaria da policia de Pernambuco 26 de dezembro de 1854.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente de Pernambuco. — O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira*.

— 27 —

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta terem sido presos:

Pelo juizo municipal da primeira vara Claudino João Fernandes, e Laurentino Fernandes da Silva, ambos por se acharem sentenciados.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, o preto escravo Francisco, por fugido.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa Vista, Manoel Joaquim de Oliveira por ser desertor da armada.

Pelo subdelegado da freguezia dos Afogados, José Francisco da Silva para correcção.

Deos guarde a V. Ex. Secretaria da policia de Pernambuco 27 de dezembro de 1854.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo presidente da provincia,—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira*.

PUBLICAÇAÕ A PEDIDO.

Quarta carta do Dr. Joaquim Pedro da Costa Lobo juiz de direito da capital do Rio Grande do Norte, a seu collega da Bahia.

Cidade do Natal no Rio Grande do Norte, 22 de novembro de 1854.

Meu collega.

Dez dias, que estive fora desta capital visitando um dos seus mais ricos, populosos, e bem cultivados reconcavos, o districto da—Bôca da Matta,—pequena povoação nascente, mas mui esperançosa de grande incremento, e prosperidade; agradavelmente assentada, em forma de quadrilongo, sobre a doce declividade de uma eminencia pouco elevada á margem austral do ribeirão, que os naturaes do paiz chamam—Cearámirim—, que de parceria, e concomitancia com outro arrôio, que lhe corre parallelo denominado—Jassanan,—forma um dos mais vegetativos, e aprasiveis vales, que tenho visto, foram a causa da dilatada interpolação, que houve entre esta e a carta de 26 do passado. Se por um lado, meu collega, ficou prejudicada a regularidade, que me prescrevi, de nossa correspondencia, pelo outro muito ganhei já como funccionario publico, já como particular; no primeiro caso, porque fiz o conhecimento de muitas pessôas, e alguns lugares sugeitos a minha jurisdicção, o que, como V. praticamente sabe, não he pequena vantagem para quem governa o saber onde, e com quem lida; no segundo, porque tive a fortuna de adquirir algumas boas amizades, com cujo valioso apoio já hoje conto, merecendo entre ellas honrosa menção a do Sr. Dr. Jeronimo Cabral Raposo da Camara, digno inspector da caixa provincial, em cujo engenho estive hospedado nove dias, sendo tratado com uma magnificencia, que rivalisava com o excessivo agrado e reconhecida generosidade com que este cavalheiro costuma obsequiar os seus amigos. Disse eu, meu collega, e ainda sustento, que muito ganhei nesta visita; e de certo, pois que estou profundamente convencido, que a primeira, e a mais indeclinavel de todas as condições da existencia, e boa administração de um governo, em quaesquer dos seus variados ramos, e diversas especialidades, he ter por si o favor da opinião publica, sem a qual não he possivel, que marche a autoridade; e querer obriga-la a isso, seria o mesmo, que mandar, que vôe, ao passaro, que não tem azas, e ordenar, que nade, ao homem que não tem braços; porque em ultima analise, meu collega, nos paizes constitucionaes o verdadeiro soberano he a opinião publica, em virtude da qual só governa o povo, quem o mesmo povo quer, que lhe governe. Debaixo deste principio, que o tenho por incontestavelmente evidente, digo eu, que feliz da autoridade, que teve a fortuna de ganhar para si o prestigio da opinião publica, porque a essa tudo lhe corre liza, suave, e brandamente; triste porem daquella, que perdêu esse precioso concurso; pois que nesta terrivel conjunctura não só não póde marchar seu caminho, como ainda he obrigada a despir-se a si mesma das insignias da magistratura, que lhe foi confiada, antes que a opinião publica se faça justiça por suas proprias mãos, como soe acontecer nos casos de hesitação ou renitencia.

Quando a opinião publica quer e consente, uma simples mulher basta para governar tranquillamente o mais poderoso imperio, que existe hoje no mundo, a Inglaterra; quando tambem he do agrado della um homem sem o pergaminho da realêza, he sufficiente para imperar por tres annos sobre a mais gloriosa republica presentemente conhecida; quando porem ella não está pelos autos, nem os portentos, como Napoleão, se aguentam nos thronos.

Foi indubitavelmente esta rainha do universo, como lhe chama Bocage, quem levou ao patibulo um dos mais virtuosos descendentes de Hugues Capeto, o desditoso Luiz 16: foi a mesma Soberana, quem mandou a escola militar de Briene buscar um filho do advogado Carlos Bonaparte para o collocar no throno, do qual acabava de arrancar um rei, e proscrever uma das mais antigas dynastias da Europa, a dynastia dos Bourbons; foi ella, quem ao depois com suas mesmas mãos entregou em Fontenableau este seu mimoso ao imperador Alexandre para o mandar encerrar na pequena ilha de Elba; ainda foi ella, quem na planicie de Waterlôo pela segunda vez algemou-lhe os pulsos, embarcou-o a bordo do Belorophonte, e o enviou de presente aos seus maiores algôzes, para darem-lhe cabo da vida em um palmo de terra, que existe isolado na immensidade dos mares. Foi a opinião publica, quem restituio a Luiz 18, como se pode vêr em Capefigue (Historia da Restauração) o solio de seus pais em que tão gloriosamente estiveram assentados, Henrique 4.º, São Luiz, e o monarcha feliz, que teve a gloria de baptisar com o seu nome o seculo, que presenciou o seu reinado: foi ella quem apeiou desse mesmo solio o conde de Artois, para substitui-lo pelo celebre fidalgo d'Orleans, que durante a revolução Franceza era conhecido pela antonomazia de Felipe—egalite—; foi ella em fim quem deportou em 1848 para a poderosa Albion o prudente septuagenario, que lograva os fóros de ser o mais avisado e instruido monarcha, que havia na época actual; foi quem deu aos Cavaignacs, La Martines, Prudhoms, Girardins, e outros que taes o governo da republica franceza, até que cançada dos estragos de sua propria obra, reconstruio de novo a poltrona imperial, que havia esmigalhado, para assentar nella o feliz sobrinho do immortal vencedor de Arcoli, de Marengo, e de Austerlitz. Oh! meu collega, que de uteis, e instructivas licções de direito publico universal, e de politica particular de França, nos não dá esse meio seculo, e 16 annos da historia desta nação?! Lições tão proficuas aos chefes dos povos, como a seus ministros, aos altos funcionarios, como aos baixos da nossa escala! Assim quizessemos todos accuradamente lê-las, e sinceramente estuda-las, menos mesmo para proveito dos governados do que para utilidade de nós outros governantes; porque a final de contas quando chega o dies ille dies iræ e se dá a batalha, são aquelles e não estes os que ganham o triumpho; pois não são as, nações e sim os chefes dellas os que sobem ao cadafalso se não tem a prudencia de procurar asilo em paiz estranho; e quando acontece dar-se o anacronismo de se retirar o povo para o monte Sacro, não he para voltar dalli vencido, se não cada vez mais victorioso. Pelo que, não ha dia em minha vida, meu collega, em que eu não renda mil graças á alma de meu pai por tanto haver se esmerado, na humildade de sua pobreza, por dar-me uma educação scientifica, sobretudo obrigando-me á lêr a historia (no que era elle bastantemente versado,) e a tomar, como tomei, gosto por este estudo, que tanto me ha servido para pautar a direcção de minha vida official e particular. Nesta conformidade pois, meu collega, confesso-lhe com toda pureza, de que he capaz o meu coração, que em minhas diversas judicaturas o maior empenho, que sempre faço, he vêr, se adquiro, mediante uma conducta regular e prudente, a estima e benevolencia de meus concidadãos; porque se Deos he servido, que eu consiga este poderoso e inestimavel favor, laureando-me assim com a corôa da maior victoria, que pode alcançar o empregado publico, conservo então sem o menor receio as minhas portas abertas, caminho, viajo, e passeio, inerme e desassustado, fallo sem escrupulo á toda hora, e a todo mundo; e finalmente recolhido á minha choupana durmo o somno da innocencia na doce lembrança, de que a verdadeira segurança da autoridade não he a que se mantem á troco da força bruta, senão a que tem por esteio e garantia o amor e amisade dos governados. Nem preciso recorrer, meu collega, a exemplos externos, ou mesmo internos, mas remotos, para demonstrar a verdade e exactidão deste theorema: aqui mesmo debaixo de meus olhos existem dous, que chegam de sobra para a minha demonstração. O Exm. Sr. Dr. Antonio Bernardo dos Passos, actual presidente desta provincia, he, pela docilidade de seu caracter, pela urbanidade de suas maneiras, e pela esclarecida rectidão, e justiça de seu governo tão geralmente estimado, e tão simpaticamente bem quisto, que governa com a maior facilidade, segurança, e acceitação aquelles mesmos Rio-grandenses, que tanto tem feito dar agua pela barba á outros de seus antecessores, que tiveram a infelicidade de trilhar estrada diversa da em que tão prudentemente vai caminhando o Exm Sr. Dr. Passos. Outro tanto tenho eu o prazer de referir-lhe, meu collega, á respeito do nosso patricio e amigo, Dr. Herculano Antonio Pereira da Cunha, que he ha muito mais de anno, o chefe de policia desta provincia: ahi está elle tão tranquillo e socegado em sua casa, e no meio de seus governados, como o pai bem quisto, e amoroso no centro de sua leal e agradecida familia: os grandes da terra se ufanam de dizer, que são seus amigos; os medianos o amam, e respeitam, como se ama, e respeita uma autoridade, que cumpre exactamente os seus deveres; os pequenos o adoram, como o beneficiado e agradecido costuma adorar o seu bemfeitor; os réos de policia emfim o acatam e veneram como se deve acatar e venerar um magistrado intelligente e instruido, que sabe perfeitamente conciliar as suavidades da clemencia com os rigores de justiça; o miseravel criminoso, que hoje, por execução de lei, he preso á sua ordem, uma vez recolhido á cadeia recebe amanhãa os testemunhos da sua beneficencia. Muito poderia eu, dizer-lhe, meu collega, em abono deste nosso honrado patricio, se permittisse, á minha penna acompanhar as effusões de meu coração; não sendo, porém, a occasião asada para isso, contento-me em referir-lhe um facto, que por si só falla mais eloquentemente em seu elogio, do que tudo quanto eu podesse toscamente escrever em resmas de papel á esse respeito. Havendo uma desordem em Goianninha, villa que fica 15 leguas ao sul desta provincia, e ordenando a presidencia, que se alli apresentasse o chefe de policia para averiguações, seguio este á aquelle sitio com a precisa força.

No caminho, em um medonho salto, estavam emboscados dous dos facinorosos contra quem se dirigia alli o mesmo chefe; e quando este innocente e despercebidamente passava pela tocaia, e cahia na bocca do bacamarte de um delles, que lhe ia atirando, eis que o outro companheiro, que era irmão do que apontava a arma, mettendo-lhe um empurrão, disse— não mate o homem tão bom!! ficando desta arte salva a virtude por effeito de sua propria força! Oh! meu collega, como são incomprehensiveis á limitação de nossa mais que fraca intelligencia os mysteriosos segredos da Providencia Divina! Como são inextricaveis á nossa timida e incerta razão, esses caminhos, essas estradas, essas sendas, essas picadas, esses trilhos, essas verêdas por onde marcha a mesma Providencia para operar esses prodigios, que ao passo que destroem todos os calculos de nossa prudencia, nos afogam nos abysmos do nada, de que sahimos!

O genio do mal havia despachado de seu tenebroso antro dous dos seus mais esforçados satelites para assassinar de um só golpe, e simultaneamente a virtude e a innocencia: a acertada escolha do lugar, a opportunidade da occasião, e a ferocidade dos executores afiançavam a infallibilidade da execução da empreza: o autor, porém, de todo bem por um desses decretos, cujas disposições não nos he dado perscrutar, ordenou que o braço de assassino preservasse a virtude do golpe da mão do sicario, ficando por este milagre sãa e salva a obra de suas mãos. E ainda haverá razão tão obsecada, juizo tão embrutecido, que desconheça que um atomo se não move em toda a prodigiosa comprehensão do universo, sem que esse movimento lhe seja imprimido pelo dedo invisivel da Omnipotencia? E ainda haverá, meu collega, quem queira antes ser vicioso do que virtuoso? Ainda haverá autoridade que prefira governar pela força, e pelo despotismo a governar pelo amor de seu proximo, e pela justiça da sociedade? Sim, meu collega, ainda ha de haver; porque está escripto pelo punho da Sabedoria Eterna, que haja o vicio para triumpho da virtude, que haja o crime para se conhecer o merecimento da lei, que hajam máos empregados para se poder justamente apreciar o valor dos bons.

Não posso ver, meu collega, o chefe de policia desta provincia, tão jovialmente formoso, tão gravemente esvelto, tão delicado em suas maneiras, tão prazenteiro em sua conversação, tão sobranceiro aos embates de seu penoso cargo, tão impavido nas mais arriscadas diligencias delle, que do intimo de meu coração lhe não applique o conceito destes bellos versos do quarto canto da Affonsiada do desembargador Pina Leitão, que li quando era moço, e que até hoje tenho conservado de côr.

« Ao que trilha o caminho da virtude,
« Por mais que brame horrenda a tempestade,
« Jámais do rosto a côr se vê, que mude,
« Nem que o deixe a feliz tranquillidade,
« Aos seus olhos embora a morte rude
« Erga a fouce sem ter respeito á idade,
« Nada em tortura o poe; limpa de crime
« Consciencia de todo o horror o exime.

que supponho ser a paraphrase, ou traducção livre do—

Felix qui potuit rerum cognoscere causas, &
Atque metus omnes, et inexorabili fatum,
Subjecit pedibus, strepitumque Acherontis avari.

do mavioso poeta Mantuano: da mesma forma que aos caracteres oppostos cabe-lhes a applicação do anagrama da primeira oitava, feito pelo mesmo autor—

« E que diversa sorte a do malvado!
« Dos remorsos entregue á tyrannia,
« Jámais seu coração atormentado
« Socego tem nem goza de alegria.
« Tenha thesouros, seja respeitado,
« Sempre os crimes lhe estão na phantasia:
« Esse mesmo, que a sorte eleva ao throno,
« Não desfructa no leito quieto somno.

Dou-lhe licença, meu collega, e peço-lhe mesmo, que sob minha fé, palavra de honra, e juramento de magistrado espalhe pela nossa Bahia (se tão sublime preço cabe em prosa) esta vantajosa noticia, que lhe eu escrevo como um tributo de minha gratidão aos multiplicados obsequios, que tenho aqui recebido deste nosso patricio, e de minha homenagem ás suas virtudes; tanto para gloria de um venerando ancião, que lá existe, como para orgulho da patria, que produzio tal filho.

Tambem eu, meu collega, quando aqui cheguei puse capacitar-me, que havia entrado nesta cidade com o pé direito. Visitado por quasi todas as pessoas, que estão no caso de fazer esta honra á autoridade, que vem de novo estabelecer-se, procurado sem differença pelas mais notaveis proeminencias dos dous partidos politicos, em que se acha mui extremadamente dividida esta provincia, lisonjeava-me por este facto, e por tão significativos symptomas, que tinha obtido a acceitação de todos, por aplaudirem todos o meu inflexivel caracter de homem da lei e de magistrado não politico; e que nesta hypothese facil me seria fazer uma boa judicatura nesta comarca. Em breve porém desappareceram tão bellos sonhos, tão fugitivas illusões; minhas esperanças não tiveram mais duração, que a do relampago; porque chegando aqui o *Diario de Pernambuco*, em que vem trasladada a carta n. 2, que lhe escrevi em data de 16 do mez passado, em a qual se lêem estas phrases—o meu degredo;—estafetas, que a medicina com a approvação da igreja despacha para o outro mundo,—foi tal a celeuma, que se levantou contra mim, que em verdade me julguei perdido; por quanto uns se davam por aggravados, por entenderem que eu havia abatido a provincia do Rio Grande do Norte, e a cidade do Natal, chamando-as—meu degredo—; estes porque epigrammei a medicina, aquelles porque insultei a igreja de Jesus Christo etc. etc.

Pode ser, meu collega, (e neste ponto não insisto) que houvesse indescrição, e, concederei mesmo, alguma leviandade de minha parte em escrever taes palavras menos bem pensadas: posso porém jurar-lhe, na fé de sacerdote da justiça, que o não fiz com má fé, nem com a minima intenção de offender a alguem; e presumir o contrario, he fazer-me a clamorosa injustiça de qualificar-me de ingrato, pagando com sarcasmos os sinceros e multiplicados agrados, que geralmente tinha recebido desde que aqui cheguei; ou de suppor-me tão desmiolado, que falle mal da casa, e dos donos, que tão generosamente me agasalham. Chamei, e chamo meu degredo a cidade do Natal, não por amesquinhar as suas qualidades, ou rebaixar sua cathegoria, e sim em referencia ao despacho, que me deu o governo e relativamente á minhas circumstancias particulares. Nem isto he novo, nem foi só comigo que se verificou esta hypothese: o sabio portuguez padre Francisco Manoel do Nascimento julgava-se degradado em Paris, onde dizia elle estava comendo o pão do desterro: os senhores José Bonifacio de Andrada, seu irmão Antonio Carlos, seu amigo Montezuma e outros foram deportados para Paris em 1823; e o que he Paris? He a mais elegante, e uma das maiores cidades, que existe no mundo; tão pequena que já no tempo de Francisco I, indo o imperador Carlos V a ella, não podendo conter o seu extasis, disse—quem vio Paris, vio o mundo inteiro!—Em 1842 foi deportado para Portugal o Exm. Sr. A. P. Limpo de Abreu, actual ministro dos estrangeiros, que não teve socego em quanto não obteve o decreto de sua revocação para o Brasil, que não sendo sua patria, he entretanto a terra onde elle tem mulher, filhos, todos os seus interesses, e toda a sua grandeza. E o que he Portugal? He a região, em que nasceu, se creou, se educou e se formou o Exm. senador Limpo de Abreu. Não ha muito tempo, que Kossut passeava, como proscripto em Was-ngton, New-York, Londres e outras cidades que taes: não he muito, pois, que eu tambem me considere deportado na cidade do Natal do Rio Grande do Norte. Estava de proposito firme e ainda estou, meu collega, de não abrir mais a bocca á respeito de deportação, degredo, injustiça do governo, etc., etc., e se o fiz foi arrastado pela indispensabilidade de minha defeza, e por esta ultima vez; apezar de que he preciso uma longanimidade, quasi superior ás forças humanas, como a que teve o fallecido Gervasio Pires Ferreira de Pernambuco, de conservar-se voluntariamente mudo por cinco ou mais annos, para sentir-se uma profunda dôr, sem deixar irreflectidamente escapulir uma queixa, um gemido, uma lagrima ou uma revelação, um ai, ou um suspiro: nossos olhos, nossa bocca, nosso semblante são sempre os promotores indefectiveis, que a natureza nos deu para denunciaremos pensamentos, as tentativas, e os actos, que se projectam, que se discutem, e que se sanccionam em nossos corações. Além de que assim como não presta estar todo o dia repisando na mesma idéa, assim tambem não he bom abandona-la por uma vez; *qui tacit, consentire videtur*, diz uma regra de direito; e — *On ne doit ni se souvenir toujours, ni toujours oublier*—diz Aignan no seu tratado da historia do jury. Isto mesmo meu collega, tenho eu dito aqui; os que me ouvem, ao menos em minha presença dão-me razão; aquelles porém, que não entretem relações comigo, consta-me, não estão pelos autos; não procuram desforra, porém tambem não me perdoam o aggravo; de sorte que posso bem dizer—*ego me et si peccato absolvo, supplicio non libero*; — e eu, que sou bastante nervoso, tenho sempre os meus receios, que não venha lá um dia cahir sobre o piedoso Eneas a esposa de Jupiter. Eneas a tempestade expedida por Eôlo em desabafo do *eternum servans sub pectore vulnus* da aggravada esposa de Jupiter. Quando eu disse, meu collega, que a medicina, uma vez por outra despachava estafetas para o outro mundo, não tive em mente ferir nem uma susceptibilidade, nem offender caracter algum pessoal; fallei da sciencia em geral em suas duas grandes ceitas, ou scismas, em que se acha presentemente dividida, e reciprocamente guerreada. Se sei, que a homeopathia mata todos os dias, he porque assim o diz, e sustenta o Exm. senador José Martins da Cruz Jobim com toda a sua academia de allopathas; e se não ignoro, que a allopathia á toda hora despacha estafetas para o ceo, he porque assim o li em todos os *Jornaes do Commercio*, affirmado pelo fallecido apostolo João Vicente Martins, e por todos os outros alumnos da escola do Dr. Bento Mure. E eu, que me qualifico a mim mesmo do maior idiota, que possa haver na sciencia dos Esculapios, dos Hipocrates; e ultimamente dos Hanemanns, não tendo conhecimentos, nem talentos para defender estes Toryes, e Whigs da medicina das tremendas, e gravissimas accusações, com que mutuamente se aggredem, adopto o mais prudente partido, que pode seguir o homem ignorante, que não pesca da materia; isto he, accreditar nas razões pro e contra e deixar a questão pro indeciso. Assim quando vejo passar um defunto curado pela allopathia, lembro-me do cirurgião J. V. Martins, e pergunto á mim mesmo — quantas arrobas de belladona beberia aquelle sujeito para sarar? — Quando porem vejo passar outro, que segue para o ceo com papeleta comprada na botica de S. José no Rio de Janeiro, lembrando-me do Sr. senador Jobim, digo cá com os meus botões — com quantos globulos de arnica será aquelle miseravel dinamisado para fazer a sua eterna viagem? — Eis aqui, meu collega, como foi, que esta sciencia me ensinou á raciocinar á respeito dos dous grandes partidos, em que ella se divide; creio pois não a haver aggravado na minha proposição, que he tirada de sua propria bocca; porque se eu quizesse desabona-la, e se pretendesse fazer de Marcial, ou de Bocage, então teria muito que dizer de uma faculdade, que tem arvorado em medicos a quanto analphabeto ha ahi por esses sertões, de sorte que já chegou o tempo de vermos realisada em carne, e osso a fabula, que Esopo escreveu ha mais de tres mil annos (se houver anacronismo, perdôe!) do *malus sutor inopia deperditus medicinam ignoto facere cum cæpisset loco*, — que parecendo, ou sendo apenas um apologo daquellas felizes eras, hoje he uma verdade demonstrada: e senão, que se viage por esses sertões, e veja-se, se ha mais sapateiro, que não tenha sua carteira de tubos, ou canudos de vidro, e que com ella em cima da tenda não se julgue outro Hanehaman, e como tal matando irresponsavelmente á quem he tão simples, que hesitando talvez entregar-lhe os pés para fazer-lhes sapatos, não duvida entretanto entregar-lhe a vida para dispor della, como quizer; com a differença porem, que no tempo do philosopho grego precisava o sapateiro largar a terra, e caminhar muito até achar lugar, onde ninguem soubesse, quem elle era (*ignota loco*); quando hoje pelo contrario elle cura em sua mesma terra, dentro de sua propria casa, defronte do tirapé, da faca da sovela, da seda, da forma, e da sola; e he para alli mesmo que vem o vidro com agua que se mette de infusão o globulo de arnica, que se vascolleja, que se bebe, que se sara, e que se paga a cura milagrosa da doença, que não passou de uma dentada de pulga; basta tambem um milagre destes, para que um sapateiro imponha de medico até morrer: e porque o genero humano está de marcha, e não mais retrogradará, como no-lo affirma o Sr. bispo de Malines, (Depral) em suas excellentes obras da Europa e America em 1821, idem em 1822; em virtude pois deste principio espero eu, que em breve tempo ha de ser tal o progresso da homeopathia, que em vez de carteiras ha de remetter logo para o sertão barris de infusão de arnica, como hoje vão os de cachaça; e amen, meu collega.

Resta agora dar minhas humildes satisfações á igreja: quando eu disse, que os estafetas seguiam para o outro mundo com approvação della, está visto, que evidentemente me referi á encommendação do defunto; no que entendo, que não ha offensa, pois todo o mundo sabe, que seria um sacrilegio praticado pelo reverendo parocho, ou por quem suas vezes fizesse, se deixasse uma ovelha do seu aprisco, que se desprende do ergastulo deste mundo, fazer a jornada para o outro, sem ir instruida de competente certificado, de que o seu respectivo pastor desempenhara para com ella *in hora mortis, et post mortem*, todos aquelles officios, que a apostolica igreja de Roma julgou indispensavel praticar, para que a alma do christão possa apresentar-se competentemente preparada *in conspectu Altissimi*. E ainda quando meu collega eu alludisse ao lucro, que percebe a igreja pelos enterramentos dos defuntos, nem assim podia-se considerar odiosa essa allusão, visto que he desses, e outros legitimos benezes, que se mantem o clero, e se sustenta o culto. O reverendo parocho, como o juiz dos orphãos, nem consentem, nem desejam, que morra alguem; mas uma vez que Deos assim he servido, nem um desapprova o interesse, que a lei prefana, como a lei canonica, lhes mandam dahi tirar: e eu, que já fui juiz de orphãos, quando juiz de fora do Rio de Contas, conheço praticamente esta verdade, sobre a qual posso por isso fallar ex cathedra. Talvez supponha-se, que eu disse essa presumida heresia porque não sou bom christão, e que não sou bom christão, porque não trago rosario pendurado ao pescoço, e possuo uns livros, que a igreja não quer bem a elles. Quanto ao rosario direi, que o melhor signal do christão he a pratica das boas obras; e quanto aos livros, peço-lhe, meu collega, que va á minha estante, e tirando della tres tomos das obras de Diderot, o systema da natureza do seu amigo, o barão d'Holbac, o diccionario de Bayle, dito philosophico, ou enciclopedico de Vattaire; as obras de Rousseau, a origem dos cultos por Depuis, as ruinas do imperio pelo conde de Volney, e a dissertação sobre a vida de S. Paulo por Boulanger, metta tudo isso no fogo, e atire com as cinzas no Rio de S. Francisco. Executemos, meu collega, este auto de fé da santa inquisição; faça de conta, que está em Sevilha, e que he V. o benemerito Rev. padre Turrecremata cumprindo as ordens de S. Ignacio de Loyolla, e os meus livros os penitentes vestidos com o sambenito: estou prompto á todo sacrificio, com tanto que faça as pazes com a igreja, com a medicina e com todos os meus comarções, sem o amor, e amisade dos quaes conheço, que não posso fazer bom papel no lugar.

Basta por esta vez, meu collega, porque além de cançado, estou escrevendo na occasião mais impropria, que tinha para isso, visto como todo dia hoje tenho derramado lagrimas de saudades (esse gosto amargo de infelizes, como lhe chama o Sr. visconde de Garret) de minha casa, pois que á esta hora (9 da noite) fazem onze annos, que nasceu minha filha Isolina Adlaide de Santa Cecilia Lobo, e dous que foi ella objecto de uma grande festa lá na Fazenda, onde moravamos. Tendo ella padecido uma cruel, e perigosissima enfermidade, prometti á Senhora da Conceição casar tres orphãas em seu louvor e honra, se desse a vida á minha filha; e conseguindo este favor, á 22 de novembro do anno atrasado, quando fazia ella 9 annos, cumpri a promessa. Nesse dia de triumpho para a religião, e de gloria para mim, tive eu o prazer e orgulho de ver minha filha romper por entre um concurso de perto de 300 pessoas, á frente das tres orphãas, de que era madrinha, e vir com ellas ajoelhar-se ao pé do altar collocado na minha sala, e offerece-las á Senhora da Conceição, cujá imagem estava alli presente, para as unir em laço conjugal com outros tantos jovens, que para o mesmo sagrado lugar já havia conduzido seu irmão Alfredo com 10 annos de idade. Nesse dia estava eu ufano de ver meus filhos ainda tão tenros já prestando serviços á religião e á sociedade. Nesse dia, se eu não era mais, tambem não era menos feliz que Demodoco e Lastenes juntos; pois que em Alfredo tinha eu o meu Eudóro, e em Isolina a minha Cimodoce, guiando o coro das virgens no templo de Dianna Limnatida. Nesse dia tive eu um conto de réis para o empregar em honra de Deos, em proveito da patria, em gloria minha e beneficio moral de meus filhos, e hoje? Hoje só tenho para mandar á minha filha. . . . .
. . . . as lagrimas, que em fio meus olhos vertem . . . .
e com ellas a seguinte benção, que aprendi de um pai infeliz como eu, que a deitou á sua filha.

« O céo vida propicia te conceda,
« Painel risonho te embelese a mente;
« Em quanto solitario, merencorio,
« Acerbos males o teu pai só sente. »

Adeos, meu collega,

Costa Lobo.
(Echo Pernambucano.)

LITTERATURA.

A METEOROLOGIA EM 1854 E SEUS PROGRESSOS FUTUROS.

Das influencias meteorologicas sobre a saude dos homens e dos animaes, e sobre as producções agricolas.

O principio do anno de 1854 foi assignalado por circumstancias meteorologicas que chamaram a attenção do publico para os phenomenos atmosphericos ordinarios, os quaes em nada excitam o interesse geral quando não se lhes liga um motivo de esperança ou de temor que põe em acção um movel mais poderoso do que a curiosidade scientifica.

As chuvas persistentes da ultima primavera, ameaçando a colheita dos cereaes de 1854 depois de um anno de fraquissima producção, davam justos receios mesmo aos espiritos menos reflectidos, e perguntava-se donde provinha essa temperatura humida tão incommoda actualmente e tão ameaçadora para o futuro.

Dizer que a persistencia dos ventos de oeste, aliás bem fracos, que dominavam então era a causa dessas chuvas continuas, he provocar a questão de saber por que razão o vento oeste persistia mais tempo em 1854 do que nos annos ordinarios. Na ignorancia em que estamos ainda dos movimentos geraes da atmosphera em cada estação do anno, em cada mez, em cada dia, não podemos dizer nada sobre a qualidade e direcção da massa de ar que vai pesar sobre nossas cabeças. Cumpre portanto adiar a nossa ambição scientifica até ao momento em que os progressos da physica do globo nos permittirem seguir a marcha das correntes de ar de um ao outro extremo da terra, para saber que massa de ar nos chegará daqui a pouco, de que região provirá, e qual será o seu grão de calor ou de humidade. Até então veremos os detalhes, mas não o complexo das operações da natureza, e dahi resultará a impossibilidade completa de prever nada do que poderia ser tão eminentemente util á saude, á industria agricola e a mil interesses de nossas sociedades modernas, tão complicadas nas suas necessidades e nas suas permutações.

Depois de ter feito notar que a temperatura humida que dominou por alguns mezes no norte da França não se fez sentir no mesmo grão no sul, e principalmente nos valles da Gironda e do Aude, direi que o caracter notavel deste anno 1854 tem sido o de uma grande bonança. Em nenhum outro anno foi o vento tão fraco, e por conseguinte não foi a constituição atmospherica fortemente pronunciada. Este anno parece um anno de transicção entre um systema de correntes atmosphericas dirigidas de certa maneira e um systema subsequente de correntes dirigidas de um modo diverso das de outros annos e de maior intensidade. As correntes de ar quente vindas de oeste, que de anno para anno tinham remontado para o norte, vão retomar pelo meio da Europa a direcção que tinham ha annos; e o que resultará daqui para os climas do norte no antigo e novo mundo? He o que poderiamos saber se tivessemos postos meteorologicos assás numerosos e bem providos de instrumentos perfeitos distribuidos por um numero sufficiente de pontos do nosso globo, quer nos continentes, quer em alto mar; mas estamos ainda muito longe de possuir os dados necessarios para o estabelecimento dessas bellas leis da natureza.

Restringindo-os pois forçosamente ás observações de detalhe na ausencia das grandes causas principaes, recordaremos que na nossa theoria da chuva são as massas de ar humido que elevando-se por uma causa qualquer na atmosphera, dilatam-se, esfriam, e precipitam em chuva a sua humidade primitiva. Ora, em uma atmosphera serena, ou pelomenos animada por deslocações mui lentas, a menor parada ou demora no movimento progressivo das massas anteriores deve produzir um excesso de espessura, ou se se quizer, uma elevação parcial dessas camadas, depois um esfriamento correspondente, e ulteriormente uma verdadeira chuva.

Ora, he o que se podia frequentemente observar nos mezes chuvosos deste anno. Primeiramente estabelecia-se a bonança, depois começava a chuva. Nunca o proverbio que a *chuva acalma o vento* se verificou melhor. Além disso, a elevação das massas, *chuventes* e não transparentes tornou-se mui sensivel pela profunda escuridão que acompanhava essas pancadas de agua tão frequentes e tão fortes. Se as correntes de ar tivessem sido mais pronunciadas, não haveria essas alternativas de paradas e de movimentos fracos que produziam essas mudanças de espessura, e por conseguinte de altura das camadas de ar proximas do solo. Tal he, penso eu, a causa que junto a persistencia de um vento fraco de oeste, produzio os phenomenos observados.

No sul da França foi o principio do anno assignalado por frios mui vivos e por uma secca desastrosa. O Sr. de Casparim, irmão do membro do Instituto, teve a lembrança de preservar da geada suas oliveiras branqueando com cal o tronco e os ramos grossos dessas arvores. Esta experiencia fôra-lhe suggerida pelo que se disse na *Revue des deux Mondes* da influencia da côr das superficies sobre a irradiação. Não só as oliveiras assim branqueadas resistiram mui bem á geada, mas foram muito menos sensiveis aos effeitos da secca e conservaram as folhas verdes, ao passo que outras oliveiras não branqueadas as tinham todas por assim dizer *torradas* pelas seccas prolongadas.

Tudo induz a crer que entramos no curso ordinario dos phenomenos de transporte das massas de ar, de calor e de humidade que são habituaes no nosso clima, em nossas regiões e nas diversas localidades que ellas comprehendem. Não ha por tanto razão, como pensavam muitos, para mudar o systema de cultura e para modificar os habitos da vida *quedia*. Demais, he só as influencias meteorologicas seriamente estudadas que cabe determinar o melhor regimen que se deve seguir sob essa dupla relação.

I

He muito antigo dizer-se que a saúde he um bem cujo valor não se conhece senão depois de perdido. Mas se ha circumstancias occultas que podem compromettar a saude, estão em primeiro lugar as influencias meteorologicas. Todos sentem immediatamente as impressões agradaveis ou penosas do calor e do frio; mas não se percebe tão bem a influencia da pressão do ar indicada pelo barometro. Quando o tempo está quente com o barometro baixo, diz-se ordinariamente que faz um tempo pesado. He o contrario do que succede, pois que a descida do barometro indica menor peso no ar; mas toma-se um abatimento das forças physicas pelo effeito produzido por um augmento imaginario do peso do ar. He facil de ver que respirando-se então um ar dilatado pelo calor e por uma pressão menor, faz-se passar pelos pulmões, a cada inspiração, uma quantidade de ar menor do que no estado normal da atmosphera, e que deve seguir-se uma debilitação das forças analogas á que se experimenta no ar abrazado dos desertos arenosos ou bem na atmosphera rarificada das altas montanhas. O remedio acha-se facilmente nos perfumes e nas bebidas aromatisadas.

Sabe-se que na ascenção do Monte-Branco por Saussure, seus numerosos guias, montanhezes grosseiros, cessaram em certa elevação de beber e de comer para recobrar forças, mesmo a aguardente já lhes não convinha; pediam agua de Colonia; e na excursão de Caillié em Tombouctou, quando no meio do deserto a agua amornada já não offerecia o menor allivio á caravana, os viajantes livraram-se dessa situação recorrendo ás caixinhas de pastilhas de hortelãa que levavam no farnel.

Mas he principalmente a humidade do ar que representa um papel importante na hygiene de uma localidade. Observemos primeiramente que de onze partes dos alimentos que se tomam, solidos ou liquidos, oito dissipam-se pela transpiração insensivel. Assim, de onze meios kilogrammas que comesse ou bebesse um homem n'um dia, haveria quatro kilogrammas empregados em fornecer essa traspiração.

Tambem, logo que essa funcção vital tão importante he lezada, como no caso do que se chama vulgarmente *resfriamento*, manifestam-se logo os symptomas mais assustadores. Ora, no ar demasiadamente humido a exhalação he embaraçada pela presença de mui grande quantidade de agua já existente no ar, e se o ar pelo contrario he demasiado secco, sécca os pulmões e perturba a economia ordinaria da organisação. He o que experimenta quem se eleva a grandes alturas sobre as montanhas ou em balões aerostaticos, e tal he tambem o effeito do vento chamado *simoun*, cuja seccura he extrema. Sob este ponto de vista, o clima da França comparado ao da Inglaterra he muito mais salubre, porque ao passo que na Inglaterra a humidade he mui grande, a ponto que a madeira não se conserva senão com uma camada de verniz, na França, ou pelo menos em Paris, o ar contém no termo medio pouco mais ou menos a metade da humidade que poderia conter no maximo, sendo justamente intermediario entre a secca absoluta e humidade extrema.

Todo o mundo sabe que as pessoas que soffrem molestias de peito tem necessidade de ar quente e humido. A seccura do ar he-lhes mortal, e muitas vezes faz-se-lhes a cama em carroes. Entretanto, póde-se dizer em geral que as habitações e os climas demasiadamente humidos são insalubres, e os Inglezes que sahem da sua ilha para residirem em Montpellier, no Porto ou na Madeira, sentem um alivio immediato nos casos de rheumatismo, humores frios, cachexia grave, e de todas as molestias a que a humidade he nociva.

He uma das partes menos adiantadas da meteorologia a que tem por objecto o estudo das influencias da atmosphera sobre o homem são e doente. Algum dia a hygiene meteorologica será um dos ramos mais cultivados e mais uteis das sciencias da organisação vital. Observemos que quando uma sciencia se apoia em duas outras, seus progressos são muito mais lentos do que para conhecimentos mais simples; porque, para faze-los avançar, cumpre que se ache um homem igualmente superior nas duas sciencias. De resto, ainda que a simples logica não desse extrema importancia ao estudo das influencias atmosphericas, bastariam os cuidados que se devem ter na saúde publica pelo saneamento das casas e das ruas, pelas clinicas dos hospitaes civis e militares, para recommendar o mais seriamente possivel este ramo de nossos conhecimentos experimentaes.

Não mencionei entre as influencias meteorologicas todas as que obram sobre os nervos, esses instrumentos de sensibilidade que repetidas vezes se tornam instrumentos de padecimento. He incrivel até que grão de percepção delicada podem chegar esses orgãos, mesmo nas organisações robustas. Comparem-se as sensações de uma pessoa que vai passeiar n'um bello dia de sol claro, ou em um dia triste e frio do outono, ou mesmo n'um desses dias de primavera em que o vento leste torna o proprio sol doentio com alternativas excitantes de calor e de frio igualmente molestas para as pessoas nervosas.

Era aqui o lugar de mencionar as influencias que produzem as molestias epidemicas, e em primeiro lugar esse terrivel cholera asiatico que ha um quarto de seculo dizima as populações da Europa; mas esto flagello mysterioso, que tão rapidamente destró não só a vida mas a organisação, tem escapado até hoje a todas as investigações da physiologia. A febre amarella tem sido estudada na sua acção sobre certas porções dos orgãos que ataca; tem-se reproduzido seus effeitos com alguns reativos e com alguns venenos, ao passo que para o cholera nada semelhante se tem podido obter, e esta affecção, muitas vezes fulminante, tem escapado até agora á arte dos Magendie e dos Orfila. He uma influencia nervosa? Donde vem então effeitos de decomposição tão rapida? He outra cousa? Porque então não se encontram vestigios do agente material que produzio tão energicos effeitos? Emfim, qual póde ser a natureza da emanação, do effluvio exhalado da terra que determina a recrudescencia dessas epidemias? A questão, longe de deixar entrever uma solução, não está mesmo ainda bem estabelecida.

Em geral, a quantidade de materia necessaria para obrar sobre o systema nervoso e sobre nossos orgãos he extremamente pequena. Tem-se analysado chimicamente o ar infecto tomado na valla de despejo de Montmarte e o de um espaço livre e bem isolado nos caes, junto da ponte da Concordia, e chimicamente fallando tem sido achados identicos. Um pedaço de almiscar que produzira por vinte annos emanações odoriferas ao ar livre não tinha perdido nada de seu peso. O ar que produz as febres dos pantanos e o da Zelandia que produz constantemente as febres de outono, nada depositam de apreciavel aos reactivos mais sensiveis. Que influencias phisicas se devem imaginar ou admittir?

Quando se está em um quarto tachado onde ha flôres muito odoriferas, como por exemplo, as angelicas, deixa-se de sentir o cheiro passado algum tempo; entretanto, para certas pessoas a acção não cessa com a sensação. Muitas senhoras, por exemplo, não resistiriam a essa influencia occulta, e viriam por fim a achar-se incommodadas. Ha por tanto ahi uma acção forte que se produz sem ser manifesta aos nossos sentidos, e por meio de emanações tão subtis que escapam a toda a acção physica do peso.

A influencia meteorologica dos paizes insalubres ou invadidos pelas molestias epidemicas he desse genero? He o que ignoramos completamente. De resto; esses agentes mysteriosos não seriam mais estranhos nem mais subtis do que os conhecidos pela physica pelos nomes de *fluido electrico* ou *magnetico*, de principio do calor e da luz, nem finalmente do que o proprio fluido universal, esse ether tão eminentemente elastico e imponderavel que serve de vehiculo ao som, aos diversos ruidos e a todas as vibrações não perceptiveis ao ouvido. Não he de admirar que taes agentes não denuncia em a sua existencia senão em casos muitos excepcionaes, por que se nada póde contê-los, retê-los, encerra-los, como teremos nós a sensação delles? He pouco mais ou menos assim que concebemos o ether imponderavel, intangivel, não perceptivel aos nossos sentidos, excepto no caso de vibração, em que elle obra nos nossos sentidos como calor e como luz. He ainda assim que o ar no qual se não fazem movimentos demasiado fortes cede e deixa-se deslocar de maneira que se torna imperceptivel a nossos sentidos, ao passo que se he posto em vibração sonora traz-nos a sensação dos instrumentos de musica, da voz, e em geral de todas as mil vibrações que vem agita-lo.

Quanto á saúde dos animaes, não parece estar sujeita as mesmas influencias que a do homem. Assim nos pantanos e nos campos de Roma, expostos á *malaria*, os bufalos e os outros animaes tem uma apparencia que não deixa duvida alguma sobre o seu excellente regimen hygienico. Entretanto os animaes são sujeitos como nós a mortalidades sem causas apparentes. Depois da época do cholera de 1832, a mesma doença despovoou capoeiras e fez estrago particularmente nos perús. Os carneiros são sujeitos a frequentes epizootias. Todos tem lido a descripção da peste dos animaes em Virgilio. Emfim, accrescentarei que nos ensaios de acclimação feitos no jardim de Batavia, depois de se cobrirem hectares inteiros de bichos de seda, uma molestia epizootica matava-os quasi todos, e conduzia-os forçosamente a uma especie de equilibrio que a natureza parece ter estabelecido, e do qual se não infringem impunemente as leis. Se fosse de outro modo, uma raça teria desde longo tempo invadido todo o globo, só ella ahi viveria, quasi como as plantas sociaes em certas regiões do globo, donde ellas excluem toda a mais vegetação.

Todavia, pode-se presumir que os animaes não perecem por influencias tão subtis como as que atacam o homem, e isto provém talvez de ser a sua organisação nervosa muito inferior ao systema nervoso humano. Parece que se tem sempre descoberto nas epizootias quaes as influencias de alimento, de habitação, de regimen causadoras daquellas mortalidades. A conclusão de tudo isto será que sabemos ainda mui pouca cousa sobre as influencias physicas que determinam as epidemias, e que não sabemos nada absolutamente sobre a influencia cholerica.

Se da saude dos animaes passamos a saude das plantas, isto he, á sua cultura util, estamos no pleno dominio da meteorologia. Depois, e a medida que as circumstancias conduzirem a necessidade ou o desejo, procurarei mostrar tudo quanto a agricultura deve ao excellente livro do Sr. conde de Gasparin; aqui só tratarei de metereologia.

As plantas privadas da faculdade de se transportarem de um ponto para outro, nascem, crescem - morrem no mesmo lugar. Para ellas não ha emigrações, não ha influencias climatologicas que evitar ou que procurar. O calor, a humidade, a secca, a chuva e todos os meteoros obram por tanto sobre ellas immediatamente; mas he principalmente o calor do sol e a rega da chuva, ou mais poeticamente, se se quizer, a agua e o fogo, que determinam o seu crescimento e a sua fructificação. A mais importante das plantas, a que Céres deu aos humanos esse producto temporão do estio que sustenta todos os habitantes das zonas temperadas nos servirá de exemplo. O trigo e os cereaes como o centeio e a cevada, exigem certa quantidade de calor para amadurecerem. Felizmente o grão de força do calor não he indispensavel, e em maior numero de dias de um grão mais fraco cada especie amadurece, como em menor numero de dias de mais forte calor. A cevada, sendo de todos os cereaes o que exige menor somma de calor para amadurecer, deverá fructificar em latitudes mais estereis onde o trigo não amadureceria. He por isso que a cevada se cultiva até na extrema Noruega septentrional. Tem-se traçado cartas que mostram os limites das diversas culturas, assim como os limites do dominio das diversas plantas bravas. Todas estas determinações são devidas originariamente ao Sr. de Humboldt, que pelas suas viagens e trabalhos de gabinete, já lhes forneceu o typo quasi perfeito.

Vamos agora as doenças das plantas, se se pôde chamar assim a invasão de um insecto que vai pullular na videira e nos seus fructos, ou desenvolver-se nos bolbos nutrientes da batata. He evidente que não constitue isso uma doença propriamente dita. Se o contrario se desse, o homem que devora uma enorme quantidade de uvas e de batatas, seria para essas duas producções uma doença peior do que as que mortificam a videira e a planta de Parmentier. De que provem, portanto, a invasão recente desses insectos sobre esses dous productos nutritivos? He evidentemente de que por uma cultura com demasiado adubo tem-se tentado dar a essas duas plantas uma quantidade de productos superior a que davam precedentemente em condições de crescimento mais sadias para ellas, e por conseguinte mais duradouras. A influencia chamada *doença das batatas* ha de cessar quando tiver destruido todas as plantas susceptiveis de adquirir essa disposição morbida. Então as plantas e as especies de batatas que subsistirem serão aquellas cuja constituição não póde ser dominada pela causa que arruina as outras especies. He assim que pondo de parte as influencias meteorologicas, as epidemias dizimam a humanidade.

Nós não somos descendentes daquelles que foram atacados por esses flagellos successivos, mas daquelles cuja constituição não era apta para soffre-los. Grande numero das molestias dos antigos e da idade media desappareceu completamente, e se algumas dessas epidemias reapparecem de seculo em seculo, he porque o desenvolvimento dos entes tem reproduzido na população algumas das organisações destruidas pelas epidemias precedentes, cujas organisações se acharam por conseguinte atacaveis pelas causas morbidas, contagiosas ou não, que não cessaram de existir. Pode-se conceber que a videira, cultivada outr'ora em um terreno secco e não extrumado, devia ter o tronco e os fructos mais seccos, mais fortes, menos atacaveis pelos insectos parasitas do que nas circumstancias actuaes, inteiramente diversas. Do mesmo modo os bolbos feculentos da batata, levados pela cultura a dimensões exageradas, deviam ser accessiveis a desenvolvimentos morbidos que o desenvolvimento normal da planta não permittia.

Se o trigo tem escapado até agora a tão desastrosas influencias, he porque essa planta tem sido de ha tão longo tempo cultivada com vistas de um maximo de rendimento, que por sem duvida já soffreu todas as molestias possiveis que o seu organismo supporta. Uma doença do trigo seria muito mais fatal do que a doença actual da videira; mas parece não dever-se recear o seu apparecimento á vista do que acabamos de dizer. Quanto ao mais, á medida que o globo se povoar, a cultura dos cereaes e das plantas feculentas em lugares muito arredados permittirá nos annos de escassez os fornecimentos em localidades estrangeiras que não tiverem passado pelas mesmas circumstancias de esterilidade.

Algumas pessoas comprehendem difficilmente como he que o trigo, que em latitudes medias da Europa, da Asia e da America dá colheitas tão abundantes e tão preciosas, não pode fructificar nas regiões intertropicaes, onde a falta de inverno pareceria dever favorecer o desenvolvimento da planta.

A isto responde-se com facilidade que he precisamente a falta de inverno que reduz o trigo semeado na zona torrida ao estado de herva que se reproduz pelos rebentões e não pela semente. Com effeito, para o trigo, bem como para mil outras plantas annuaes, a semente he um meio de perpetuar a especie de um anno para outro, pois que cada planta morre no fim da estação do seu desenvolvimento, ao passo que nos paizes quentes, onde a vida persiste na planta muitos annos como entre nós na relva, e onde a prorogação se faz pelos rebentões lateraes, a planta não sobe em espiga, e não dá colheita de grão. Sem duvida muitas plantas herbaceas dos climas mais quentes do que o nosso passariam ao estado de plantas de semente naturalisando-se entre nós e tornando-se plantas annuas. Tocamos aqui em uma das partes mais interessantes da meteorologia. Vendo a acclimação do assucar, do café e do trigo nas Indias Occidentaes, a do trigo e da batata entre nós, concebe-se tudo quanto se pode esperar desse genero de acquisição de riqueza, tanto pela naturalisação dos animaes, como pela das plantas.

Será depois occasião de explorar outras partes desse grande todo que forma o dominio da meteorologia. Não direi hoje senão uma palavra sobre a acclimação do proprio homem nas novas regiões, e escolherei por exemplo a população actualmente tão prospera dos Estados-Unidos. Não ha ainda um seculo que para fortalecer a saude dos jovens de um e de outro sexo mandavam-os passar na Europa o tempo de sua adolescencia. Varias cidades da França tinham os seus collegios cheios do que se chamava então crioulos, posto que não tivessem nas veias nem uma gota de sangue indiano. Hoje mesmo, ainda depois que a cultura saneou o solo, e quando a população longo tempo dizimada se tem moldado ás exigencias do clima, a vida média he sensivelmente mais curta nos Estados-Unidos do que na Europa. Sabe-se tambem que a raça dominadora dos Mamelucos nunca póde reproduzir-se no Egypto. São exemplos frisantes de influencias meteorologicas, sobre as quaes o mundo administrativo, assim como o mundo sabio deverá ter os olhos constantemente abertos, mesmo a respeito de uma localidade tão vizinha como a Argelia.

II.

Será por sem duvida sempre um impossivel predizer para qualquer localidade e para um dia determinado o estado da atmosphera, e, segundo a expressão vulgar, prognosticar a chuva ou o bom tempo. De feito, a extensão de terreno que recebe a chuva he muitas vezes tão circumscripta que o que se annunciasse para Paris já não seria verdadeiro para Orleans, Rouen ou Amiens. Cumpre portanto, em nome da logica, limitar as exigencias e não pedir a sciencia senão generalidades sobre as estações, ventos dominantes, secca ou humidade, frio ou calor. A maior parte daquelles que enchem as columnas dos almanaks ordinarios nada lhes custam os prognosticos que lançam nelles com a maior certeza: evitam somente indicar geadas para o mez de agosto e calores para o mez de janeiro: os tempos variaveis são notados para a primavera e para o outono, e comtanto que o almanak do anno não seja identico ao do anno precedente, tudo está em ordem. Posto que a sciencia moderna não reconheça a influencia da lua, he sempre á lua nova e á lua cheia, bem como ao primeiro e ultimo quarto que as indicações de mudança de tempo são annexas.

Eis aqui de resto os conselhos que eu dava a um fabricador de almanak relativamente a essas indicações verificadas que, segundo a expressão ingleza, constituem um *loyal* almanak. Tomai todas as indicações de tempo que se podem razoavelmente suppor para a lunação de que se trata. Serão, por exemplo, para uma lunação de primavera, as palavras « variavel, humido, secco, frio, quente, bello, fixo, inconstante, geada, chuva, aguaceiros, neblina, tempo coberto, tempo sereno, vento, bonança, etc. ;» escrevei cada uma dessas indicações em uma tira de papel; depois de misturadas essas tiras n'uma urna, tirai uma á sorte e dai-a como o typo da lunação em questão: tereis então feito tudo o que razoavelmente permitte o estado da sciencia.

Vê-se, alem disso, pelo grande numero de indicações diversas que admitte uma lunação, quão poucas probabilidades ha de acertar nessa especie de adevinhação. Cita-se a este respeito a seguinte anecdota succedida a um desses editores de *almanaks fieis* inglezes que se vendem aos milhões de exemplares. Ia de jornada a cavallo, e, tendo parado muito cedo em uma estalagem, quiz depois seguir com um tempo que não dava o menor indicio de chuva: « Senhor, disse-lhe o estalajadeiro, aconselho-vos que não partais; a menos de dez milhas daqui estareis ensopado, e não achareis abrigo algum na estrada. Crêde-me, tenho um almanak que não me engana nunca. » Como se deve suppôr o homem dos prognosticos meteorologicos que lhes conhecia melhor o valor, não fez caso destas palavras e proseguio a jornada; mas a menos de meio caminho da localidade a que queria chegar foi assaltado por uma borrasca que realisou no mais estricto rigor a predicção que se lhe fizera.

Maravilhado da presciencia meteorologica do *land lord* com quem estivera havia pouco, quiz saber a explicação do enigma, e voltando para traz, tornou a estalagem donde tinha partido, mas em um estado que justificava completamente a quem quizera retê-lo: « Como, disse elle ao estalajadeiro, pudestes adevinhar com tanta certeza o horrivel tempo que fez?— Nada mais simples, respondeu este. Tenho o almanak de*** (era precisamente o nome do viajante): esse *maganão* he um impudente mentiroso; mas guiando-me pelo contrario do que elle annuncia nunca me engano. Vêde, annuncia bom tempo para esta tarde; não tive razão de aconselhar-vos que não continuasseis hoje a jornada? » O rico director da fabrica de almanaks guardou silencio e o incognito, posto que gostasse depois de contar o seu infortunio. Conforme a incerteza dos prognosticos, o estalajadeiro teria plenamente razão se dissesse que o tempo era sempre differente daquelle que o almanak annunciava; mas que fosse precisamente o opposto era uma nova affirmativa tão pouco provavel como a outra.

Esta questão dos prognosticos meteorologicos, futil em si mesma, pois que só o acaso preside a escolha dos que se dão a cada lunação, prende-se a uma das illusões do espirito humano, da qual os melhores espiritos nem sempre se livram, e que tende a dar uma importancia exagerada a sciencia de todos aquelles que se mettem a predizer o futuro, quer em moral, quer em politica, quer em astrologia, tanto para as sociedades como para os individuos. Esta illusão provém de que se dá muito mais attenção a uma predicção que vem a realisar-se do que a cem outras que sahiram erradas. Para achar admiravel a sagacidade de um adevinho, cumpriria tomar nota de todas as vezes que deixou de acertar em suas conjecturas, e ver-se-hia que por uma vez em que tres dados lançados ao acaso deram azes a sua voz, em mil outras vezes deram pontos inteiramente diversos.

No outono de 1846 soube que os pescadores de baleias se tinham visto obrigados a ir procura-las muito mais para o norte do que costumavam. Conclui dahi que as correntes de agua quente do norte do Atlantico, de que as baleias fugiam, tinham subido nesse anno mais do que de ordinario, e que o vento oeste, que he o vento dominante da Europa, nos chegaria mais quente que de costume, e nos daria um inverno muito brando.

A predicção fez-me honra realisando-se; mas tendo querido prognosticar para o inverno seguinte, segundo a posição do polo e frio europêu, a estação desmentio-me completamente. Por mais que indicasse altamente o meu engano, a coincidencia do anno precedente tinha impressionado muito mais os espiritos do que a discordancia do anno actual. He escusado dizer que supprimi depois toda a casta de predições.

Daqui a longo tempo sem duvida os meteorologistas estarão reduzidos ao papel obscuro de historiadores em vez do papel brilhante de prophetas. O segredo do progresso actual das sciencias he precisamente não crer no impossivel, e *procisoriamente* saber ignorar. Uma senhora fazia perguntas ao secretario da academia das sciencias, chamado Duhamel, e impacientava-se com as respostas negativas que recebia sobre todos os pontos.—De que serve então ser sabio, disse-lhe ella finalmente, se não podeis responder a nenhuma das minhas perguntas? —Senhora, serve para saber dizer: *Não sei.*

Pessoas atiladas tem procurado nos registros meteorologicos dos annos anteriores algum periodo fixo, no fim do qual as estações se reproduzissem da mesma sorte no calor, na chuva, nos ventos, nas producções da terra. Até agora ainda nada que se possa dizer bem estabelecido tem arrastado o assentimento universal. O periodo lunar de 18 a 19 annos que reproduz as mesmas configurações desse satellite, os mesmos eclypses, as mesmas posições em relação ao sol, he o unico que tem sido um pouco observado. O anno 1816 foi excepcional na humidade e na temperatura, e 19 annos depois, o anno 1835 apresentou os mesmos caracteres; 19 annos ainda depois, isto he, no principio do presente anno 1854, julgou-se perceber um effeito desse periodo a que os Gregos chamaram *periodo do numero de ouro*. Pretende-se que muitos daquelles que querem seriamente prever o caracter de um anno que principia, se referem aos registros do anno que lhe procedeu dezoito ou dezenove annos; mas seguindo as indicações resumidas nos quadros do Sr. Glaisher, não achei esse periodo bem definido, e procurando-se o periodo do derretimento dos gelos polares, o das épocas de congelação ou do degelo do Baltico, sobre tudo a da navegação aberta ou interrompida no rio de San Lourenço no Canadá, ainda senão achou nada satisfactorio.

De resto, não ha absurdo algum em suppor uma reproducção periodica das mesmas constituições atmosphericas, e em procurar na natureza physica como no estado social a historia do futuro pela do passado. Este methodo que tem aproveitado sobejamente aos astronomos, *os unicos que*, segundo a observação de Laplace, *podem lisongear-se justamente de predizer o futuro*, não deixará de convir para que, mesmo em uma ordem de phenomenos mais complexa, se procure colher analogias que conduziriam a presumpções assaz provaveis.

Não obstante, o escolho de todas essas indagações he a pretenção que tem todos os que consultam registros meteorologicos de querer identificar em tudo os annos que tomam por similares nos seus periodos. Bastaria que elles tivessem pontos de semelhança nos caracteres principaes, e he muito possivel que os periodos não sejam os mesmos no calor, humidade, ventos dominantes, tempestades electricas, etc.; então cada anno tomaria o seu caracter de muitas influencias diversas. Accrescentemos que cada estação poderia bem ter o seu periodo distincto. Assim, a volta dos verões excessivos poderia bem não ser regida pela mesma lei que a volta dos invernos rigorosos, o que parece quanto ao mais resultar dos factos como da theoria. Não ha nada que não seja natural em tudo isto, porque os elementos que influem sobre a primavera, por exemplo, como succedendo ao inverno, não são as mesmas que as que influem sobre o verão como succedendo á primavera, e, se fosse necessario prova-lo, far-se-hia conceber bem facilmente que o verão he quasi isento dessas fluctuações caprichosas que, nos nossos climas, lançam os tempos de inverno nos primeiros dias da primavera, ou fazem antecipar os tempos de primavera nos ultimos dias do inverno.

Como dissemos, a meteorologia he uma sciencia inteiramente moderna. Seus progressos dependiam dos de tantas sciencias diversas, que ella teve naturalmente de segui las na ordem chronologica de seu desenvolvimento: a mechanica, a physica, a optica, o magnetismo, o calor, a electricidade, a chimica, a geologia, a mineralogia e a geographia physica servem-lhe de base. Accrescentemos-lhes a arte de observar nas viagens, que devemos ao decano octogenario dos sabios, o Sr. de Humboldt, que he tambem o primeiro dos *conhecedores* da natureza, e não nos admiraremos de que se esteja ainda tão pouco adiantado nessa sciencia, que ainda hontem não era nada, e que será algum dia *quasi tudo*, como o globo que forma o seu dominio.

E, pois, para estabelecer uma questão que as gerações futuras, accumulando os trabalhos do pensamento e os da experiencia, gastarão ainda muitos seculos a resolver, imaginemos que sobre um grande numero de pontos do globo systematicamente escolhidos se collocam observadores que façam conhecer dia por dia a marcha das correntes do ar e a quantidade total de deslocação das massas atmosphericas com todas as circumstancias de transparencia ou de cerração, de calor ou de frio, de secca e de humidade, e com a volta dessas mesmas correntes; saber-se-ha em cada data a posição desse grande mar aério sem praias que envolve o globo inteiro, saber-se-ha donde vem cada parte delle e para onde vai, as influencias meteorologicas que recebeu no seu curso, e o que vai levar as regiões a que abordar; poder-se-ha pois prever com antecipação o effeito que ha de produzir, e dirigir por ahi os cuidados da saude publica e particular, a criação dos gados e as sementeiras ou plantações agricolas do inverno, do verão ou do outono, e a cultura das plantas que exigem tal ou tal grão de calor. Assim se no presente anno se tivesse podido prever o calor do verão que acabou, ter-se-hia podido cultivar o milho nos arredores de Paris, onde raramente o verão he bastante quente para amadurecer perfeitamente essa planta. Isto só succede uma vez cada tres ou quatro annos, de mesmo modo quasi que em Hamburgo, nas melhores exposições, a uva não amadurece mais do que uma vez em cada sete annos.

He evidentemente por meio da sciencia applicada que o homem pode domar a natureza amoldando-se ás suas leis, e não pedindo a cada terreno e a cada região senão o que se póde obter delles com facilidade e abundancia. Quando esta verdade se tornar popular, as nações rivalisarão em zelo para o estabelecimento de estações terrestres ou maritimas que concorram para o conhecimento do globo. Um pequeno numero de quartos de seculo, ou se se quizer de gerações scientificas, bastará para conhecer as verdades mais geraes e mais usuaes; mas quanto ao detalhe, a complicação dos elementos que entram na questão pedirá um tempo mais longo, e as previsões serão limitadas a tempos anteriores muito mais restrictos.

Imaginemos um observador contemplando do alto dos Pyrenéos os velhos francezes ou hespanhóes que se estendem a seus pés, ou mesmo contemplando do cimo do Puy-de-Dome a bella e rica Limagne d'Auvergne com suas cidades, seus rios, seus campos ferteis, por cima dos quaes as brisas inconstantes fazem vagar nuvens intercortadas de claros, e que ora derramam chuvas mudaveis, ora não fazem mais do que psoduzir o que se chama tempo coberto. Não he verdade que esse observador vendo o complexo dos phenomenos saberá n'um lanço de olhos quaes as localidades em que vai haver chuva, tempo coberto, ou que vão receber os raios directos do sol?

Ora, o que faria o observador da montanha a respeito de um valle que avistasse, seria feito por aquelles que seguissem a marcha dos instrumentos meteorologicos, se a cada instante os boletins da telegraphia electrica aprosentassem aos nacionaes interessados em saber o tempo que se forma, todos os documentos necessarios para preverem com antecipação o estado da atmosphera segundo a indicação da região donde vem as camadas de ar e do estado em que ellas se acham marchando assim para o ponto que as espera.

Predições locaes de vento e de cerração ja tem sido feitas em Inglaterra por esse processo, o qual, excluindo toda a idéa de possibilidade de adevinhação com antecipação de alguns annos ou mesmo de alguns mezes, dá quasi a certeza de que ao menos alguns dias antes se saberá em cada ponto do globo o que se pode esperar dos meteoros do ar, da agua e do fogo, meteoros que tem tanta influencia sobre a saude como sobre a producção e sobre as operações agricolas.

A meteorologia será então a pedra philosophal tão procurada pelos antigos alchimistas. Ella dará a saude e a riqueza.

Babinet.
(*Jornal do Commercio* do Rio.)

A LITTERATURA HESPANHOLA E OS SEUS HISTORIADORES MODERNOS.

(*Continuação do n. antecedente.*)

II.

O gosto do romance he tão pronunciado no fecundo poeta dramatico, que só parece procurar em toda a historia occasião para desenvolve-la. Lopez da Vega não se limitou aos annaes hespanhoes; França, Italia, Allemanha, Inglaterra, todos os paizes da Europa ministram-lhe dramas pretendidos historicos. Aqui he a luta de Rodolpho de Hapsbourg e de um rei de Bohemia Ottocar (la imperial de Othon); alli he a anarchia da Hungria diante Mathias Corvin (*el Rey sin regno*). Em *el Gran Duque de Moscovia*, trata do assumpto que tentou tambem Schiller, Pouchkine e mui recentemente M. Prosper Merimée; em *el Castigo sin venganza*, pinta o tragico episodio da côrte de Ferrara que Byron illustrou na sua *Parisina*. A historia de França lhe inspira dous dramas que desgraçadamente já não existem, um acerca de Joana d'Arc (*la Poncella de Orleans*), o outro consagrado, segundo toda a verosimilhança, ao assassino de Henrique III (*el Valiente Jacobin*), e que se poderia collocar talvez ao lado dos panegyricos de Jacques Clement pronunciados em choro pelos pregadores da liga. Se Lopez da Vega, ao tratar dos assumptos nacionaes, não soube elevar-se ao verdadeiro drama historico, ninguem espere encontrar nos dramas que elle toma á historia da Europa do norte a obra-prima que procuramos. Quando Shakspeare lança a sua imaginação entre os povos modernos, quando Goethe e Schiller, arrastados pelo seu exemplo, nos conduzem á Italia, á França, á Suissa, á Allemanha, á Inglaterra, o que seguiam antes que tudo, e o que seguiam Corneille e Racine nos assumptos antigos, a verdade, a natureza, a eterna natureza, isto he, o coração e a paixão sob os costumes particulares de um paiz. Lopez da Vega não se incommoda nem pela realidade local, nem pela verdade universal, só quer uma occasião para os seus quadros romanticos. Se toca algumas vezes em grandes factos contemporaneos, ahi desenvolve os seus imbroglios como se houvesse tomado por texto alguma velha lenda fabulosa. Veja-se a peça que elle intitulou a «*Necessidade deploravel* (*la Fuerza lastimosa*)! Ha evidentes allusões á expedição de Filippe II contra a Inglaterra; mas que transformação soffreu a *Invencivel Armada*! Já se não trata da luta de dous povos e de duas religiões, trata-se das mais estranhas aventuras que se possam imaginar. Uma filha de el-rei de Irlanda promette uma entrevista no palacio a um fidalgo que ama-a. Outro fidalgo sorprende o segredo, faz prender seu rival, arromba a janella da princeza no momento indicado, e protegido pelas sombras aproveita-se do engano. Dahi complicações sem fim: dôr do amante que foge para a Hespanha, onde se casa com a filha do conde de Barcelona; desespero da princeza, que se julga abandonada e cuja razão se perturba. Depois alguns annos, o genro do conde de Barcelona no seu paiz com a sua mulher e seus filhos, persuadido que toda esta historia está acabada; mas el-rei de Irlanda lhe dá ordem de matar sua mulher e casar-se com a

MUTILADO

princeza que elle deshonrou. Debalde protesta a sua innocencia, não sei que dedicação cavalleirosa a seu rei o decide a obedecer, e entrega a mulher aos algozes. Entretanto, após destas odiosas catastrophes, a guerra arrebenta entre a Hespanha e a Irlanda, e a esquadra do conde de Barcelona tiraria vingança deste paiz de assassinos, se novos acontecimentos,—sorprezas, reconhecimentos, explicações,—não substituissem todas as cousas na ordem. He assim que Lopez da Vega escondia aos seus concidadãos o espectaculo da realidade e os conduzia comsigo ás maravilhosas regiões do romance. Quando os Hespanhoes do seculo XVII viam o conde de Barcelona invadir as ilhas britanicas e castigar os assassinos de sua filha, esqueciam-se talvez que a *Invencivel Armada* semeara os mares com as suas reliquias e que Maria Stuart não era vingada.

Romances, aventuras, seducção das cousas imprevistas, movimento dos factos e rapidez do dialogo, eis o que encheu o theatro de Lopez da Vega. Se ha certos dominios da historia que comportam semelhante poesia, será este o seu triumpho. Pode-se assignalar na sua obra uma serie inteira de dramas acerca das iniquidades da sociedade feudal: são fidalgos que de repente inflamma a vista de bella vassala e que querem triumphar da sua virtude pela astucia ou pela força. Algumas vezes o poeta nos mostra reis criminosos destas violencias; as mais das vezes el-rei he o guarda da justiça e o refugio do vassalo ultrajado. Veja-se a *Nina de Plata*, a Bella de olhos d'ouro, como traduz M. Damas-Hinard; veja-se especialmente *Peribanez* e o *Commendador d'Ocaña*. Que interesse! que recursos de imaginação! Em todos estes quadros, Lopez da Vega he um mestre sem igual. Elle possue o segredo da vida, e ouvem-se echoar, no meio destas intrigas demasiado complicadas, gritos de paixão sahidos do coração e das entranhas. As proprias peças em que se lamenta que o alvo não tenha sido attingido, abundam em pinceladas de genio. Se compararmos o *Honrado Hermano* com o *Horacio* de Corneille, veremos claramente toda a distancia que vai da tragedia ao drama romantico, e com tudo que inspirações! Quando a Julia de Lopez da Vega, ao ver voltar seu irmão Horacio carregado dos despojos de seu amante, brada-lhe com um furor em que se desfaz toda a sua alma: « A tua victoria não he completa! He força que me firas tambem: eu sou Curiacio! *Yo soy Curiacio, yo soy!* » Semelhante grito seguramente he daquelles que resgatam culpas. Imagine-se por isto a belleza dos seus quadros, quando todas estas energicas qualidades de interesse e de paixão se podem desenvolver no quadro que lhes convém! As suas comedias especialmente serão muitas vezes maravilhas de elegancia. Não he a grande comedia, aquella que reproduz a propria natureza e crea os typos em que se reconhece a humanidade; he uma comedia particular, em que a phantasia de Shakspeare se une ao interesse de uma intriga habilmente tecida. Anecdotas e imbroglios são collocados no seu verdadeiro lugar e graciosas figuras, desenhadas com um leve toque, passam e repassam neste drama scintillante. O *Secretaire de soi-même*, o *Chien du Jardinier*, os *Miracles du mépris*, o *Hameçon de Phenice*, a *Belle mal mariée*, *Aimer sans savoir qui*, e especialmente o *Grand Impossicel*, de que M. Alfredo de Musset deu na *Quenouille* de *Barberine* uma imitação tão encantadora, eis talvez os melhores titulos de Lopez da Vega. Todavia o seu grande titulo he este estro fecundo que creava não só dramas e comedias, mas poetas. A sua acção em todos os theatros europeos foi immensa. Ora esta influencia he directa, ora se exerce pelo intermedio dos dramaturgos hespanhoes que elle suscitava em torno de si; sob uma ou outra forma, he impossivel nega-la. « Quando eu vejo n'uma comedia invenções engenhosas, diz M. Guilherme de Schlegel, quando lhe descubro energia, graça e facil desenvolvimento de intriga, não hesito pronunciar que he de origem hespanhola, ainda quando o autor não suspeitasse e julgasse ter bebido n'uma fonte mais vizinha. » Modifique-se a exageração destas palavras, e ellas se applicarão especialmente a Lopez da Vega. Descartes pedia a materia e o movimento afim de crear um mundo; a materia e o movimento, eis o que Lopez ministrou ao drama; virão outros, e o theatro moderno será creado. Shakspeare não lhe deve nada, mas Corneille e Moliere tiraram destes elementos confusos obras immortaes, e no proprio paiz de Lopez, escriptores como Calderon e Alarcon saberão elevar-se, sob o impulso do seu genio, a um ideal que não suspeitava. Se M. de Schack houvesse apreciado estas cousas com mais precisão, não teria sacrificado, como fez, toda esta poesia moderna, cujo luminoso desenvolvimento he insado com especialidade por Lopez da Vega.

Injusto para com o theatro inglez, visto que o colloca abaixo do theatro hespanhol, injusto até para com o autor do *Prince constantt* e o autor do *Tisserand de Segovie*, visto que as mil quinhentas comedias de Lopez lhe parecem o grão supremo da arte, poderemos nós ficar sorprendidos que M. de Schack tenha ultrapassado, julgando o nosso theatro, todas as injustiças e todos os erros de que a critica allemãa, desde Guilherme Schlegel, se mostrou tão prodigo? Escrever a historia do theatro na Hespanha, que excellente occasião para immolar os poetas da França! Guillen de Castro apresenta sobre a scena a grande figura do Cid; escreveu uma obra que eu admiro mais do que ninguem, uma obra em que todos os romances do Cid, romances heroicos ou religiosos, são reproduzidos com uma poesia enthusiasta, mas que se assemelha mais a uma epopea em dialogo do que a um verdadeiro drama. Corneille se inspira desta composição epica; traduz-lhe algumas scenas, e especialmente, no meio desta longa biographia do heroe, descobre um traço vagamente indicado pelo poeta hespanhol, a luta do dever e da paixão; o seu instincto da alta poesia diz-lhe que todo o drama esta nisto; apodera-se desta idea, fecunda-a e della tira esta obra encantadora que a Europa inteira, ainda em vida do autor, saudou com as suas acclamações. He assim que a questão se apresentava até aqui, mesmo aos olhos destes criticos allemães que ainda julgam a poesia e as artes da França com as paixões de 1813. Schlegel não tinha lido a peça de Guillen de Castro; julga somente que o poeta francez seguio o plano da peça hespanhola, e sem se explicar tão pouco sobre a originalidade da obra, não dissimula o prazer que lhe causa nos versos de Corneille a nobre luta do amor e da honra. Com que intelligencia M. de Schack vai reparar as culpas de Schlegel! Toda a poesia, todo o poder patetico de Guillen de Castro, desappareceu na peça de Corneille. Corneille he frio, Corneille he incompleto, Corneille he secco e esteril, Corneille não faz mais do que galantear á moda franceza com estes elevados sentimentos de honra que desenvolve tão cabalmente o autor das *Mocidades del Cid*. Quanto á forma, he digna do pensamento; a obra franceza he a parodia da obra hespanhola, e se Corneille recebeu o nome de *Grande*, foi sem duvida por ironia. O que parece esta diatribe cujos termos adocei? Pensava em que M. de Schack era um destes espiritos demorados como ha ainda longo tempo depois das reacções violentas; esperava que uma apreciação desta força devia ser ridicula em toda a parte, em Berlin e em Leipzig assim como em Paris. Grande illusão! esta pagina foi mui bem acolhida alem do Rheno, e os traductores allemães de M. Ticknor, descontentes por verem M. Ticknor demasiado indulgente, dizem elle, para com o *Cid* de Corneille, citaram em nota, como um correctivo indispensavel, a sentença de M. de Schack. Ainda isto não he tudo, M. Schack achou o meio para fazer melhor. A proposito das comedias de Lopez da Vega, elle encontra Moliere em caminho, e brada com altivez: «Aquelle que busca nas comedias quadros de conversação prasaicamente tomados á natureza, imitações exactas de uma realidade commum, personificações de vicios e loucuras com typos de moralidade que contrasta, aquelle que vai ao theatro para ouvir amargas invectivas e explosões satyricas, ou então para ver estas scenas grosseiramente buffas que provocam um riso de camponez, este fara bem em se não approximar de Lopez da Vega e indemnisar-se com Moliere e Wycherley, com Goldoni e Kotzebu. » O autor do *Misantropo* e do *Tartufo* ficou um grão abaixo do cynico Wycherley! O mestre incomparavel da scena comica confundido com Kotzebue, com Goldoni, e sacrificado as elegantes phantasias de Lopez da Vega! Não se refutam taes cousas; basta cita-las. Dar-se-ha caso que se me obrigue tambem a discutir com M. de Schack quando elle affirma que as personagens de Racine são bonecas de madeira, e que fallam ridiculamente a lingua do bonifrates!

Emfim, pergunto, se isto são opiniões litterarias, ou se antes não he um encarniçamento contra o proprio genio da França. Quando Schlegel se esforça para depreciar Moliere, crê no seu systema; o homem que ultraja aqui a Moliere e Corneille, e Racine, he um destes gallophobos cujo odio he e grande inspiração. Grave, attento, escrupuloso ácerca de tudo o mais, a modo que se torna outro homem assim que se trata de nós. Este erudito, que se julgaria tão criminoso se commettesse um erro de data ou uma omissão insignificante a respeito dos poetas mais obscuros da Hespanha, perde a noção do justo e do injusto ao nome sómente dos immortaes mestres da nossa lingua. Corneille faz representar o *Cid* em 1636; vinte dous annos depois, um poeta castelhano chamado Diamante, ao inspirar-se ao mesmo tempo da pintura epica de Guillen de Castro e do pathetico de Corneille, reproduz quasi litteralmente varias scenas do poeta francez no drama intitulado o *Homem que honra seu pai (el Honrador de su padre.)* As datas existem, a imitação de Diamante he manifesta, e M. de Schack, obedecendo a um primeiro movimento de imparcialidade, assignala com effeito o que Diamante deve a Corneille; mas que importam as datas? que importa este primeiro movimento involuntario? O historiador se desdiz no seu terceiro volume, e reflexões mais sérias lhe permittem duvidar que Corneille tenha traduzido Diamante. Voltaire já o havia dito, mas Voltaire era enganado por datas inexactas. Dar-se-ha acaso que M. de Schack conteste as lições da critica moderna? Terá elle achado uma prova nova? Não, não ha razões, nem discussão, nem prova; o principal argumento he o seguinte: a peça de Diamante he muito bella, e por isso o poeta castelhano não podia toma-la a Corneille. A' vista disto, ninguem se deve admirar que o autor negue obstinadamente o que a scena franceza pôde dar algumas vezes á scena hespanhola? Se Corneille copiou Diamante sem nomea-lo, elle que citava tão lealmente os seus modellos, póde compor o seu Heraclio segundo o drama phantastico de Calderon, *en esta todo es verdad y todo mentira*. Segundo toda a verosimilhança, o contrario he que he verdade; ainda repito, que importa? Sobre todos estes pontos, o consciencioso Allemão fez a sua guarda avançada. E agora que o doutor Julio, nas suas annotações de Ticknor, proclama como suprema autoridade os juizos de M. de Schack; que M. Fernando Wolf, n'um artigo scientifico dos *Blaetter fur litterarische Unterhaltung* (1849, n. 90), repita e envenene ainda todas as violencias do grande historiador que elle admira: — se obedecem a todos rancores contra a França, nós os lamentaremos por causa desta enfermidade obstinada; se são de boa fé, pelo contrario, e se esta he verdadeiramente a sua maneira de entender a poesia, tomaremos a liberdade de dizer-lhes como o Italiano das *Confissões* de Rousseau: « Vá estudar as mathematicas! »

Não, não os condemnaremos ás mathematicas, conduzi-los-hemos sómente á erudição, a critica dos textos e ás leituras reflectidas. Ei-ahi o incontestavel valor do livro de M. de Schack. Os erros mui graves do laborioso escriptor não impedem de assignalar com prazer o immenso serviço que prestou á historia litteraria. O seu estudo acerca de Calderon, em virtude das analyses, das confrontações, a explicação das fontes he um dos trabalhos mais uteis que se possam consultar. O que havia melhor a este respeito na Allemanha, antes da publicação de M. de Schack, eram as profundas indagações de M. Valentim Schmidt, inseridas em 1822 nos *Annaes de Vienna*, e reproduzidas quasi todas por M. Rosenkranz, na sua interessante *Historia da Poesia* (Halle, 1833.) O terceiro volume de M. de Schack excede a todas as sabias memorias que o precederam. O genio de Calderon será logo melhor apreciado na Europa. Ao passo que M. Damas-Hinard nos dava uma traducção elegante e fiel de muitos dos seus dramas, ao passo que M. Luiz de Viel-Castel, juiz mui competente deste velho theatro, publicava aqui a seu respeito excellentes analyses, a attenção se transportava além do Rheno sobre esta grande e singular figura. A admiração de Guilherme de Schlegel para com o autor do *Prince Constant* inspirara as bellas traducções de Gries e de Malsbourg; a obra de M. de Schack recordou ao barão de Eichendorf, que elle havia traduzido com rara felicidade um volume d'*autos sacramentales*. M. de Eichendorf acaba de acrescentar ao seu trabalho um segundo volume, que contém algumas das *comedias divinas*. Juntemos ainda á influencia de M. de Schack, o supplemento que uma mulher de talento accrescenta ou Calderon de Gries. Alarcon, mui pouco conhecido ha alguns annos, antes que M. Fernando Deniz, nas suas *chronicas cavalleirosas*, houvesse dado uma traducção mui engenhosa do *Tecelão de Segovia*, Alarcon, que atrahe hoje as investigações de uma critica enthusiasta, mantem perfeitamente seu lugar na obra do historiador allemão, Moreto, Tirso de Molina, Rojas, Solis, Christovão de Monroy, são igualmente estudados com cuidado, e posto que M. de Schack prefira o primeiro periodo, em que domina o nome de Lopez da Vega, esta segunda geração indica manifestamente um esforço para um idéal superior.

Seria pouco conveniente apreciar incidentemente a obra de um genio como Calderon. Se resumo por tanto a impressão que me causa tão doutos estudos, se procuro imaginar o poeta tal como estas novas luzes o revelam aos nossos olhos, confesso que fico impressionado de ver nelle o resumo mais completo desta idade media hespanhola, que M. de Schack nos revelou plenamente. O espirito romantico e o espirito religioso nelle se reunem, elevados, se assim nos podemos exprimir, á sua mais alta potencia. Elle tem mais força, mais arte, um ideial mais subido que Lopez da Vega, mas não sahe dos limites que traçava a si proprio o velho João del Encina. Os dramas de Lopez peccam muitas vezes pela falta de profundeza; os dramas de Calderon são obra de um pensamento mais grave. Os *autos* de Lopez são pessimas rapsodias escolasticas; os *autos* de Calderon, atravez das suas estravagancias innumeraveis, são como visões deslumbrantes. E todavia, apesar desta superioridade da sua arte, ainda se não liberta dos grilhões do passado. Podia com Schakspeare resumir a época viva de que procede, e inaugurar um theatro inteiramente moderno. Schakspeare he moderno, assim como Corneille, Racine, Pascal, Bossuet; Calderon he o ultimo, e, com Dante, o mais maravilhoso dos poetas da idade media. Não nos devemos esquecer que desde o poeta florentino até o poeta hespanhol vão quasi quatro seculos! e que seculos! Que movimento dos espiritos! Que transformação da humanidade! Assim, esta adhesão de Calderon para com a idade media, por mais sincera que fosse em realidade, como não havia de ter muitas vezes os movimentos apaixonados de um systema? Não direi com Sismondi que o autor da *Devoção á Cruz* he o poeta da inquisição, direi apenas que he a expressão da idade media artificialmente prolongada. Não se trata aqui deste catholicismo ingenuamente desenvolvido cujas lendas e até superstições tem um caracter de serenidade encantadora; sentimos uma inspiração constrangida e uma especie de idéa de polemica; sentimos o poeta imbuido nos pensamentos do seculo XIII, mas que compõe os seus dramas no dia seguinte da reforma e do concilio de Trento. M. Joze de Maistre, falla em alguma parte da mythologia christãa da idade media; esta mythologia era singela e cheia de encantos, he facticia em Calderon. Se havia alguma cousa pagãa na devoção do seculo XIII, este paganismo involuntario era bem resgatado pela candura dos espiritos; pelo contrario, o paganismo tem um caracter reflectido no grande poeta hespanhol. Vejamos desenrolar-se este drama extraordinario, intitulado a *Devoção á Cruz*, assistamos ás tenebrosas aventuras do purgatorio de *S. Patricio*, e depois leiamos uma pagina de Bossuet ou de Bourdaloue, de Fenelon ou de Malebranche: Veremos que distancia vai desta idade media de convenção ao christianismo do pensamento moderno. Calderon nos mostra malvados abominaveis que conservam no meio dos seus crimes não sei que adoração superstíciosa aos symbolos materiaes da igreja; podem desde então continuar a derramar o sangue, e escarnecer de tudo quanto ha mais santo no céo e na terra: este symbolo material he um talisman que os salvam. Não supponhamos que se trata aqui de pintar a devoção do bandido hespanhol ou italiano; he uma theoria completa, em que um brilhante mysticismo de imaginação e de lingua que pouco dissimula o grosseiro materialismo da essencia. Sei cabalmente que Calderon escreveu o *Prince Constant*, e que este Regulo christão he uma das mais sublimes creações da poesia religiosa. Quantas outras peças ainda, quantos *autos sacramentaes e comedias divinas*, em que a exaltação da fé parece transfigurar a humanidade e misturar o céo e a terra n'um prodigioso deslumbramento! Seria bello assumpto para um historiador philosopho mostrar no theatro de Calderon esta luta involuntaria entre o verdadeiro e o falso, entre as superstições de uma idade média artificial e as inspirações sinceras de um christianismo espiritualista. Certamente estas inspirações mais elevadas já dispontam em muitos lugares do audacioso autor do *Prince Constant*, assim como ve-se o espirito moderno, com a sua razão desenvolvida e a sua liberdade regular apparecer aqui e alli, em Tirso de Molina, em Moreto, em Rojas e especialmente em Marcon, e presagiar uma era melhor. Oh! são symptomas mui fugitivos! O despotismo e a inquisição produzem seus fructos, os mestres da arte não encontram na consciencia geral do seu tempo o apoio de que necessita o poeta dramatico, e no momento em que julgamos ver apontar no horisonte a primeira alvorada da renascença, um periodo de morte já principiou.

E todavia quantos germens de vida nestes seculos XVI e XVII? Aqui existe a escola dos mysticos pensadores, a escola de Santa Thereza, de Luiz de Leão, de Luiz de Granada, um dos grupos mais originaes que apresenta a historia das lettras hespanholas; alli existe o espirito vigoroso e encantador, que associando o mais vivo bom senso ao sentimento das tradições altivas do paiz, parecia ter resolvido, com o seu *D. Quixote*, o problema proposto á Hespanha, e dado o signal das transformações do espirito publico. Dous hábeis poetas allemães acabam de chamar de novo a attenção sobre o grupo dos pensadores mysticos, por meio de uma excellente traducção dos hymnos de Luiz de Leão. Quando vemos este nobre escriptor espiar nas masmorras da inquisição os pios transportes da sua bella alma, quando vemos, não a heresia certamente, mas o espiritualismo, punido como um crime para com a autoridade religiosa, comprehendemos melhor quantos germens fecundos e thesouros o regimen de um Filippe II pôde abafar e destruir. Devemos agradecer a M. Schluter e a M. Storck haver traduzido com tamanho cuidado os hymnos daquelle a quem os Hespanhoes chamam *o mestre da lingua castelhana*. Devemos agradecer tambem a M. Germond de Lavigne ter avivado a nossa admiração para com Cervantes, permittindo que melhor apreciassemos a obra deste temerario Avellaneda, que se atreveu a disputar ao inventor a gloria de concluir *D. Quixote*. Digo que a nossa admiração para com Cervantes redobrou; com tudo não he isto o que pretendia o traductor. M. Germond de Lavigne cabalmente conhece a Hespanha do seculo XVI e do XVII, e tem gosto pelas curiosidades litterarias; era natural que o traductor da *Celestina* e de *Don Pablo de Segovia* se apaixonasse um dia pelo D. Quixote de Avellaneda, e quizesse vinga-lo do esquecimento e desprezo. Todas as questões de bibliographia e historia, que se referem a este singular episodio, são cuidadosamente tratadas por elle. Se quizermos conhecer as mais provaveis conjecturas acerca do escriptor pseudonymo, que teve a audacia de rivalisar com Cervantes, se desejarmos conhecer os promenores deste episodio, as opiniões dos principaes criticos, os destinos do livro de Avellaneda, devemos ler a dissertação de M. Germond de Lavigne. Serão tão irreprehensiveis os juizos litterarios do habil traductor como a sua erudição? Não, certamente; não se deve procurar um pensamento imparcial neste processo em favor de Avellaneda. A obra de Avellaneda se acha debaixo dos nossos olhos, he isto só que devemos ver. Ha certamente espirito, talento, invenção comica, no audacioso pseudonymo: entretanto que distancia senão nota entre o copista e o modello! Onde está a graça risonha, alegria franca e opportuna! Onde está principalmente o dom maravilhoso da invenção que faz de *D. Quixote* e de Sancho personagens animadas? Avellaneda toma a idéa a Cervantes, e segue-a logicamente, como um rhetorico exercitado que se não aparta do plano do seu discurso. Gabe-se quanto se quizer essa regularidade timida; ha nas obras da arte uma logica superior: he o desenvolvimento livre e completo de uma criação que recebeu o sopro da vida. Longe de conceder a M. Germond de Lavigne, que a segunda parte de *Dom Quixote*, infiel ao primeiro pensamento do autor não seja mais do que o brinco de uma imaginação que se diverte. Creio, com M. Ticknor que pelo menos he igual á primeira. Aguilhoado pela audacia de Avellaneda, o velho Cervantes deu redea ao seu genio. Quanta riqueza! Quanto estro de bom senso e de alegria! Como as figuras se desenham com maior precisão, e se ornam de um colorido mais brilhante! Conhecer-se-hia Sancho, se o não houvessem visto governar a sua ilha? Ter-se-hia uma idéa completa de *D. Quixote*, se o não vissem, entre as suas innumeraveis aventuras, eternamente fiel á sua Dulcinea? Avellaneda teve a triste lembrança de cura-lo deste amor, e a lembraça ainda mais triste de pôr o desenlace da sua narração no hospital. Comparem-se estas rasteiras invenções com o fim de *D. Quixote* de Cervantes, com a sua volta, a sua molestia, o seu arrependimento, e a sua morte placida e christãa. Comparem-se tambem todos estes episodios poeticos com a desenchabida e fastidiosa historia de Barbara que occupa tão grande lugar no pseudonymo. Esta analyse he curiosa, e ainda uma vez devemos agradecer a M. Germond de Lavigne por no-la ter tornado tão facil; o texto de Avellaneda tinha ficado no esquecimento, mas agora o seu livro he accessivel a todos os leitores, e todo aquelle que se quizer dar ao trabalho de comparar Cervantes com seu rival, estamos convencidos que experimentará uma especie de admiração avivada para com a maravilhosa chronica de Cid-Hamet-ben-Engeli.

Não, não toquemos ligeiramente na fama de Cervantes. He a figura mais elevada desse seculo XVII, em que o espirito moderno, sem romper nenhuma das tradições nacionaes, devia desembaraçar-se das fachas infantis e começar nova vida. Se esta aspiração existe em alguma parte da Hespanha, he em Cervantes que se encontrará. Com que vigor de pensamento julga elle o theatro do seu tempo! Que conselhos dá a Lopez da Vega, quando lhe mostra a lei da unidade, e o convida a meditar mais longamente! Como parece prever os erros de Calderon, quando condemna essas invenções de milagres que desfiguram a religião sobre a scena! Que sentimento não tem elle acerca da poesia, do seu papel viril, do seu ministerio sagrado! E quão grandes cousas a litteratura hespanhola, em vez de morrer subitamente, dessa meia idade facticia cujos perigos o genio de Calderon mui bem encobria, quão grandes cousas, dizemos nós, a litteratura hespanhola teria ainda realisado, se, segundo as magnificas palavras de Cervantes, se tivesse associado á virtude, á philosophia, á sciencia, a todas as sciencias, que deviam ornar-lhe a belleza e nella reflectir com orgulho! « A poesia, Sr. Fidalgo, he, segundo penso, uma virgem de tenra idade e de belleza perfeita, a qual tem o cuidado de ornar e enriquecer, muitas outras raparigas, que são todas as outras sciencias, por quanto deve servir-se de todas, e todas devem brilhar por seu intermedio.

(Continuar-se-ha.)

AGRICULTURA.

DA CULTURA MELHORADORA.

Considerada em suas relações com a diminuição, manutenção e augmento da fertilidade do solo, a agricultura franceza divide nosso territorio em tres partes desiguaes, cada uma das quaes possue uma cultura especial: *extenuadora, estacionaria* ou *melhoradora*.

A *cultura extenuadora* vive do passado, converte em capital circulante uma parte do capital territorial, enriquece algumas vezes o rendeiro á custa do proprietario, e applica-se principalmente á exportação dos generos de venda.

A *cultura estacionaria* nada toma do passado, nada dá ao futuro. Observando estricta e lealmente a famosa clausula consagrada nos contratos de arrendamentos, ella goza como boa mãi de familia, e conserva o equilibrio entre a producção e o consumo dos estrumes.

A *cultura melhoradora* immobilisa no solo uma parte de seus capitaes, e augmenta assim o capital territorial, não em extensão, mas em profundidade, em riqueza, em *productilidade*. Ella trabalha para o futuro, e resolve o problema de conciliar seus proprios interesses com os do paiz inteiro.

Releva dizer que a cultura melhoradora, bem que mui lentamente, vai ganhando terreno de dia em dia, principalmente á custa da cultura extenuadora. Ella comprehende que a civilisação impõe-lhe uma bella tarefa: « a de augmentar as subsistencias em proporção das necessidades das populações; a de realisar a vida a bom mercado pela diminuição do preço de custo dos productos agricolas; a de garantir a tranquillidade do estado pela atenuação, senão pela suspensão das crises alimentarias. » E tirando sua energia da grandeza do fim, ella trabalha por toda a parte roteando nossos desertos do oeste, plantando arvores em nossas terras de Sologne e Champagne, creando irrigações no sul, enxugando as terras humidas de Brie, aperfeiçoando nossas raças de animaes e nossos instrumentos aratorios; multiplicando os estrumes, e aprofundando o solo aravel.

A grande cultura, principalmente toma uma parte consideravel nesse movimento geral para o melhoramento do solo. Os capitaes, as intelligencias, os braços chegam-lhe, e com esse reforço ella faz sentir cada vez mais sua feliz influencia sobre a *propriedade territorial, sobre o capital, sobre o trabalho, sobre a prosperidade publica*.

A *propriedade territorial* explorada em grande cultura melhoradora, segue em seu crescimento de valor, os progressos da *arte de tirar partido do solo*. Quando essa arte não era exercida senão pela pequena cultura, era natural que essa permanecesse senhora do terreno, pois que podia pôr nelle um preço muito mais elevado do que a grande cultura. A propriedade rural desmembrava-se então: he impossivel á grande cultura lutar contra uma rival que, obrando sobre uma superficie mais restricta, podia consagrar-lhe mais trabalho, mais capital por hectare (10,000 metros quadrados) Outros tempos, outros recursos. Tornada progressiva, a grande cultura comprehendeu que se tinha sobre sua concorrente a desvantagem relativamente ao trabalho de mão d'obra, podia ter a superioridade relativamente ao trabalho mecanico dos animaes, e principalmente pela producção dos estrumes. E foi assim que applicou-se a *basear a abundancia, variedade e segurança de suas colheitas sobre a fertilidade do solo*. Depois de ter augmentado seus productos e diminuido suas despezas, ella procurou dar extracção ás suas mercadorias sem fazer vendas inopportunas, e para isso aproveitou-se da vantagem que davam-lhe relações commerciaes mais extensas e capitaes sufficientes. Em uma palavra, o agricultura, sabendo alliar a producção propriamento dita ao commercio, e operando com recursos convenientes, tornou-se uma verdadeira industria que realisou o problema da producção dos grãos, das forragens, e dos animaes a bom mercado. Desde então, luta sustentavel contra a pequena cultura, crescimento de valor territorial e de locação do solo e conseguintemente da renda dos proprietarios. Desde então tambem mudanças nas relações dos proprietarios para com os rendeiros, que outr'ora eram verdadeiras partes belligerantes, praticando a moral da guerra, e que são hoje partes solidarias, praticando a moral da paz que he ao mesmo tempo mais honrosa e mais proveitosa.

Os *capitaes* empregados no melhoramento e exploração do sólo, mudaram necessariamente a situação respectiva dos emprestadores e tomadores. Concebese que um terreno pobre he um máo devedor; as colheitas são nelle precarias; pois temem os excessos da humidade. A um anno relativamente abundante succede um anno de penuria; e as crises são tanto mais terriveis quanto as producções, pouco variadas, reduzem-se quasi aos cereaes, cuja ceifa concentra-se em uma só época e corre por esse facto os mesmos riscos. Daqui variações subitas nos preços uma vez he o aviltamento dos mercuriaes que, augmentando o embaraço dos cultivadores obriga-os a vender por todo o preço; outra vez he uma alta excessiva que complica a segurança dos estados. Accrescente-se a esta base incerta do credito agricola um systema cultural incapaz de fazer avanços ao sólo, e que não possua como penhor para os credores senão moveis, e um rebanho de pouco valor e comprehender-se-ha que em tal situação os capitaes deverão apartar-se por muito tempo da agricultura, preferindo-lhe a industria; mas de outro lado veja-se a cultura melhoradora com suas terras ferteis que regularisam, nivellam tanto quanto he possivel o rendimento annual das colheitas, inventarie-se a somma de seus avanços, de seus moveis, de seus animaes, de seus valores de todas as sortes e reconhecer-se-ha que nella chega uma epoca, na qual os capitaes podem achar um emprego rendoso e certo; he porque ella sabe que pode, como a pequena cultura, consagrar a cada hectar o maximo de capital necessario. Toda a sciencia está nisso: —Empregar com discernimento um capital sufficiente.

O trabalho tambem acha na cultura melhoradora, elementos de prosperidade que lhe recusa a cultura extenuadora. O que se não tem escripto sobre a desersão dos campos pelos obreiros, sobre a ausencia dos proprietarios? O que era pois essa villannagem destinado a realisar economias durante o verão para viver no inverno com mais luxo nas cidades? Que consequencias podiam gerar esses arrendamentos desastrosos que resgatando o rendeiro, condemnavam-no por assim dizer, á extenuação forçada e perpetua do solo? Que podia em fim vir a ser o obreiro em presença dessa cultura triennal que chamando ao trabalho da ceifa forças enormes, despedia depois quasi toda a gente durante os tres quartos do anno? Evidentemente, tantas causas reunidas deviam empellir os obreiros dos campos para as cidades onde a industria mais prospera promettia salarios mais elevados. He verdade que havia tambem que receiar falta de trabalho, mas em compensação havia o recurso das obras publicas e outras medidas que acceitando as consequencias da aglomeração, em voz de combater as causas, opprimiam os orçamentos das cidades e adiavam as commoções sociaes.

Outra se apresenta a cultura melhoradora. Seus trabalhos são mais numerosos, mais variados, mais sustentados. Durante a estação vegetativa, ella tem suas culturas mondadas e suas colheitas que se seguem de perto. Durante o inverno, tem seus aterros, seus melhoramentos, suas roteaduras, seus trabalhos nas officinas rurais. Se augmenta as subsistencias, augmenta tambem o trabalho, isto he, o meio para o obreiro, de comprar productos. Onde pois achar melhor solução para o problema do pauperismo? Supponhamos por um instante nossos campos habitados por proprietarios melhoradores ou rendeiros que disponham de capitaes, e perguntemos a nós mesmos se todas essas officinas de trabalho abertas a custa desses orçamentos particulares não valerão mais para nossas populações rurais, para a tranquillidade de todos nós, do que essas officinas mantidas nos tempos de calamidade pelo orçamento do estado? Certamente he essa uma questão vital, uma questão de actualidade, de futuro sobre tudo mui digna de attrahir a attenção dos homens de estado que sabem *contar* com o *dia de amanhãa*.

Já que agitamos essa questão do trabalho, fallaremos agora da posição em que se acha o trabalho intellectual em nossos campos? Essa posição he conhecida por todos: os chefes da exploração rural tem definitivamente conquistado seu direito de *burguesia* nesse mundo da intelligencia que ainda ha pouco os contava em tão pequeno numero em suas fileiras. Quanto mais a theoria vem esclarecer a pratica, tanto mais a agricultura ganha em consideração, em influencia social. A' impotencia moral e pecuniaria succede cada vez mais a omnipotencia da instrucção que vivifica o capital. Não está longe o tempo em que essa pacifica renovação agricola dara todos os seus fructos com grande proveito do paiz.

Assim á prosperidade publica he imminentemente interessada no progresso da cultura melhoradora. Desse progresso combinado com um bem systema de viação e de credito devem resultar:—um equilibrio desejavel entre a pequena e a grande cultura,—a baixa do preço de custo dos generos alimentarios—o nivellamento do preço de venda dos mesmos,—a prosperidade das manufacturas, quer por causa do crescimento de seus mercados nos campos, quer por causa da vida a bom mercado que diminue de outro tanto as despezas de mão de obra. Nada ha de exagerado nesses resultados elles nascem do melhoramento do solo pela grande cultura, que empregando menos mão d'obra do que a pequena, deixa conseguintemente disponiveis *mais braços e mais generos*. Procure-se tanto quanto se quizer, *na ordem dos interesses materiaes* meios mais efficazes *para assegurar o bem estar do maior numero, para conciliar a ordem com o progresso*, para garantir a tranquillidade e prosperidade publica e duvidamos que se acha algum que seja mais largo, melhor appropriado ao nosso genio nacional, o qual tende a approximar-se da agricultura.

Taes são os resultados geraes da cultura melhoradora. Porque razão pois, fazendo-se abstracção de causas de ordem mais elevada, não está ella mais vulgarisada? porque razão inspira ainda temores e detem a tantas boas vontades? Será porque ao lado de seus successos ha revezes que motivam as hesitações?

Cumpre confessar que as catastrophes não tem faltado nessa carreira dos melhoramentos ruraes. Lembremo-nos das estreas da *escola do producto bruto*, dessa escola que tendia para a cultura intensiva, para o systema aravel, para a estabulação, para as raizes mondadas, para a roteadura dos prados naturaes, para a suppressão das terras de pousio, para o abandono das pastagens. Dizia-se então que não havia terra má que não se podesse melhorar pela adopção de uma cultura *aperfeiçoada*. Importava a todo o custo augmentar as subsistencias, extirpar a rotina, instalar afolhamentos alternos..... Epoca de illusões que não se deve imitar, mas que todavia merece nossos respeitos, pois havia enthusiasmo, dedicação. Homens de sciencia retiravam-se do mundo, encerravam-se em uma fazenda e verdadeiros solitarios, procuravam destinos melhores para o povo do campo. Compre, repetimos, render homenagem a essa guarda avançada do progresso, que commetteu a falta de so ter uma formula para uma sciencia tão variada quanto he a agricultura em suas applicações.

Porém veio outra escola de melhoradores; a do *producto liquido*, que para apreciar o merito dos systemas culturaes, pergunta-lhes *qual a taxa do interesse dos capitaes empregados*. Em vez de encerrar os afolhamentos em uma estreita formula physiologica, essa escola attende aos solos, aos climas, aos mercados, aos recursos do cultivador. Em vez de concentrar suas observações meteorologicas nas regiões septentrionaes, estende-as aos paizes do sul. Ao lado das leis naturaes que regem a producção organica, ella reconhece leis economicas que em todo o estado social impõem á agricultura a grande necessidade do lucro. Ao lado das situações que comportam uma cultura activa, baseada sobre o summum do *producto bruto*, ella distingue outras que reclamam uma cultura *extensica*, que preferem com razão empregar muita terra e pouco capital, e que nessa disposição de espirito, poem em obra as praticas outr'ora *reprovadas*: o algueive, a pastagem, os leirões, etc. Eis a *escola moderna* tal qual a tem formado os ensinos das sciencias naturaes e da economia politica. He dessa escola de eclectismo, illustrada por tantos sabios e praticos que tiraremos nossas inspirações para expor os principios da cultura melhoradora, dessa cultura que tem tomado por divisa: Progresso com prudencia e perseverança.

Plano da obra.

Antes de tratar dos melhoramentos em si mesmos, he necessario conhecer as bases geraes das explorações rurais submettidas a esses melhoramentos. Daqui duas principaes divisões em um Manual que queremos redigir.

A primeira divisão tratará das *bases da empreza*, isto he, do *emprehendedor, do solo e do capital*.

A segunda divisão será consagrada ao estudo especial dos melhoramentos que serão classificados em tres capitulos:

1.º *Os melhoramentos culturaes* propriamente ditos, que são essencialmente temporarios, desapparecem, em geral, com o pensamento que os tem concebido, e applicam-se:—ao *trabalho*, isto he aos motores, instrumentos, machinas e processos de cultura,—aos *estrumes e adubos, aos systemas culturaes e afolhamentos*.

2.º *Os melhoramentos relativos ao gado*.

3.º *Os melhoramentos territoriaes, permanentes, immoveis* que se encorporam ao solo, fazem parte integrante do immovel, consagram um estado de cousas duravel, senão para sempre, ao menos por muito tempo, e comprehendem:—*o alçamento do solo,—os saneamentos,—as irrigações,— as roteaduras*,—as plantações,—as construcções ruraes, os edificios, caminhos e cercas.

E. Lecouteux.
Director das culturas do antigo instituto agronomico de Versalhes.
(Journal d'Agriculture Pratique.)

VARIEDADES.

SCENAS PARISIENSES.

Havia outr'ora em Paris, no mundo diplomatico, o representante de um pequeno estado d'ultramar, homem aliás de merito, que tinha prestado serviços notaveis no seu paiz, mas que era inteiramente estranho aos usos da capital da França, e em particular pouco civilisado no sentido do tom parisiense.

Muito cuidadoso da sua dignidade, e temendo cahir em ridiculo, tinha tomado um criado grave pratico na etiqueta e boas maneiras, por ter vivido em boas casas, e conhecer a fundo tudo o que tem relação com o decoro e exige a civilidade. O diplomata era sempre acompanhado por este criado. Via-se sempre após elle este grande capadocio com aspecto grave, que de instante a instante se encostava a elle para lhe fazer em voz baixa esta observação, dictar-lhe aquelle movimento, e faze-lo parar no momento de praticar alguma incongruencia. Quando o embaixador jantava na cidade, o criado collocado atraz da sua cadeira lhe dizia: « Eu lembraria a V. Ex. que não se come com os dedos — veja V. Ex. que não he decente limpar os dentes com a ponta da sua faca.— Eu supponha ja ter dito a V. Ex. que não se deve pedir duas vezes do mesmo prato. —V. Ex. veja que não he permittido nem conveniente em um jantar diplomatico fallar dos seus negocios particulares, e mesmo interpellar em voz alta sua esposa, dizendo-lhe palavrinhas doces e de ternura.

Nascido sob um céo ardente, o diplomata domava a força do seu caracter para escutar estas admoestações, e curvar-se as lições do preceptor de libré. Mas um dia em que o preceptor, levado muito longe pelo seu zelo doutoral, se tinha esquecido da materia da lição, e tinha imprudentemente tocado em algum ponto de moral muito delicado, o diplomata perdeu a paciencia (isto se passava em um grande jantar official em que se achavam as mais altas personagens), e, saltando de sua cadeira, cahio sobre o criado, e tomando-o pelas guellas, lhe administrou uma soberba perção de bons socos. Quanto mais o criado gritava: « Mas foi V. Ex. quem me disse que o advertisse quando fizesse alguma asneira! V. Ex. veja que he contra todas as conveniencias o esmurrar seu criado perante tão illustre assembléa. V. Ex. falta á sociedade, e offende a todos os usos, » tanto mais o diplomata batia com todo o vigor para reduzir o indiscreto a guardar o silencio.

A scena foi seguramente das mais imprevistas e das mais estranhas que jamais tivera lugar em uma sala de jantar ministerial.

Esta aventura, que em seu tempo fez grande effeito no mundo diplomatico, de novo reappareceu ha pouco tempo em uma das mais brilhantes casas de Paris. Se as circumstancias não são totalmente iguaes, tem pelo menos mui grande analogia, como vamos ver. A scena se passou, não em uma sala de jantar, mas sim na porta de um elegante salão. O heroe não he um diplomata recem-chegado de um paiz longinquo e pouco civilisado, he um Parisiense pertencente á grande roda, e que sempre passou por homem muito bem educado.

Este cavalleiro tem nome perfeitamente honorifico, e mesmo muito distincto, mas que pela transposição de uma só lettra se muda em um substantivo de significação terrivelmente ridicula, de accesso facil e muito docil e agradavel com qualquer outro objecto, nosso fidalgo não consente nem admitte o menor gracejo que seja sobre seu nome, e ninguem tem o máo gosto de com isto brincar. Mas certa noite, na entrada do salão da condessa de ***, o criado encarregado de o annunciar, e que por ser novato na casa ainda não o conhecia, e ouvia seu nome pela primeira vez, ouvi-o mal, e sem má intenção o proclamou com estrepitosa voz entregando o fatal cartão, de maneira que foi o substantivo ridiculo que veio retumbar nos ouvidos da assembléa estupefacta e divertida.

Os homens não poderam conter o riso, e as senhoras esconderam o rosto atrás de seus leques, porque a palavra he daquellas que fazem chegar o rubor ás faces.

Quanto ao fidalgo, naturalmente irascivel, não pôde conter-se no primeiro movimento de sua colera, e deu tão horrenda bofetada no pobre criado que o atirou de narizes ao meio da sala.

Este acto de violencia causou a maior sensação, até porque o criado tinha cahido aos pés de uma senhora, que escapou de cahir, e que por isso entendeu não poder dispensar um desmaio.

Accrescentam, mas talvez seja um enfeite á historia, que o nosso colerico heróe estava para se casar, que a sua futura, joven e bella, estava no salão em que se passou esta scena, e que dahi se seguiram desastrosas consequencias.

Duas revelações fizeram-se ao mesmo tempo, uma agradavel e outra terrivel. A joven senhora soube assim que seu futuro esposo lhe offerecia um nome que se prestava ao ridiculo, e um caracter de assustadora violencia. Esta unica e decisiva experiencia lhe bastou para destruir as disposições favoraveis que tinha até então mostrado, e o casamento foi irrevogavelmente desmanchado.

Ferraduras elasticas.

O emprego da borracha torna-se todos os dias mais geral. Depois de se ter applicado á confecção de fato, de calçado, de bengalas, de luvas, de pentes, e até de dentes artificiaes, descobrio-se meio de fazer partilhar aos cavallos os beneficios desta descoberta moderna. Trata-se neste momento de borracha. Alguns apaixonados do *turf* ja fizeram experiencia da nova invenção, e reconheceram-lhe algumas vantagens. Em primeiro lugar, essa nova ferradura tem mais duração do que as empregadas até hoje. Essa vantagem he porem uma das menores, pois que amollecendo a borracha todo e qualquer abalo podem correr os animaes sem o menor inconveniente sobre terrenos pedregosos. Da-se muito apreço a esta ultima vantagem, por isso que estas concussões reiteradas produzem junto ao casco uma inflammação que torna o animal manco, e muitas vezes o estropia para sempre.

O club reformador de toilettes.

Cinco mulheres, umas bellas, outras jovens, outras nobres, todas ricas acabam de ajustar em Paris um pacto incrivel. Juraram vestir-se com a maior simplicidade. Convenceram-se finalmente que, ataviando-se do modo que ha um par de annos tem usado tantas estouvadas ou vaidosas, continuariam apenas a dar lucro as modistas e costureiras que por especulação propagam a moda dessa superfluidade de falbalás, guipures, bordados e saias de folhos. Estas cinco mulheres, que fazem autoridade vão pregar com o exemplo e com a palavra, como os apostolos. Partiram cada uma para umas caldas ou banhos de mar de diversa localidade, apezar do temporão da estação, e juraram denodadamente fazer a guerra a esse excesso de luxo de vestuario que assemelham uma terra de banhos ás margens de um lago no parque de algum grande em um festim do tempo de Luiz XV. As reformistas proclamam alto e bom som que he absurdo e toleima o ir engulir o ar salitroso ou sulfurico em vestuario de baile, e que em lugar de cuidar da saude sómente se cure do toilette...

Um mastodonte.

O Dr. Warren, de Boston, acaba de mandar construir pela quantia de 10,000 dollars, um edificio á prova do fogo para collocar o esqueleto do mastodonte que se achou a alguns annos nos arrabaldes he Newburgh. Este arcabouço tem doze pés de altura e não pesa menos de 22,000 arrates.

Annaes de uma actriz.

Na secretaria de uma celebre actriz allemãa, que ha pouco morreu na idade de 89 annos, appareceu a seguinta curiosa nota, que por muito interessante o publicamos:

Mad.... casou 7,000 vezes, foi rainha 6,221 vezes, morreu envenenada 8,216 vezes, morreu apunhalada 6,314 vezes, presenciou a quebra de 811 emprezarios sem que chegasse a dismaiar. teve 11,277 filhos e 4,377 sobrinhos, o que he a maior prova de fecundidade que se pode dar; presenciou 526 duellos, apezar de estarem absolutamente prohibidos; foi enganada 6,213 vezes, que não he o peior que lhe podia succeder. Ganhou 92,344,000 fr. que ninguem sabe em que foram gastos, e morreu sem deixar um seitil, provavelmente para mostrar que depois da morte não he necessario dinheiro.

Naufragio do Ericsson.

No dia 27 de abril proximo passado cahio na bahia de New-York uma grande borrasca, que sorprehendeu o navio *Ericson*, de volta de uma viagem de experiencia em que tinha andado 11 milhas. A agua entrou pelos respiradores ou portinholas inferiores, que a curiosidade dos machinistas ou as necessidades do serviço havia deixado abertos a despeito da recommendação dos officiaes, o navio encheu-se gradualmente e foi ao fundo. Julgava-se que seria possivel suspende-lo sem mais estragos do que aquelles que resultam sempre de uma submersão.

Os proprietarios estão satisfeitos com a experiencia. As rodas deram 13 evoluções por minuto, as machinas trabalharam com facilidade e o gasto do carvão foi á razão de 10 toneladas por 24 horas.

O preço do tempo.

Ha em Paris um individuo casado, pai de 4 filhos e possuidor de uma boa fortuna, o qual tem no seu salão 6 relogios que marcam os dias, mezes, annos, horas e minutos.

O primeiro principiou a andar no dia de seu nascimento, e quando se tomou esta nota marcava 54 annos, 8 mezes e 14 dias.

O segundo assignala a idade da mulher e o terceiro a da filha mais velha, que marcava na mesma occasião 21 annos e 17 dias. O quarto, quinto e sexto são os indicadores das idades dos outros filhos. O fim do proprietario destes relogios he o de monstrar a cada instante do dia ás pessoas da sua familia o numero de dias que cada um tem vivido, a rapidez com que passa o tempo e a velocidade com que vem o prazo de nossa existencia.

He a moral posta em machinismo.

(Jornal do Commercio do Rio.)

O ACCORDO DA SCIENCIA E DA RELIGIÃO.

Todos os espiritos serios se acham impressionados do progresso das idéas religiosas no nosso paiz. Após tres revoluções que abalaram alternativamente a sociedade franceza até aos fundamentos, após o seculo de scepticismo de que resultou a primeira e a mais temivel dessas tres grandes crises politicas, após as horrendas saturnaes da deosa razão e das innocentes loucuras da theophilantropia, após as lutas do espirito liberal contra o espirito christão, após a apparição de tantas seitas philosophicas, algumas das quaes ambicionaram a honra de se converterem em religiões, he curioso, he consolador ver que o christianismo, essa planta vivaz que tantas mãos impuras ou transviadas quizeram arrancar do solo da França, ganhou raizes mais profundas e mais solidas.

Este acontecimento maravilhoso sorprenderia, se elles voltassem a esta terra, esses incredulos orgulhosos que haviam formado tão estrondosa coalição para esmagar o *infame*, esses pregadores do atheismo, e esses valentões da superstição, que durante o Terror uniram o fanatismo anti-religioso ao fanatismo politico, e todos esses fabricantes de crenças novas que tiveram o pensamento ingenuo de ser reveladores e thaumaturgos, e que viram morrer suas religiões ainda em sua vida.

O movimento dos espiritos para as idéas religiosas operou-se lentamente, mas com força irresistivel por entre as commoções que agitaram o revolveram a Europa civilisada. Na França principiou, mas incerto e obscuro, no meio das proprias desgraças da revolução.

Os asperos castigos que a Providencia inflige ás nações tem por effeito inevitavel depura-las experimentando-as. He como um sopro impetuoso que curva as almas e que as obriga a recolherem-se em si mesmas.

A velha sociedade franceza, depravada pelos sentidos e pelo espirito, regenerou-se nesse terrivel abalo. E Napoleão, restaurando a ordem e restabelecendo a autoridade, soube desenredar com a sagacidade do genio esse trabalho confuso da opinião quando reabrio as igrejas, repoz os altares no Santo lugar e fez a concordata.

Não he uma das menores glorias de Napoleão ter comprehendido que um povo, segundo as palavras do Evangelho, não vive só de pão, mas da palavra divina; que os interesses espirituaes se ligam estreitamente aos interesses politicos, e que o restabelecimento da ordem material não pode ser duradouro senão com a condição de basear-se na moral sanccionada pela religião.

Não ha nada que possa fazer comprehender melhor a differença que ha entre o sectario impotente e o fundador do imperio do que a festa do Ente Supremo, na qual Robespierre inaugurou com um ramo de flores na mão, o deismo philosophico, comparada com a solemnidade magestosa com que o vencedor de Arcole e de Marengo, assombrando os espiritos fortes do seu exercito e dos seus conselhos, restaurou sob as arcadas de Notre Dame os altares dessa forte e nacional crença catholica, que por tão longo tempo dirigira os destinos da França e que inspirara Clovis, Carlos-Martel, Carlos-Magno, S. Luiz e Luiz XIV. Um procedeu como um visionario de quem o vento das revoluções devia derribar a obra impossivel; o outro desempenhou a missão do homem predestinado que põe termo as calamidades da patria e que edifica para o futuro.

O renascimento das idéas religiosas data com effeito dessa época prodigiosa que vio reconciliar-se o poder com a opinião, tornar-se a administração protectora e previdente, porém se as leis em harmonia com as idéas e com as necessidades de um sociedade renovada, tornar a florescer o commercio e repararem-se as ruinas da França.

Todos sabem se o imperador Napoleão se conservou fiel a essa nobre e patriotica tradição. Desde a memoravel expedição que restaurou o venerando chefe da igreja na cadeira de S. Pedro, até ao decreto que reabrio ao culto a basilica de Santa Genoveva, todas as suas palavras, todos os seus actos demonstraram a mais viva solicitude por essa fé christãa que sobreviveu a tão longas tempestades e que deu em nossos dias a medida de sua força e de sua vitalidade, por tantas obras admiraveis, marcadas com o sello da caridade, por tantas instituições pias, cunhadas pela intelligencia e utilidade.

Estas considerações serão inspiradas a todos pela leitura da carta pastoral, pela qual o Sr. arcebispo de Paris fundou a festa das escolas, e eloquente panegyrico de S. Agostinho que pronunciou na solemnidade de 27 de novembro.

A opinião publica e a imprensa unanime applaudiram o pensamento generoso do veneravel prelado. O arcebispo de Paris quiz celebrar no recinto do Pantheon, restituido ao culto, a união intima, a perfeita intelligencia da religião e da sciencia, e teve o merito de jantar o exemplo ao preceito no discurso tão christão e tão litterario que acaba de publicar.

O accordo da religião e a reconciliação da philosophia verdadeira com a verdadeira fé tem sido o pensamento constante de todos os grandes homens, de todos os oradores illustres, de todos os escriptores respeitados que tem apparecido na igreja. Para fazer crer em um antagonismo entre as crenças christãas e a razão do homem não foi preciso nada menos do que os desastres revolucionarios e os estragos de uma falsa philosophia. Proclamando-a hostil ás luzes do espirito humano, desconhecia-se, calumniava-se indignamente a fé christãa que salvou a civilisação e saber no cataclysma das invasões barbaras; que conservou nos claustros os manuscriptos da antiguidade e ao mesmo tempo as tradições das bellas-artes; que cobrio o solo da Europa de monumentos admiraveis; que, sem fallar da eloquencia do pulpito, da theologia e da controversia, armas de sua propaganda e auxiliares de sua influencia, deu as lettras prosadores como Bossuet e como Fenelon, autores dramaticos como Lopez da Vega e como Calderon, eruditos como Bembo e Sadolet; á pintura artistas como Angelico da Fiesole e como Bartholomeu della Porta; á diplomacia embaixadores como Gilles de Noailles; a politica homens de estado e ministros como Ximenes e como Richelieu.

Quem não vê emfim que a sciencia se tornou secca e infertil quando deixou de ser fecundada, como no genio dos Galileos, dos Copernics, dos Christovão Colombo, dos Keplers e dos Newtons, pelas luzes e pelo enthusiasmo do zelo religioso? E quem não sabe hoje que a humanidade perderia o seu caminho na terra se fosse privada do brilho da razão, fecundada pela moral e guiada pela fé religiosa?

Ninguem tem, além disso, representado melhor neste mundo a alliança da sciencia e da religião do que esse bispo de Hippone, o qual conquistára sobre o seu seculo uma especie de supremacia espiritual de quem o nosso Bossuet devia depois recordar a gloria, e que depois de ter sido em vida o exemplo da caridade, tornou-se por sua morte o exemplo do patriotismo.

E, pois, comprehendemos perfeitamente a viva e duradoura impressão que produzio nos homens do nosso tempo a narração brilhante, animada, pathetica dessa laboriosa e santa existencia, cheia de tantas obras admiraveis e de tão nobres acções.

O momento era além disso opportuno para fallar á França, senhora da Argelia, que ella quer civilisar, do prelado que deixou na Africa Septentrional taes recordações, para occupar a Europa civilisada com o nome de um dos organisadores, de um dos fundadores dessa igreja latina, que he a protectora natural das raças christãas em toda a parte onde ellas podem reclamar protecção.

Fomos dos primeiros a louvar a idéa judiciosa e verdadeiramente christãa que inspirou a festa das escolas. Temos esperança de que todos os annos conduzirá ella para sob as arcadas de Santa Genoveva a mocidade intelligente, que em todas as carreiras liberaes he a esperança viva do futuro, e que ouviremos ainda, celebrando o accordo da sciencia e da religião, a voz do veneravel prelado, digno successor do santo arcebispo morto sobre as barricadas de junho, e que era tambem um representante instruido e convencido da alliança intima da razão e da fé.

(Constitutionnel.)
(Noticiador Catholico.)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 27 DE DEZEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.
Hoje não houveram cotações.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 26	208:499$975
Idem do dia 27	5:957$641
	214:457$616

Descarregam hoje 28 de dezembro.
Barca ingleza—*Rosamond*—mercadorias.
Barca ingleza—*Hindoo*—taixas de ferro.
Brigue inglez—*Enthusiast*—mercadorias.
Brigue portuguez—*Laia II*—cebolas e batatas.
Patacho americano—*H. F. Ryder*—farinha e bacalháo.
Escuna prussiana—*Kennet*—queijos e mercadorias.

Importaçao'.

Brigue portuguez *Laia II*, vindo de Lisboa, consignado a Francisco S. Rabello & Filho, manifestou o seguinte:
1 ancoreta vinho; ao Dr. J. J. de Moraes Sarmento.
2 pipas vinho, 1 dita vinagre; a Barroca & Castro.
1 fardo esteira de junco; a José Victorino de Lemos.
10 pedras de cantaria; a irmandade do S. S. da Boa-Vista.
1 caixão braços de ferro para balança, 3 caixotes livros impressos; a José Teixeira Bastos.
2 barris vinho; a Luiz Antonio de Siqueira.
1 caixa fructas em conservas; a Antonio Francisco Lisboa.
2 ancoretas vinho, 2 commodas de madeira, 2 volumes com uma cama de madeira, 1 colchão de lãa, 1 pé de mesa; a Joaquim José Gomes.
5 barris vinho; a Duarte Antonio Serva.
29 barris toucinho, 1 pacote peneiras de arame, 1 caixote massas de tomate, 40 canastras batatas, 14 caixas cebolas; a Miguel Joaquim da Costa.
161 barris toucinho, 20 barris paios e chouriças, 3 caixas passas e peras, 390 ancoretas azeitonas, 47 barris sardinhas, 30 caixas cebolas, 150 canastras batatas, 30 moios de sal, 51 caixas cera em velas, 1 caixa braços de balança, 1 embrulho panno de linho, 1 dito redes de arame; a Francisco S. Rabello & Filho.
10 barris e 1 fardo alpista, 6 ditos erva doce, 6 ditos cevada, 15 pipas e 50 barris vinagre, 14 barris nozes, 40 barris azeite doce, 200 ancoretas azeitonas, 150 barris farinha de trigo, 200 barris vinho, 5 barris cera em grume; a Thomaz de Aquino Fonseca & Filho.
7 barris nozes, 1 caixa oleo de amendoa doce; a Machado & Pinheiro.
50 barris toucinho, 104 caixas figos, 8 fardos amendoas em casca, 1 caixa 1 piano quadrado, 1 sacco com 6 peças de ouro; a Manoel Joaquim Ramos e Silva.
250 canastras batatas; a Gouvêa & Leite.
5 barris cevada; a Bernardo Francisco de Azevedo Campos.
274 ancoretas azeitonas, 22 caixas castanhas verdes; a Luiz José da Costa Amorim.
11 barricas sardinha; a Manoel José da Costa Porto.
10 barris cevada, 50 caixas cebolas, 200 ditas batatas; a Candido Alberto S. da Motta.
5 barris vinho; a Augusto Cesar de Abreu.
1 barril azeite doce; a Feliciano José Gomes.
1 caixote rapé princeza, 1 caixa bocetas com doce; a Manoel Gonçalves da Silva.
12 latinhas marmelada; a Viriato de Freitas Tavares.
100 saccas farelto, 1 caixa massas, 1 dita bolachinha, 2 ditos bolos doces, 1 dita fechaduras, 1 dita miudezas, 1 barril massas de tomates; a Bento Candido de Moraes.
30 caixas cebolas; a José Fernandes Ferreira.
6 caixas cera em velas; a Fortunato Cardoso de Gouvêa.
10 saccos feijão branco, 15 caixotes cera em velas; a Manoel do Rego Lima.
1 caixote braços de balança; a Antonio Henriques Rodrigues.
39 barris sardinha, 2 gaiolas passaros; a Caetano da Costa Martins.
1 caixote marmelada; a Victorino José Monteiro.
1 caixote vinho; a Agostinho José Soares.
300 molhos cebolas; a Domingos José Ferreira Guimarães.
2 caixas cabelleiras, 1 embrulho paliteiro de prata; a José Luiz Pereira.
1 livro brochado em folio; a Joaquim Ferreira Mendes Guimarães.
1 embrulho meias de lãa, 3 gansos; a ordem.
Brigue hamburguez *Otara*, vindo de Hamburgo, consignado a Rothe & Bidoulac, manifestou o seguinte:
1 barrica ferragens e objectos de latão, 4 caixas bezerros envernisados; a S. P. Johnston & Companhia.
8 caixas brinquedos, 2 ditas perolas de vidro, 1 dita pelles, 2 ditas bezerros envernisados, 1 dita pelles de boi, 1 dita ditas de dito envernisados, 1500 barris cimento, 176 volumes massos de cabos; a ordem.
1 caixa pellucia para chapéos de meia seda, 1 dita fitas de seda e meia seda para chapéos, 10 pacotes papelão, 1 barril colla, 2 caixas espartaria, 2 ditas taças em folha, 1 dita carneiras, 1 dita vinho; a Christiani Irmãos.
2 caixas lenços de lãa, 1 caixinha amostras; a Bruun Praeger & C.
1 caixa tecidos de seda, meia seda e de linho; a Schafeitlin & C.
2 caixas tecidos de seda, 1 dita ditos de algodão, 2 ditas ditos de meio linho, 1 pacotinho amostras; a C. I. Astley & C.
11 caixas ferragens, 1 dita relogios de ouro, 1 dita com 1 piano; a I. C. Rabe.
2 caixas espadas e telins, 1 fardo fazendas de lãa, 1 pacotinho amostras; a Manoel Joaquim Ramos e Silva.
164 caixas folhas de flandres estanhada; a Rothe & Bidoulac.
1 caixa bocetas com obras d'aço, 1 dita fitas de meia seda e objectos de sirgueiro, 2 pacotes amostras, 1 caixa vestidos de algodão, 2 ditas meias de dito, 1 dita tecidos de seda; a Timm Mousen & Vinassa.
1 caixa raizes de flores; a C. F. da Silva Pinto.
1 dita relogios de algibeira; a Rabe Schemettau & C.
Hiate *Correio do Norte*, vindo do Assú, consignado a Caetano Cyriaco da Costa Moreira, manifestou o seguinte:
144 alqueires de sal, 30 saccos cera de carnaúba; a ordem.
1 barrica e 1 sacco cera de carnaúba, 1 caixão velas da mesma cera; a Manoel Florencio Alves de Moraes.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 26	43:311$149
Idem do dia 27	2:367$900
	45:679$049

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 26	4:585$302
Idem do dia 27	221$349
	4:806$651

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 26	19:477$314
Idem do dia 27	345$327
	19:822$641

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 26	56:156$383
Idem do dia 27	4:821$724
	60:978$107

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 27.
Valparaizo—82 dias, barca americana *Wagram*, de 240 toneladas, capitão B. S. Ellis, equipagem 11, carga pão brasil; a ordem. Veio refrescar e segue para Boston.
Buenos-Ayres—30 dias, polaca hespanhola *Thomas*, de 202 toneladas, capitão Pedro Roses, equipagem 13, em lastro; a Aranaga & Bryan.
Idem—27 dias, polaca hespanhola *Acancio*, de 200 toneladas, capitão Francisco Millet y Maristany, equipagem 13, em lastro; a Aranaga & Bryan.
Terra Nova—42 dias, barca ingleza *Norval*, de 245 toneladas, capitão James Walace, equipagem 14, carga bacalhao; a Johnston Pater & Companhia.
Rio de Janeiro—29 dias, patacho inglez *Foreman*, de 154 toneladas, capitão Thomaz Fielding, equipagem 8, em lastro; a Johnston Pater & Companhia.
Montevidéo—25 dias, polaca hespanhola *Rosario*, de 162 toneladas, capitão Joaquim Darall, equipagem 11, em lastro; a Viuva Amorim & Filho.
Navios sahidos no mesmo dia.
Assu'—Hiate brasileiro *Angelica*, mestre José Joaquim Alves da Silva, carga varios generos.
Bahia—Brigue inglez *Runymede*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.
Rio de Janeiro—Brigue inglez *Glaucus*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.

EDITAES.

O Dr. Francisco de Oliveira Maciel, juiz municipal da segunda vara desta cidade do Recife de Pernambuco, por S. M. o Imperador, que Deus guarde, etc.

Faço saber aos que o presente edital virem que a requerimento de José Rodrigues da Silva Rocha, commerciante estabelecido nesta praça com loja de ferragens sita na rua do Queimado n. 30, se acha por este juizo aberta a sua fallencia pela sentença do theor seguinte:

A' vista da declaração a fls. 2, julgo fallido José Rodrigues da Silva Rocha, e declaro aberta a sua fallencia desde o dia 15 de novembro proximo passado, que fecho para termo legal de sua existencia, e por isto mando que se ponham sellos em todos os seus bens, terras e papeis; e nomeio para curador fiscal da fallencia ao negociante Antonio Valentin da Silva Barroca, que prestará o juramento do estylo. Pague o fallido as custas. Recife 5 de dezembro de 1854. *Francisco de Assis Oliveira Maciel.*

Em cumprimento do que todos os credores presentes do referido fallido compareçam em casa da minha residencia no segundo andar da rua do Rosario estreita n. no bairro de Santo Antonio do Recife no dia 29 do corrente, pelas 9 horas da manhãa, afim de procederem a nomeação de depositario ou depositarios, que hão de receber e administrar provisoriamente a casa fallida.

E para que chegue a noticia de todos, mandei passar o presente, que será publicado pela imprensa, e affixado nos lugares designados no art. 129 do regulamento n. 738 de 25 de novembro de 1850. Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco 21 de dezembro de 1854. Eu Pedro Tertuliano da Cunha escrivão subscrevi.—*Francisco de Assis Oliveira Maciel.*

Ignacio José Pinto, fiscal da freguezia da Boa-Vista do termo da cidade do Recife etc. etc.

Faço publico para conhecimento de quem pertencer, que pelo Exm. Sr. presidente da provincia foi approvada a postura addicional abaixo transcripta, conforme me foi communicado pela camara municipal desta cidade em officio de 20 do corrente mez.

Postura addicional approvada em 16 de dezembro de 1854.

Art. 1.º Ninguem poderá estabelecer d'ora em diante padarias senão nos lugares seguintes: rua do Brum, desde a parte ainda não edificada até a fortaleza, Imperial, da casa do cidadão Antonio da Silva Gusmão para diante, Cabanga e volta dos Coelhos, rua do Caes projectada ao oeste da freguezia de S. José, a partir da travessa do Monteiro para o sul e pelos que ficam entre esta ultima e a Augusta, terreno devoluto a começar das edificações da praia de Santa Rita, lado do leste em seguimento, praia de S. José ao sahir no largo das Cinco Pontas, becco das Barreiras, Soledade e Santo Amaro. As ditas padarias terão os seus fornos construidos segundo o plano adoptado pela camara, o que será verificado por meio de exame. Os infractores serão multados em 30$000, soffrerão 4 dias de prisão e lhe serão fechadas as officinas.

Art. 2.º As que actualmente existem no centro da cidade serão removidas para os referidos lugares dentro do prazo improrogavel de 6 mezes, sob pena de pagarem os seus donos 30$000, e de lhe serem fechadas as fabricas. E para que não appareça a menor ignorancia, mandei publicar o presente pelo *Diario*. Freguezia da Boa-Vista 26 de dezembro de 1854. —O fiscal, *Ignacio José Pinto.*

— Pela inspectoria da alfandega se faz publico, que no dia 28 do corrente se hão de arrematar em hasta publica, á porta da mesma repartição 100 canastras com batatas da marca B, pesando liquido 87 quintaes, 1 arroba e 20 libras a 2$250 o quintal, total 198,663, abandonadas aos direitos por Francisco Severiano Rabello, sendo a arrematação livre de direitos ao arrematante. Alfandega de Pernambuco 27 de dezembro de 1854.—O inspector,
Bento José Fernandes Barros.

DECLARAÇO'ES.

— O conselho de administração do decimo batalhão de infantaria, precisando de contratar do primeiro de janeiro em diante, generos alimenticios de melhor qualidade para o rancho das praças do mesmo, convida por isso aquellas pessoas que quizerem fornecer de pão, assucar, café, carne verde, dita secca, bacalhão, toucinho, feijão, arroz, farinha, azeite doce, vinagre e lenha, dirijam á secretaria do referido batalhão até o dia 30 do corrente as suas propostas em cartas fechadas.— *Nicacio Alvares de Souza*, alferes agente.

— A arrematação da obra dos concertos urgentes das pontes da estrada do norte foi transferida para o dia 4 de janeiro proximo vindouro.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo em cumprimento do artigo 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico que foram aceitas as propostas de Antonio Rodrigues Pinto, Joaquim José Dias Pereira e Joaquim Lopes de Almeida, para fornecerem: o 1.º 536 canadas de azeite de carrapato a 720 rs.; o 2.º 29 1/2 ditas de azeite de coco a 2$400, 6 duzias de pavios a 100 rs., 40 libras de fio de algodão a 550 rs.; o 3.º 30 duzias de taboas de assoalho de pinho, largas, a 16$000; e avisa aos supraditos vendedores que devem recolher os referidos objectos ao arsenal de guerra no dia 29 do corrente mez. Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 27 de dezembro de 1854.—*Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

— Pela administração do correio desta cidade se faz publico a quem possa interessar, que no dia 30 do corrente se vai proceder a consummo as cartas em ser do anno de 1853 a 1854, conforme determina o artigo 9 do decreto de 15 de maio de 1854. — O administrador interino, *Domingos dos Passos Miranda.*

Conselho administrativo.

O conselho administrativo em cumprimento do art. 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico que foram aceitas as propostas de Bartholomeu Francisco de Souza, Antonio Alves da Fonseca, João Fernandes Parente Vianna, Souza & Irmão, e Antonio Francisco Correa Cardoso, para fornecerem: o 1.º os medicamentos pedidos para a botica do hospital regimental, segundo já foi annunciado na importancia de 739$950 rs., e os pe-

MUTILADO

didos para a colonia de Pimenteiras na importancia de 301$540 rs.; o 2.º os ornamentos para a capella da fortaleza do Bram, conforme o pedido já annunciado, no valor de 160$640 rs.; o 3.º 4 colheres de pedreiro de 10 polegadas a 640 rs., 2 ditas de 6 ditas a 600 rs., 4 pinceis para caiar a 1$200 rs., 6 ferros de capa para garlopa com 2 ½ palmos de largura a 800 rs., 6 ditos sem capa de 1 ½ palmo a 240 rs., 6 ditos de 1 a 200 rs., 2 trados de meia polegada a 1$200 rs., 12 libras de cola da Bahia a 400 rs., 4 milheiros de pregos caixaes a 2$600 rs., 5 libras de ditos de arame de 1 polegada de comprimento a 480 rs., 10 arrobas de ferro sueco em barras chatas de 2 ½ palmos a 2$700 rs., 4 ditos de 1 ½ palmo a 2$700 rs.: o 4.º 30 enchadas calçadas de aço a 1$000 rs., 24 pás de ferro grandes a 14$500 rs. a duzia, 12 ditas pequenas por 11$500 rs., 3 duzias de formões de aço sortidos a 2$950 rs., 6 enxós com fuzil a 1$180 rs., 2 trinchas com 1 ½ polegada de largura a 1$200 rs., 2 ditas com 1 pollegada a 1$000 rs., 2 ditas de 3|4 a 800 rs., 6 compaços de 12 pollegadas a 480 rs., 2 trados de 1 a 800 rs., 2 ditos de 3|4 a 640 rs.; 12 limas triangulares de grãa fina para amolar serrotes por 2$400 rs., 10 milheiros de pregos caibraes a 5$200 rs., 11 ditos de ditos bateis grandes a 3$500 rs., 3 ditos de ditos caixaes a 2$600 rs., 10 ditos de ditos de assoalho a 2$360 rs., 2 ditos de ditos de guarnição grandes a 1$200 rs., 5 ditos de ditos pequenos a 800 rs., 2 arrobas de aço de milão a 5$500 rs., 3 limas meia cana de 14 pollegadas a 640 rs., 3 ditas de 8 a 200 rs., 3 ditas de 4 a 80 rs.; o 5.º 36 verrumas sortidas a 70 rs., 11 milheiros de pregos batel pequenos a 2$300 rs., 4 ditos de ditos caixaes a 2$600 rs., 11 ditos de ditos de forro de sala a 1$600 rs., 3 ditos de ditos de guarnição grandes a 1$200 rs., 5 libras de ditos de arame de 1 pollegada de comprimento a 480 rs., 3 limas chatas de 14 pollegadas a 600 rs., 3 ditas de 8 a 200 rs., 3 ditas de 4 a 80 rs., 3 ditas muças de 8 a 440 rs., 3 limas triangulares de 4 polegadas a 200 rs.; e avisa aos supraditos vendedores que devem recolher os referidos objectos ao arsenal de guerra no dia 27 do corrente mez. Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 23 de dezembro de 1854.—*Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

AVISOS MARITIMOS.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Sabe com muita brevidade, o bem conhecido patacho nacional «Valente», capitão Franciseo Nicola'o de Araujo: para o resto da carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Novaes & C., ou com o capitão na praça.

— Para Lisboa pretende seguir com toda a brevidade a barca portugueza «Gratidão»: para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

Para o Rio de Janeiro

Segue em poucos dias, o brigue nacional «Hebe», capitão André Antonio da Fonseca, por ter a maior parte do seu carregamento prompto: para o resto e escravos a frete, trata-se com Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para Lisboa pretende seguir com brevidade o brigue portuguez «Ribeiro» de primeira marcha: quem nelle quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

— Para o Porto vai sahir com muita brevidade por ter a maior parte da carga prompta, a veleira galera «Bracharense»; para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

RIO DE JANEIRO.

O brigue nacional «Damão» segue por estes dias; para carga e passageiros para os quaes tem optimos commodos: trata-se com Machado & Pinheiro, rua do Vigario n. 19, segundo andar.

PARA O CEARA'

seguirá nestes dias o hiate «Correio do Norte»; para o resto da carga e passageiros, trata-se com Caetano Cyriaco da C. M. ao lado do Corpo Santo n. 25.

LEILO'ES.

— Luiz Antonio Annes Jacome, como liquidatario da casa de Domingos Ferreira de Souza Vasconcellos, fara' leilão por intervenção do agente Borja, da armação e generos existentes na taberna daquelle senhor, sita no pateo do Terço n. 2, quinta feira 28 do corrente as 10 horas em ponto.

— O agente Borja, de ordem do Illm. Sr. Dr. juiz de direito do civel e commercio, Custodio Manoel da Silva Guimarães, a requerimento do Curador fiscal da massa fallida de Victorino & Moreira, fara' leilão da muito conhecida loja de miudezas, que foi daquelles senhores, sita na rua dos Quarteis n. 22, consistindo em uma excellente armação e todas as miudezas existentes na mesma loja, as quaes são muito modernas, e estão em muito bom estado: quinta-feira, 4 de janeiro as 10 horas em ponto.

AVISOS DIVERSOS.

—Tendo-se reconhecido que a despeza de escripta e cobrança do importe dos annuncios he superior ao valor delles, previne-se aos senhores assignantes deste «Diario» que quando os mandarem, remettam igualmente a sua importancia; alias não serão publicados.

—Para os senhores M. J. T. B. e seu F. lerem; e se se zangarem com esta pequena lembrança, digam alguma cousa, porque se acha na estacada prompto ao que vier.—*O Leite.*

Decreto n. 736 de 20 de novembro de 1850.

TITULO V.

Disposições geraes.

Art. 59.—Em cada uma das estações mencionadas no artigo antecedente haverá um livro, no qual os empregados assignarão os seus nomes ás horas marcadas para começar e findar o trabalho, sendo guardado pelo respectivo chefe, e contada uma falta ao que não comparecer para assignar-se durante o primeiro quarto de hora ou que se ausentar—antes de tempo—afim de se lhe fazer o desconto etc.

Decreto n. 870 de 22 de novembro de 1851.

CAPITULO IX.

Art. 44.—Todos os empregados das thesourarias de fazenda são sujeitos ao ponto, com excepção unicamente do inspector e procurador fiscal, os quaes todavia deverão comparecer etc. etc.

Art. 49.—O trabalho das thesourarias de fazenda principiará as 9 horas da manhãa, e terminará as 3 da tarde.

— A pessoa que lhe faltar 2 cabras, que se acharam em uma planta de capim, pagando a destruição que as mesmas fizeram, lhe serão entregues: no aterro da Boa-Vista n. 14.

— Precisa-se de um criado de meia idade, e de um sitio grande distante desta cidade 1 a 4 leguas: na rua do Crespo n. 15.

— O Sr. Francisco de Paula Costa, morador no Cachanga, queira dirigir-se á loja da rua do Crespo n. 10, a negocio que lhe diz respeito.

— Precisa-se de uma ama de leite: na rua da União, em casa de José Antonio da Silva e Mello.

— Um estrangeiro de boa conducta deseja empregar-se em algum engenho como distilador: quem o pretender annuncie.

— Bernardo Fernandes Vianna continúa com sua aula particular de primeiras lettras, do dia 8 de janeiro proximo futuro, não havendo feriados senão dias santos de guarda ou molestia; autorisado pelo Exm. Sr. Victor de Oliveira ex-presidente que foi desta provincia; aquelles senhores que lhe quizerem confiar o ensino de seus filhos, podem vir matricula-los e verem o programma do ensino. Tambem dará lições áquellas pessoas grandes que não poderem vir de dia das 6 as 9 horas da noite, sem isenção de côr; podem vir matricular-se na rua da Cadeia do Recife n. 47, a qualquer hora.

— Na rua do Rangel n. 42, lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio.

— Na rua das Cruzes n. 40, taberna do Campos, ha das melhores e mais modernas bichas hamburguezas para vender-se em grandes porções e a retalho, e tambem se aluga.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar com perfeição, pagando-se bem: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Aluga-se uma escrava para o serviço interno e externo de uma casa; quem a pretender, dirija-se á rua do Livramento n. 14. Na mesma casa se dirá quem lava e engomma com promptidão, e commodo preço.

— Desappareceu no dia 25 do corrente mez, de bordo do patacho nacional «D. Pedro V,» surto no Forte do Mattos, o escravo marinheiro, de nome Luiz, nação Cabunda, côr bem preta, barba cerrada, estatura regular, cheio do corpo, com marcas de bexigas no rosto, e representa ter 30 annos, pouco mais ou menos; levou camisa e calça de algodão azul e bonete preto: quem o pegar e levar a bordo do mencionado navio, ou á casa de Novaes & Companhia, rua do Trapiche n. 34, será generosamente recompensado.

CONSULTORIO DOS POBRES

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.

Ditas 36	ditos	a	20$000
Ditas 48	ditos	a	25$000
Ditas 60	ditos	a	30$000
Ditas 144	ditos	a	60$000
Tubos avulsos			1$000
Frascos de meia onça de tinctura			2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptа-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

— Novos livros de homeopathia mefrancez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes.	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas	6$000
Jahr, molestias da pelle	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos	10$000
A Teste, materia medica homeopathica	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Atllas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua de Collegio n. 25, primeiro andar.

CASA DA AFERIÇÃO, PATEO DO TERÇO, N. 16.

O abaixo assignado faz ver a quem interessar possa, que no dia 31 do corrente finalisa-se o prazo marcado pelo art. 2.º do tit. 11.º das posturas da camara municipal desta cidade, dentro do qual devem ser aferidos os pesos e medidas; findo este incorrerão os contraventores nas penas do mesmo artigo. Recife 13 de dezembro de 1854.—*Praxedes da Silva Gusmão.*

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.

THESOURO HOMEOPATHICO

OU

VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la á mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por	10$000
» » encadernados	11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Aluga-se para o serviço de bolieiro um escravo mulato com muita pratica desse officio. Na rua da Saudade fronteira á do Hospicio, casa da residencia do Dr. Lourenço Trigo de Loureiro.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Antonio Egidio da Silva, lente de geometria do lyceu desta cidade, abre no dia 2 de janeiro do anno vindouro, na casa de sua residencia, na rua Direita n. 78, um curso de geometria por Euclides e Lacroix: os senhores estudantes que o quizerem frequentar, poderão dirigir-se a mencionada casa, de manhãa das 7 horas até as 9, e de tarde das 3 até as 5.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

—Precisa-se fallar ao Sr. Jacintho Affonso Botelho, que morou no aterro da Boa-Vista, e hoje dizem que mora para as bandas de Beberibe, e como se não saiba o lugar de sua morada pede-se-lhe annuncie, ou dirija-se a esta typographia.

—Aluga-se uma casa terrea na povoação do Monteiro, com a frente para a igreja de S. Pantaleão, muito limpa, fresca, com commodos para familia regular, tendo uma porta e duas janellas na frente: a tratar com Antonio José Rodrigues de Souza Junior, na mesma povoação, ou na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

Loteria da Provincia.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello, avisa ao publico que tem as suas cautellas da loteria da amoreira e criação do bicho da seda, que corre no dia 13 de janeiro, no Recife loja n. 11, rua do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, aterro da Boa-Vista n. 58, na povoação do Monteiro em casa do Sr. Nicoláo, e em sua loja rua Nova n. 4, pelos preços abaixo declarados.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

— Quem perdeu um par de argolas de orelha, o qual julga-se ser de ouro, procure na casa da rua das Aguas-Verdes n. 16, que dando os signaes lhe será entregue, passando o competente recibo, e pagando o importe do annuncio.

Gratificação.

Perdeu-se uma carteira homeopathica na noite de 24 para 25 do corrente na igreja matriz de Santo Antonio, em occasião da missa de Natal; quem a tiver achado e entregar na rua do Collegio n. 12, será generosamente gratificado.

— O Sr. Dr. Lourenço Bezerra Carneiro da Cunha tem uma carta na rua do Cabugá n. 11.

— Antonio Joaquim Seve declara que o Sr. Francisco Xavier Alves Quintal deixou de ser seu caixeiro desde o dia 18 do corrente mez.

—Antonio José Firmo, faz sciente ao respeitavel publico que tem montado um estabelecimennto de carros funebres na rua Augusta casa n. 21, freguezia de S. José, com todos os pannos e mais utensilios recommendados no regulamento do cemiterio; promette bem servir a todas as pessoas que se dignarem incumbi-lo de qualquer enterro, e tambem se compromette a fornecer carros de passeio, cera, musica, padres, etc.: espera, portanto, ser coadjuvado pelo respitavel publico no seu novo estabelecimento.

— Aluga-se uma casa e sitio na Capunga, com bons commodos: na rua do Queimado n. 12.

— O Dr. Carolino Francisco de Lima Santos mora na rua das Cruzes n. 18, primeiro andar, onde continúa no exercicio de sua profissão de medico; e utilisa-se da occasião para de novo ao publico offerecer seu prestimo como medico parteiro, e habilitado as operações das vias ourinarias, por se ter a ellas dado com especialidade em França.

LOTERIA DA PROVINCIA.

—O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que a primeira parte da primeira loteria a beneficio da cultura d'amoreiras e bicho de seda, corre indubitavelmente no dia 15 de janeiro de 1855 debaixo de sua responsabilidade, seja qual for a quantidade de bilhetes que ficarem por vender, no consistorio da igreja da Conceição dos militares, as 8 para 9 horas da manhãa. Pernambuco 21 de dezembro de 1854.—O cautelista, Salustiano de Aquino Ferreira.

— Precisa-se de uma ama para casa de muito pouca familia: no becco da Lingoeta, taberna n. 1.

— Precisa-se de um rapaz portuguez, de 14 a 16 annos, para caixeiro de taberna: na rua da Concordia n. 26.

— Dá-se dinheiro a premio com hypotheca em predios nesta praça: quem pretender annuncie.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto dos oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham a venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu andamento infallivel em 13 do futuro janeiro.

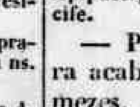
Bilhetes	5$500	recebe	por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	»		2:500$000
Quartos	1$500	»		1:250$000
Oitavos	800	»		625$000
Decimos	700	»		500$000
Vigesimos	400	»		250$000

— Perdeu-se um conhecimento de n. 90 da quantia de 400$000, recebido na thesouraria da fazenda desta provincia: quem o tiver achado, ou por qualquer modo delle esteja de posse, dirija-se á rua da praia de Santa Rita n. 42, que sera generosamente gratificado, além do agradecimento.

— Traspassa-se uma boa loja na rua Nova, quem pretender dirija-se a rua Nova n. 42.

— Lava-se, engomma-se e cose-se, com perfeição: na rua da Guia, no fundo do sobrado n.º 44, sendo a entrada pelo becco que vai sahir na rua de Apollo.

— Precisa-se alugar um moleque para o serviço de um rapaz solteiro, que seja fiel, que não beba, e que entenda do serviço a que he destinado: na rua do Trapiche Novo, n. 16, segundo andar.



Domingo, 31 do corrente, sahirão dous omnibus para a cidade de Olinda, o primeiro partirá ás 6 horas da manhãa e o segundo as 7, e voltará d'alli o primeiro ás 5 horas da tarde, e o segundo as 6 horas: quem quizer ver Nossa Senhora do Monte aproveite a occasião comprando bilhetes no escriptorio da rua das Larangeiras n. 18; ás 6 horas da manhãa, do mesmo dia sahirá um omnibus na direcção de Apipucos, e voltará ás 7 horas da noite para o Recife.

— Precisa-se de uma ama de leite para acabar de criar uma criança de seis mezes, que tenha bom leite, preferindo-se sem filho: a tratar na praça da Independencia n. 1, ou na rua Bella n. 27.

— Chegaram os sellins de Borrenha: na rua da Senzalla Nova n. 42, em casa de S. P. Johnston & C.

— Perdeu-se na missa do Natal, na madrugada do dia 24 para 25, desde a porta da matriz da Boa-Vista até o principio da ponte, uma pulceira de ouro nova, de gosto francez; roga-se a pessoa que a tiver achado de mandar entregar no segundo andar da casa n. 3, no aterro da Boa-Vista, que sera' gratificado, e se lhe ficara' muito obrigado.

— O abaixo assignado deixou de vender charutos desde o 1. de dezembro, no armazem de Candido Alberto Sodré da Motta, e continúa a vender na rua do Amorim n. 36, por preços commodos.

Agostinho Ferreira Senra Guimarães.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda nas lojas do costume os bilhetes da 5.ª loteria do conservatorio de musica, a qual correu em 22 do presente, as listas se esperam de 2 a 5 de janeiro pelo «Tocantins» ou «San-Salvador.» Os premios são pagos a vista e sem desconto algum.

— Precisa-se de uma ama para o serviço de uma casa de familia, ou uma escrava, ou moleque para se alugar para o serviço de casa: na rua Direita n. 88, primeiro andar.

— Precisa-se de uma ama que tenha bom e bastante leite, para crear um menino, pagando-se bem; na rua Direita n. 66.

— Precisa-se de uma ama forra, que engomme perfeitamente, paga-se bem: no aterro da Boa-Vista loja n. 48.

— José Manoel de Araujo faz sciente ao respeitavel publico, que não tem e nunca teve parte alguma na sociedade que gyra debaixo da firma de Araujo & Filhos, na cidade do Penedo, provincia das Alagoas, pois na época em que foi ella estabelecida, se achava o annunciante na cidade do Rio de Janeiro negociando por sua conta; o que provará se fôr preciso com os documentos existentes nesta cidade de Pernambuco em mão de seu procurador o Sr. Dr. Manoel da Silva Rego.

— Dá-se 550$000 a juros a premio de 1 1|2 por cento; na rua da Assumpção n. 18.

— Antonio Joaquim de Abreu retira-se para fóra do imperio.

C. STARR & C.

respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continua a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha

DEPOSITO DE MACHINAS

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) de que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fôrmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que seria enfadonha enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se compromettem a fazer executar, com a maior presteza, perfeição, e exacta conformidade com os modelos ou desenhs, e instrucções que lhe forem fornecidas.

NO CONULTORIO

DO DR. CASANOVA,

RUA DAS CRUZES N. 28,

vendem-se carteiras de homeopathia de todos os tamanhos, por preços mui em conta.

Elementos de homeopathia, 4 vols.	6$000
Tinturas a escolher, cada vidro.	1$000
Tubos avulsos a escolher a	500 e 300
Consultas gratis para os pobres.	

—A directora do collegio da Conceição annuncia aos pais das meninas que lhe foram confiadas, e aquellas pessoas que trataram de mandar meninas para o mesmo collegio, que elle se torna a abrir a 8 de janeiro de 1855, por se findarem nessa data as ferias dadas.

ROUBO.

No dia 25 do corrente, pelas 4 1|2 para 5 horas da manhãa, roubaram da rua dos Açouguinhos n. 4, os seguintes objectos de ouro: um trancelim chata de escama com uma caçoleta, tendo esta uma palma de um lado, e do outro he esmaltada de buril, um alfinete de peito esmaltado de branco e azul, e mais um par de luvas de seda amarella, um leque, um lenço de cassa rodeado de renda de igual fazenda, e bico francez, e 4$000 em dinheiro: roga-se a todas as autoridades policiaes a apprehensão de taes objectos; assim como tambem se roga a todos os ourives a quem os objectos de ouro forem offerecidos, o favor de os apprehender; outro sim se recommenda a qualquer pessoa particular que descubrir ditos objectos, avise na rua das Aguas-Verdes n. 22, segundo andar, que alem de se gratificar promette-se guardar segredo.

— Troca-se a residencia de um segundo andar na rua estreita do Rosario, que paga 13$000 rs. mensaes de aluguel, por outra em primeiro ou segundo andar, nas ruas larga do Rosario, Queimado, Cadeia, Collegio, Cruzes e pateo do Carmo, cuja aluguel não exceda de 20$000: a fallar na rua estreita do Rosario n. 8, segundo andar, por cima da loja de cera, das 6 as 7 da tarde.

— Em resposta ao quidam autor do annuncio no *Diario* de 2 de dezembro, declara-lhe que o seu engenho Ilha acha-se livre de qualquer penhora; pois a penhora que diz ter feito na renda, esta foi decahida por ter-se apresentado quitação de paga; e promette o abaixo assignado de esclarecer por este *Diario* a maneira escandalosa do annunciante, querer cobrar uma divida quando já tinha traspassado todo direito della a Francisco Cavalcanti de Mello a quem foi paga pelo abaixo assignado. Então verá o publico a maneira dolosa deste infame calumniador, que o seu fim será ainda a cadeia. Engenho Ilha 27 de dezembro de 1854.

João Francisco Paes Barreto.

— Os credores da massa fallida de Victorino Moreira podem apresentar os documentos de seus creditos na rua da Senzala Nova n. 42, até o dia 2 de janeiro proximo, afim de serem verificados pela commissão nomeada.

— Vende-se no caes da alfandega, armazem n. 7, barris com potassa, vindos do Rio de Janeiro, por preço mais em conta do que em outra qualquer parte.

— Antonio Fernandes da Costa Lima achando-se summamente penhorado pelos obsequios prestados por occasião do deposito e funeral de seu prezado sogro o reverendo Francisco do Rego Faria e Sá, no dia 23 do corrente, e não podendo pessoalmente manifestar esses sentimentos por estar doente, serve-se, pois, das colomnas deste jornal para agradecer cordialmente a todos aquelles que se dignaram acompanhar e assistir as exequias celebradas na igreja de S. Pedro por alma do mesmo seu prezado sogro; e se lhes offerece para tudo quanto poder prestar. Faz honrosa menção do Rvm. provincial dos carmelitas com seus religiosos, das veneraveis irmandades de S. Pedro, e dos Passos do Corpo Santo, bem como a do Santissimo Sacramento desta matriz, que, não contando como seu irmão aquelle fallecido, acompanhou-o até a mesma igreja de S. Pedro, onde foi depositado. Igualmente agradece a philantropica corporação musica, por se não esquecer de seu antigo companheiro; e a dous senhores dessa corporação (não publica seus nomes porque talvez offenda o melindre de cada um) tributa seu reconhecimento em particular, em consequencia dos esforços que fizeram.

— O Sr. Fsancisco do Amparo Lopes Lima tem uma carta vinda da Lagôa do Monteiro, na praça da Independencia, livraria n. 6 e 8.

COMPRAS.

— Compra-se toda quantidade de prata velha ou nova, a peso, conforme sua qualidade, preferindo-se maior porção de lei: na rua da Senzala Velha n. 70, se dirá quem compra.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54, loja.

— Compram-se canteiros para pipas já usados: na rua das Cruzes n. 35, segundo andar.

VENDAS.

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

MELPOMENE DE LAN ESCOCEZ

A 500 RS. O COVADO.

Na loja n. 17 da rua do Queimado, ao pé da botica, vende-se alpaca de lãa escoceza, chegada pelo ultimo navio, a qual fazenda na Europa se dá o nome de Melpomene de Escocia, muito propria para roupões e vestidos de senhora e meninos por ser de muito brilho, pelo commodo preço de 500 rs. cada covado; dão-se as amostras com penhores.

— Vende-se um mulato de bons costumes e trabalhador, muito moço: na rua Nova n. 42.

— Vende-se um negro bastante moço, o qual tem officio de carreiro, he serrador, e muito proprio para o campo por ter sido do matto, e entende de plantações: quem o pretender, dirija-se a qualquer hora do dia, na rua dos Prazeres, no bairro da Boa-Vista, a ultima casa terrea pintada de rôxo.

— Vende-se caldo de tomates chegado ultimamente de Genova, a 900 rs. a libra: em Fóra de Portas n. 147, junto a intendencia, terceiro andar.

— Vende-se um carro novo e em bom estado de trabalhar, com pretos, por preço commodo: a tratar na rua larga do Rosario, taberna n. 39.

— Vende-se sola muito boa, pelles de cabra, e gomma muito boa em saccos: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

—Vende-se uma casa com sitio, no lugar da Torre, a margem do rio, edificada ha pouco tempo, em chãos proprios, com bastantes commodidades, cocheira, estribaria, etc., etc.: quem pretender comprar este predio, dirija-se a rua da Cruz n. 10, que sendo possivel se fara' qualquer negocio.

—Vende-se cognac em caixas de duzia: no armazem de Brunn Praeger & C., rua da Cruz n. 10.

— Vende-se fio de sapateiro, bom: em casa de S. P. Johnston & Companhia, rua da Sensala Nova n. 42.

REMEDIO INCOMPARAEL

UNGUENTO HOLLOWAY.

Milhares de individuos de todas as nações podem testemunhar as virtudes deste remedio incomparavel, e provar, em caso necessario, que, pelo uso que delle fizeram, tem seu corpo e membros inteiramente são, depois de haver empregado inutilmente outros tratamentos. Cada pessoa poder-se-ha convencer dessas curas maravilhosas pela leitura dos periodicos que lh'as relatam todos os dias ha muitos annos; e, a maior parte dellas são tão sorprendentes que admiram os medicos mais célebres. Quantas pessoas recobraram com este soberano remedio o uso de seus braços e pernas, depois de ter permanecido longo tempo nos hospitaes, onde deviam soffrer a amputação! Dellas ha muitas que havendo deixado esses asylos de padecimento, para se não submetterem a essa operação dolorosa, foram curadas completamente, mediante o uso desse precioso remedio. Algumas das taes pessoas, na efusão de seu reconhecimento, declararam estes resultados beneficos diante do lord corregedor, e outros magistrados, afim de mais autenticarem sua affirmativa.

Ninguem desesperaria do estado de sua saude se tivesse bastante confiança para ensaiar este remedio constantemente, seguindo algum tempo o tratamento que necessitasse a natureza do mal, cujo resultado seria provar incontestavelmente: Que tudo cura!

O unguento he util mais particularmente nos seguintes casos.

Alporcas.	— matriz.
Cambras.	Lepra
Callos.	Males das pernas.
Canceres.	— dos peitos.
Cortaduras.	— de olhos.
Dôres de cabeça.	Mordeduras de reptis.
— das costas.	Picaduras de mosquitos.
— dos membros.	Pulmões.
Enfermidades da cutis em geral.	Queimadelas.
	Sarna.
Enfermidades do anus.	Supurações putridas.
Erupções escorbuticas.	Tinha, em qualquer parte que seja.
Fistulas no abdomen.	Tremor de nervos.
Frialdade ou falta de calor nas extremidades.	Ulceras na bocca.
Frieiras.	— do figado.
Gengivas escaldadas.	— das articulações.
Inchações.	Veias torcidas, ou nodadas nas pernas.
Inflammação do figado.	
— da bexiga.	

Vende-se este unguento no estabelecimento geral de Londres, 244, *Strand*, e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vendem-se a 800 réis cada bocetinha contém uma instrucção em portuguez para explicar o modo de fazer uso deste unguento.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum, pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco

MAÇAAS.

Vendem-se no deposito do gello um resto de barricas com maçãas perfeitas, e abre-se para o comprador ver que estão boas: a tratar no mesmo.

MAÇAAS BARATAS.

Na rua estreita do Rosario n. 11, vendem-se maçãas a 2$000, 3$000 e 4$000 o cento.

— Vende-se uma tourina parida ha um mez, e da' 4 garrafas de leite, para ver, na rua da Concordia em casa de Pedro Guimarães, e a tratar na rua da Praia n. 45, segundo andar.

— Vende-se uma escrava crioula, de idade de 24 annos, com algumas habilidades sem achaques nem vicio algum, ao comprador se dira' o motivo por que se vende: a pessoa que perdender dirija-se a' rua Velha, venda da esquina n. 67.

— Farelo de Lisboa muito novo a 6$000 a sacca: na rua da Cadeia, escriptorio de Manoel Gonçalves da Silva.

Velas de cera de carnauba.

Vendem-se velas de cera de carnauba pura do Aracaty, pelo barato preço de 9$000 a arroba: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

— Vende-se uma escrava crioula, de 26 annos de idade, muito sadia e sem vicio algum: na rua da Gloria n. 69.

— Vendem-se superiores queijos do sertão, com o peso de 4 libras e meia cada um, pelo preço de 1$280: na rua da Santa Cruz, taberna n. 1.

— Vendem-se saccas com feijão por barato preço, courinhos de cabra bons, ancoras com mel e potassa do Rio de Janeiro: na rua da Madre de Deos n. 34.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

FRUCTAS NOVAS.

Na rua estreita do Rosario n. 11.

Vendem-se maçãs e castanhas, peras em latas enfeitadas, damascos e ameixas, bolachinhas de muitas qualidades, e outras muitas cousas proprias para mimos e para passamento de festa, vinho do Porto fino e licores tambem finos, etc., etc.

— Vende-se uma casa, sita na rua de Santa Cecilia n. 13; a tratar na rua do Rangel n. 63.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

PARA ACABAR.

Vendem-se cassas francezas de cores fixas, e lindos padrões, pelo baratissimo preço de 140 rs. o covado: na loja do Guimarães & Henriques, rua do Crespo n. 5.

AVISA-SE AO PUBLICO,

que se acha á venda grande porção de presuntos americanos, vendem-se em porções e a retalho, muito bom e barato: em casa do Davis & C., rua da Cruz n. 9.

Vendem-se chapéos francezes da ultima moda, a 7$000 rs.: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

ALPACAS ESCOSSEZAS A 400 RS. O COVADO, na rua do Queimado n. 40.

Gomma de mandioca

em saccos de 4 arrobas e tantas libras; vendem-se por muito commodo preço para liquidar: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

BARATISSIMA.

Vende-se a 3$000 a sacca de alqueire de farinha de S. Matheus, dita de Santa Catharina a 4$000, dita muito fina para mesa a 5$000: na rua da Praia, becco do Carioca, armazem do Pinto n. 8.

—Relogios de ouro, sabonete patente inglez, chegados agora: no armazem de James Halliday, na rua da Cruz n. 2.

ESTOJOS.

Vendem-se elegantes estojos de toilette para senhora e para homem: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche Novo n. 18.

VINHOS.

Vendem-se na rua do Trapiche Novo n. 18, em casa de Eduardo H. Wyatt:

Cerveja branca em barricas de 4 e 6 duzias, em garrafas e meias garrafas, vinho do Porto e Xerez, tanto em garrafas como em barris de 4 em pipa, fructas em conserva, em caixas de 1 duzia de garrafas.

Vendem-se romeiras, camizinhas e gollas para senhora, tudo da ultima moda e por preço commodo: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

CONHECIDO DEPOSITO DE POTASSA E CAL.

Na rua de Apollo armazem n. 2 B, continua a ter superior potassa da Russia e Rio de Janeiro, e cal de Lisboa em pedra: tudo a preço que muito satisfara' aos seus antigos e novos freguezes.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Na loja da rua do Crespo n. 6, tem um grande sortimento de caixas para rapé a emitação das de tartaruga, pelo modico preço de 1$280 cada uma.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

GRANDE SORTIMENTO DE BRINS PARA CALÇAS E PALITO'S.

Vende-se brim trançado de linho de quadros a 600 rs. a vara; dito a 700 e 1$000; dito mesclado a 1$400; córtes de fustão branco a 400 rs.; ditos de cores de bom gosto a 800 rs.; ganga amarella lisa da India a 400 rs. o covado; córtes de cassa chita a 2$000 e 2$200; lenços de cambraia de linho grandes a 640; ditos pequenos a 360; toalhas de panno de linho do Porto para rosto a 14$000 a duzia; ditas alcoxoadas a 10$000; guardanapos tambem alcoxoados a 3$600: na rua do Crespo n. 6.

O QUE GUARDA FRIO GUARDA CALOR: portanto, vendem-se cobertores de algodão com pello como os de lãa a 1$400; ditos sem pello a 1$200; ditos de tapete a 1$200: na rua do Crespo n. 6.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

CASEMIRAS E PANNOS.

Vende-se casemira preta e de côr para palitós por ser muito leve a 2$600 o covado, panno azul a 3$ e 4$000, dito preto a 3$, 3$500, 4$, 5$ e 5$500, córtes de casemira de gostos modernos a 6$000, setim preto de Macáo a 3$200 e 4$000 o covado: na rua do Crespo n. 6

OBRAS DE LABYRINTHO.

Acham-se á venda por commodos preços ricos lenços, toalhas e coeiros de labyrintho, chegados ultimamente do Aracaty: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodão trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

— Vende-se uma taberna na rua do Rosario da Boa-Vista n. 47, que vende muito para a terra, os seus fundos são cerca de 1:200$000 rs., vende-se porém com menos se o comprador assim lhe convier: a tratar junto á alfandega, travessa da Madre de Deos armazem n. 21.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundiçaõ de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

— Vende-se uma boa casa terrea em Olinda, rua da bica de S. Pedro, que faz esquina com o cercado de madeira, com 2 portas e 2 janellas de frente, 3 salas, 3 quartos, cozinha grande, copiar, estribaria, grande quintal todo murado, com portão e cacimba, muito propria para se passar a festa, mesmo para morar todo o anno: a tratar no Recife, rua do Collegio n. 21, segundo andar.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 54, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão.*

SELLINS INGLEZES.

Vendem-se os melhores sellins para homem, que tem vindo a este mercado, com seus competentes freios, etc., incluindo alguns para pagens recentemente despachados, tambem chicotes para carro, homem e senhora, com enfeites de gosto moderno: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche-Novo n. 18.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

— Negocia-se uma casa nova e moderna na estrada da Ponte d'Uchoa, com seis salas, oito quartos e alcovas, cosinha, despensa, com um optimo sitio com toda a qualidade de fruteiras, grande jardim murado com muitas flores, cocheira, estribaria, quarto para feitor, cacimba com bomba, etc., etc.: vende-se debaixo de condições mui favoraveis para o comprador: a tratar na rua da Cruz n. 10.

FRASCOS DE VIDRO DE BOCCA LARGA COM ROLHAS.

Novo sortimento do tamanho de 1 a 12 libras.

Vendem-se na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, rua larga do Rosario n. 36, por menor preço que em outra qualquer parte.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzalla Nova n. 42.

Vinho do Porto superior engarrafado.

Sellins inglezes.

Relogios de ouro patente inglez.

Chicotes de carro.

Farello em saccas de 3 arrobas.

Fornos de farinha.

Candelabros e candieiros bronzeados.

Despenceira de ferro galvanisado.

Ferro galvanisado em folha para forro.

Cobre de forro.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWNIAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinho de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇAO

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

—Farello de arroz muito novo e por preço commodo, em saccas e barricas, cujo he saudaveis e de muita nutrição para cavallos, gallinhas e cevados: a tratar na Praia de San Francisco cocheira de João da Cunha Reis.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

RUA DO TRAPICHE N. 10.

Em casa de Paton Nash & C., ha para vender:

Sortimento variado de ferragens.

Amarras de ferro de 3 quartos até 1 polegada.

Champagne da melhor qualidade em garrafas e meias ditas.

Um piano inglez dos melhores.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

ESCRAVOS FUGIDOS.

CINCOENTA MIL REIS DE GRATIFICAÇAO.

Em abril do corrente anno desappareceu do abaixo assignado um seu escravo por nome Sebastião, de nação, já idoso, com algumas rugas no rosto, côr fula, alto, reforçado do corpo, dentes limados, pouca barba, pés e mãos grossos, anda e falla muito descançado; levou camisa de algodão azul de listra e calça de algodão azul; o qual escravo foi comprado a Illma. Sra. D. Marianna da Conceição Pereira, e ha toda certeza de vagar pela Boa-Viagem até Santo Amaro de Jaboatão, onde alli já se conservou oito mezes, e que he de presumir que seja acoutado por alguem; o abaixo assignado protesta proceder com todo o rigor da lei contra quem o possa ter acoutado: roga-se portanto as dignas autoridades policiaes e capitães de campo a captura do mesmo, a entregar na rua do Crespo n. 10.—*José Gonçalves Malceira.*

— Desappareceu hontem, 25 do corrente, uma negra de nação Congo, idade 40 annos, pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: altura regular, olhos bugalhados, muito vergonhosa, rosto marcado, levou uma trouxa de roupa, e como sahio de madrugada ignora-se que vestido levou; desconfia-se que fosse para o matto de Santo Amaro de Jaboatão ou immediações do engenho Macujé: quem a pegar, leve-a á rua Direita n. 16, ou na villa do Cabo, a Ignacio Tolentino de Figueiredo Lima, que será recompensado.

— Da casa pertencente ao Sr. José Leão de Castro, sita no lugar denominado Cordeiro, fugiram as 7 horas da noite do dia 15, duas escravas mãi e filha, sendo a mãi cabra, de nome Maria, representa ter 50 annos, tem os cabellos brancos, he corcovada, tem um dedo da mão esquerda muito fino e torto, proveniente de um panaricio; a filha de nome Rosa, mulata, de idade 24 annos, pouco mais ou menos, he bastante corpolenta, cabellos carapinhos, olhos vesgos, vê pouco por um delles; foram escravas do Sr. coronel Seraphim da Silva Ferraz, morador no lugar chamado Riacho do Navio, distante da Fazenda Grande ou antiga villa de Floresta 5 leguas, hoje pertencem ao abaixo assignado que recompensa com 100$ rs. a quem as apprehender e levar na mesma casa, ou á rua da Cadeia do Recife, loja n. 5.

Antonio Bernardo Vaz de Carvalho.

— Do engenho Mascatinho, sito na freguezia de Una, fugio em um dos primeiros dias de dezembro, um escravo crioulo, de nome Salvador, de idade de 20 annos pouco mais ou menos, baixo, cor preta, tem uma cicatriz no rosto proveniente de uma apostema que arrebentou: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, o peguem e levem-a ao referido engenho, ou no Recife no pateo do Carmo n. 17, que se recompensara.

100$000 de gratificação.

Desappareceu no dia 8 de setembro de 1854 o escravo crioulo, amulatado, de nome Antonio, que representa ter 30 a 35 annos, pouco mais ou menos, nascido em Cariri Novo, d'onde veio ha tempos, he muito ladino, costuma trocar o nome e intitular-se forro; foi preso em fins do anno de 1851 pelo Sr. delegado de policia do termo de Seriuhaem, com o nome de Pedro Sereno, como desertor, e sendo remettido para a cadeia desta cidade a ordem do Illm. Sr. desembargador chefe de policia com officio de 2 de janeiro de 1852 se verificou ser escravo, e o seu legitimo senhor foi Antonio José de Sant'Anna, morador no engenho Caité, da comarca de Santo Antão, do poder de quem desappareceu, e sendo outra vez capturado e recolhido a cadeia desta cidade em 9 de agosto, foi ahi embargado por execução de José Dias da Silva Guimarães, e ultimamente arrematado em praça publica do juizo da segunda vara desta cidade no dia 30 do mesmo mez pelo abaixo assignado. Os signaes são os seguintes: idade de 30 a 35 annos, estatura e corpo regular, cabellos pretos e carapinhados, côr amulatada, olhos escuros, nariz grande e grosso, beiços grossos, o semblante fechado, bem barbado, com todos os dentes na frente: roga-se, portanto, as autoridades policiaes, capitães de campo e pessoas particulares, o favor de o apprehenderem e mandarem nesta praça do Recife, na rua larga do Rosario n. 14, que receberão a gratificação acima de 100$000; assim como protesto contra quem o tiver em seu poder occulto.—*Manoel de Almeida Lopes.*

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1854

MUTILADO